



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CAMILA SARAIVA DE MATOS

**NARRATIVAS DE TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA: CULTURA, EDUCAÇÃO
E SEXUALIDADE**

FORTALEZA

2021

CAMILA SARAIVA DE MATOS

NARRATIVAS DE TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA: CULTURA, EDUCAÇÃO E
SEXUALIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação. Área de Concentração: Educação Brasileira

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- D32n de Matos, Camila Saraiva.
NARRATIVAS DE TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA: : CULTURA, EDUCAÇÃO E
SEXUALIDADE / Camila Saraiva de Matos. – 2021.
89 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos .
1. gênero. 2. educação. 3. travestis. 4. narrativas. I. Título.

CDD 370

CAMILA SARAIVA DE MATOS

NARRATIVAS DE TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA: CULTURA, EDUCAÇÃO E
SEXUALIDADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação do Núcleo História e Memória da Educação- NHIME. Eixo: História e Memória e Práticas Culturais Digitais. Área de Concentração: Educação Brasileira

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

Aprovada em: 26/02/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Rogério Santana
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Lourdes Rafaella Santos Florêncio
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

Prof.^a Dr. Lia Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- (UNILAB)

Aos meus pais, Valter Lourenço de Matos e
Aldenora Saraiva Lima de Matos.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, por me iluminar, proporcionando-me força e determinação e restabelecendo meu ânimo.

Aos meus pais, que são os meus pilares, pelo estímulo e carinho, pelo esforço e dedicação em proporcionar-me uma educação com qualidade que contribuiu para a minha formação tanto humana como intelectual.

À minha amiga Clemilda, pelo carinho, pelo acolhimento e pela compreensão em meio aos momentos bons e difíceis.

À *baby dog*, minha filha, anjo de quatro patas, Yasmin pela qual eu sinto um amor incondicional (*in memorian*).

À minha querida amiga, Maria (*in memorian*).

Ao meu orientador Professor Dr. José Gerardo Vasconcelos, um sentimento eterno de gratidão, pelos ensinamentos, pela confiança em mim depositada, por me guiar pelas trilhas da pesquisa acadêmica e pela preciosa orientação neste trabalho.

Às travestis que compartilharam as suas histórias de vidas, compondo, assim, a essência desta tese.

Ao Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME, em especial, aos Professores Doutores Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Francisco Ari de Andrade, Rui Martinho Rodrigues, Lia Machado Fiuza Fialho, José Rogério Santana, Luís Távora, Fátima Nobre, Aduino e aos demais amigos do NHIME.

Aos funcionários que integram o programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – PPGÉ.

Ao professor Antônio Roberto Xavier, pelas indicações bibliográficas e preciosas observações ao longo da escrita da tese.

À professora Rafaella Florêncio, pelas preciosas observações durante a banca de qualificação, que muito contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

À professora Lia Fialho, pela sua compreensão, pelos seus ensinamentos, pelo incentivo e pelas observações contundentes durante a banca de qualificação.

Às minhas queridas amigas, Luana Monteiro, Janaina Alves, Jéssica Thayane, Gabriela Bernardo, Hyngrid Almeida, cuja amizade constituída ultrapassa os muros da UFC, pois somos amigas e irmãs da vida.

Às amigas, Karla Botão, Bruna Germana, Karla Colares, Cris, por partilhar momentos felizes, desafiadores de luta e resistência durante a caminhada do doutorado.

Ao querido amigo Josivan Alves.

À minha querida amiga Patrícia Freire, que muito contribuiu na elaboração desta pesquisa, cedendo aparatos bibliográficos e colaborando na coleta de dados. O meu muito obrigada, e que a nossa amizade e parceria perdure por muitos e muitos anos.

À minha amiga Tereza, pelos momentos de desabafo, carinho e atenção.

À minha querida amiga Thania Gorayeb, pelos preciosos conselhos e afeto a mim dedicados.

À minha querida e amada irmã, Juliana Saraiva.

Às minhas amigas Nataly, Lívia, Bruna, Jéssica, pelas conversas leves e bem-humoradas que revertiam os momentos inquietantes que passei na construção desta pesquisa, em ensejos de alegria.

À minha querida família Matos, pelos momentos de união, de esperança, de afetos, de alegrias e tristeza que compartilhamos. Meu muito obrigada, em especial para Natália, Rayssa, Hayanne, Aluísio, tia Nilda, Dekka e aos demais membros do grupo tome blue.

À CAPES, pelo financiamento da minha pesquisa.

Meu corpo
Um campo de batalha
Chora, grita e sente
Combate de forma valente
Todo o dia
A mesma e nova transfobia
Me constrói
Cada dia mais uma batalha
Venço, perco, segue empatado
Do lado de ca me fortaleço
Mas eles crescem, não me esqueço
Na mira, sigo perseguida
O corpo, as regras, as normas
Evidência
Hetero, cis, burguês
Essa moral em mim se desfez
Corta, mutila, hormoniza
Transforma a cada dia
De forma desigual é impedida
De ser plenamente reconhecida
Da miséria destinada
À insurreição organizada
Se levanta, me levanto
Sei, nasci pra ser sujeito
Escolhi, decidi, quis ser eu mesma
Me tornei abjeto
Parece comum
Um ser que não parece merecer afeto
A nós, um brinde
Guerreiras sobreviventes
Mais um dia
No campo de batalha
Da vida
Do corpo
Da alma
(Virgínia Guitze)

RESUMO

O escopo do trabalho é compreender, por meio das narrativas, as práticas educativas de gênero das travestis em situação de rua na cidade de Fortaleza, Ceará. Para tal, foram realizadas uma gama de entrevistas não-diretivas, coletadas entre agosto de 2016 e junho de 2019. As narrativas revelam os saberes construídos, experienciados e compartilhados cotidianamente pelas sujeitas entrevistadas. A pesquisa abordou o enfoque da educação informal, tendo como fundamentação teórica as ideias dispostas em: Libâneo (1994) e Brandão (2007). Para debater outras questões, como gênero e sexualidade, utilizou-se o arcabouço teórico disposto em: Louro (2014), Butler (2019), Foucault (1997), Santos (2015), Andrade (2012), Kulick (2008), entre outros autores. Em relação aos aspectos culturais e etnográficos envolvendo o campo da pesquisa, tomou-se como base os estudos de Malinowski (1984), Geertz (2011) e Oliveira (2000). As narrativas foram amparadas com base em autores, tais como: Ferraroti (2014), Xavier (2014), Pollak (1989). Ademais, fez-se necessária uma problematização em relação às estratégias de sobrevivência das travestis na rua, às normas de conduta dos moradores de rua e às ações subjetivas que envolvem todo um contexto de marginalização, usos e abusos do corpo, à produção da feminilidade. No que diz respeito às transformações do corpo, discorreu-se sobre os danos irreparáveis devido ao uso do silicone industrial: “a dor da beleza”. Ao longo do estudo, temáticas, como prostituição e transfobia também foram discutidas. No mais, essa tese expôs as formas como as travestis ressignificam as suas relações de intersubjetividade, seus contextos educacionais e socioculturais. Entre os resultados, obteve-se que as travestis vão morar na rua após romper os laços familiares, pois a família não aceita o fato delas serem travestis; outras apontam que sofreram abuso e violência sexual em casa. No que tange à relação com a escola, muitas não conseguiram terminar o ensino fundamental e apontaram essa instituição como um ambiente excludente e reprodutor da ordem vigente, ou seja, ao invés de desconstruir os estereótipos de gênero, a escola acaba reforçando os padrões heteronormativos.

Palavras-Chave: gênero; educação; travestis; narrativas.

ABSTRACT

The scope of this study is to understand, through narratives, the gender educational practices of homeless cross-dressers in the city of Fortaleza, Ceará. Therefore, a series of non-directive interviews were carried out, between August 2016 and June 2019. The narratives reveal the knowledge that was constructed, experienced, and shared daily by the interviewees. The research approached the focus of informal education, taking as its theoretical foundation the ideas presented by: Libâneo (1994) and Brandão (2007). To discuss other issues, such as gender and sexuality, we used the theoretical framework developed by Louro (2014), Butler (2019), Foucault (1997), Santos (2015), Andrade (2012), Kulick (2008), among others. Regarding the cultural and ethnographic aspects involving the research field, the studies of Malinowski (1984), Geertz (2011) and Oliveira (2000) were taken as a basis. The narratives were based on authors such as Ferraroti (2014), Xavier (2014) and Pollak (1989). In addition, it was essential to debate the survival strategies of cross-dressers on the street, the behavioral norms of homeless people and the subjective actions that involve a whole context of marginalization, uses and abuses of the body, and the production of femininity. Concerning body transformations, the irreparable damage caused by the use of industrial silicone was discussed: "the pain of beauty". Throughout the study, issues such as prostitution and transphobia were also discussed. In this regard, this thesis exposed the ways in which cross-dressers re-signify their intersubjective relationships, their educational and socio-cultural contexts. Among the conclusions was that the cross-dressers decide to live on the streets after breaking family bonds, because their families reject the fact that they are cross-dressers; while others reveal that they have suffered sexual abuse and violence at home. Regarding their relationship with school, many were unable to finish elementary school and considered this institution as an excluding environment and a replicator of the prevailing order, which means that instead of deconstructing gender stereotypes, the school actually reinforces heteronormative standards.

Keywords: gender; education; cross-dressers; narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Cartaz de apresentação do Quarto das Estrelas	43
Foto 2 – A Borboleta Marie.....	43
Foto 3 – Área interna do Quarto das Estrelas	44
Foto 4 – Cumbuca de Coco utilizada para servir o café.....	47
Foto 5 – Móvel da cozinha da “casa na rua”	47
Foto 6 – Fogareiro improvisado utilizado para cozinhar os alimentos	48
Foto 7 – Sala de estar da “casa na rua”	48
Foto 8 – Banheiro da “casa na rua”	49
Foto 9 – Saco Plástico com sobras de alimentos doado pelos restaurantes.....	49
Foto 10 – Escorregador utilizado para armazenar mochilas e outros objetos pessoais.....	50
Foto 11 – Foto da entrevistada durante o período em que ela se produzia.....	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	A BRUTA FLOR DO QUERER: FATOS E PERCEPÇÕES DO SER	
	TRAVESTI	18
2.1	E o que é uma travesti?	18
2.2	Sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual: entendendo os conceitos	32
2.2.1	Sexo biológico	33
2.2.2	Identidade de gênero	33
2.2.3	Expressão de gênero	33
2.2.4	Tipos de identidade de gênero	33
2.2.5	Orientação sexual	34
2.2.6	Outros conceitos	35
2.2.7	Mulher trans x travesti qual a diferença?	37
3	OS MEANDROS DA INVESTIGAÇÃO: O CONTATO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA	39
3.1	Trilhando os caminhos da pesquisa	40
4	CONFLITOS, DILEMAS E VIVÊNCIAS DE TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA	51
4.1	Passarinho de toda cor, gente de toda cor: amarelo, rosa e azul, me aceita como eu sou	52
4.2	A vida despertou o meu lado mais perverso, mas eu também posso ser um amorzinho. E aí, qual versão você deseja conhecer?	60
4.3	Vou mostrando como sou e vou sendo como posso	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXOS	86

1 INTRODUÇÃO

O intuito deste trabalho é compreender, por meio das narrativas, as práticas educativas de gênero das travestis em situação de rua na cidade de Fortaleza, Ceará. O estudo começou a ser gestado em meados de 2016, momento em que finalizei o mestrado e vi a necessidade de rastrear de um novo objeto de pesquisa, a fim de construir um projeto para concorrer à seleção do doutorado.

Para tal, tomo como referência pesquisas anteriores, haja vista que boa parte da minha vida acadêmica dediquei-me a estudar a educação nos espaços não-escolares: trabalhando em pesquisas com adictos nos grupos de narcóticos anônimos - NA e com práticas educativas de prostitutas que atuavam em bordeis localizados no centro de Fortaleza. Sendo assim, busco um objeto de pesquisa que contemple a educação informal e não formal, esquadriada em espaço não-escolar.

A priori, a proposta de investigação para a pesquisa de doutoramento referia-se a um estudo sobre centro notívago da cidade de Fortaleza, cujo propósito visava discutir: história, memória e aspectos socioculturais do centro mediante a ótica dos invisíveis. Alicerçado a uma gama de registros, registros de vida, de imagem, de tempo, de subjetividades, de desconstruções, de produções de saberes, de vivências e de práticas educativas tecidas e arquitetadas por tais sujeitos. Assim, a área de execução da pesquisa contemplava as seguintes ruas e praças do Centro: a avenida do Imperador, a rua Tristão Gonçalves, a Praça do Ferreira e Praça da Estação.

O entusiasmo em explorar de forma mais elaborada o centro notívago da capital cearense surgiu da relação que eu desenvolvi com o bairro durante as noites e madrugadas que calcorreei por suas ruas para visitar os bordeis a fim de coletar dados para a pesquisa de mestrado. Para tal, recorro ao arcabouço teórico de Rago (2008, p. 196), quando diz: “As práticas sexuais ilícitas, as aventuras românticas e a circulação dos afetos configuravam a cidade do prazer e da festa. A cidade noturna vingava-se da cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial”. Durante o horário comercial, o centro evidencia uma organização unidimensional e uma rigidez de normas que camuflam e deixam passar despercebidos pelos indivíduos que por ali circulam, os vários mundos e frontispícios que habitam o bairro.

À noite, as ruas do centro revelam suas diferenças e diversidades que vão se destacando pelas experiências e histórias subterrâneas construídas e vivenciadas pelos transeuntes e os ditos invisibilizados: incluindo prostitutas, bêbados, travestis, usuários de

drogas etc. Esses ocupam ruas, praças, bares, logradouros, prostíbulos e potencializam, no centro da capital, o espírito livre e a embriaguez dionisíaca, fazem emergir as heterogeneidades que se diluem de forma intensa e veloz tornando a cidade viva. Logo, o mundo marginal destaca, com condutas intrínsecas, linguagens, leis e práticas que se esculpem em uma cultura particularizada e compõem um cenário de caos e orgia.

O centro notívago revela um modo diversificado de funcionamento desejante, que nas palavras de Maffesoli (1985, p. 47) pode ser definido como: “Processo, que chamo de centralidade subterrânea, um verdadeiro conservatório de saber viver popular, que somente se mostra em algumas situações paroxísticas”. Sendo assim, caminhar no período noturno pelas ruas do centro da capital cearense exigiu um olhar apurado que se dilata a um novo modo de observar o que acontece ao redor. Uma percepção que inquieta e foge às coisas imediatistas, que se desloca de forma latente e permite a construção de experiências vigentes e transformadoras.

O trabalho exordial de imersão ao campo apontou para outros meandros de investigação e levou a ressignificar o objeto de estudo. Um grupo em específico me chamou atenção: o grupo das travestis. Diante de tal epifania, postulo estudar especificamente as travestis do centro de Fortaleza. O primeiro contato com o campo de pesquisa iniciou em agosto de 2016. Contudo, era necessário construir estratégias e argumentos de pesquisa e, para tanto, pondero as seguintes indagações: o que de fato havia despertado o meu interesse em trabalhar especificamente com as travestis? O que eu iria pesquisar? Quais as questões que seriam discutidas na tese? Afinal, o que é uma travesti?

O desafio incipiente da investigação é: como abordar os sujeitos da pesquisa? Como conseguir uma aproximação sem causar um estranhamento? E de que forma iria convencê-las a compartilhar a sua história de vida comigo? Então, diante de todas essas questões recorro ao meu orientador, o professor Gerardo Vasconcelos. Ele possui uma larga experiência com pesquisas pautadas em narrativas com sujeitos invisibilizados e de caráter etnográfico. Logo, ele poderia me ajudar a desenvolver métodos e estratégias para que conseguisse uma aproximação com as travestis.

Para tal, foram realizadas coletas de dados e informações utilizando como técnica observações diretas participativas, entrevistas não diretas colhedoras de narrativas e, como instrumento, foi providenciado um diário de campo com anotações pertinentes à pesquisa. Quanto às técnicas de interpretação, empregamos a análise do discurso narrativo crítico sócio-histórico (Chizzotti, 2018).

Sendo assim, essa tese apresenta as interlocuções dispostas por Gabi, Michelle, Sabrina, Nicole, Letícia, Kyara, Lavínia e Laís¹, entre outros nomes que serão citados no decorrer do trabalho. Durante o período da pesquisa, as entrevistadas tinham idades entre 22 e 50 anos.

As narrativas revelam uma vida marcada pela violência, pelos preconceitos, pela pobreza, pela rejeição familiar, pela vida dividida entre a liberdade e o cárcere, pela prostituição como meio de sobrevivência, pelos danos físicos e irreparáveis devido ao uso do silicone industrial, “a dor da beleza”; mas também pela camaradagem, pelo altruísmo, pela alegria e pelos saberes construídos em contexto de transgressão.

Tenho como problemática de pesquisa desvelar a obscuridade das múltiplas facetas que culminam as subjetividades em ser, fazer e torna-se travesti. Para tal afirmativa, a minha tese conjectura que as travestis não são apenas estereótipos e clichês que permeiam o submundo noturno, mas sujeitos que produzem e reproduzem diversos saberes. Sendo assim, fora desenvolvida uma gama de entrevistas, nas quais ressalta-se a convivência com o outro e com o próprio submundo que habitam, conseqüentemente a importância de conhecer e estudar aspectos educativos do mundo destas invisibilizadas e não somente as suas desobediências e contravenções às normas convencionalmente estipuladas. Além de tudo, o debate sobre gênero, sexualidade e educação alicerçam esse estudo, haja vista que a figura das travestis denota ações reflexivas, problematizadoras e de entendimento no que cerne a diversidade sexual humana.

Este estudo também apresentar a dinâmica de transformação interpreendida pelas travestis, que pode se estender pela eternidade ou findar no dia seguinte, destacando o quão complexas são as performances de gênero que escapam aos dispositivos identitários. Tais questões foram evidenciadas pelas histórias das travestis Kyara e Laís. Em um dos encontros com Kyara, ela estava caracterizada de José. No entanto, ela foi pontual em dizer: “na sua frente você ver o José, mas a essência e a mente é a Kyra”. Em contrapartida, Laís reforça em sua fala e em seus atos ser travesti em tempo integral e que não há mais espaço para sua antiga identidade. Logo, Kyara aponta os aspectos transitórios, diversificados e históricos presentes nas performances de gênero no seu caso; tal performance não é integrada como sendo definidora de uma identidade, ao passo que Laís e outras pesquisadas reconhecem um caráter identitário.

Dentre outras questões, pontuo o pensamento disposto por alguns autores, tais como Nogueira (2013), Bento (*apud* Pelúcio, 2009) e Gomes (2019), que dizem que o corpo das travestis está em um processo ininterrupto de construção e transformação, atentando que essa

¹ Pseudônimos adotados com a finalidade de preservar a identidade das entrevistadas.

multiplicidade pujante que compõe o ser travesti alerta para percebermos que o corpo não condiz com uma tabua rasa, pois somos resultados e vivências de corpos modificados, transformados, em processo; corpos desmedidos de significações, no entanto, alimentamos ideias quiméricas de completude que, muitas vezes, tende a camuflar as nossas reais pluralidades. Sendo assim, à luz da poesia de Raul Seixas, eu percebo as transvestis como “metamorfoses ambulantes” que, em seu infinito particular, constroem e desconstroem seus corpos, bem como ressignificam as suas relações de intersubjetividade, seus contextos familiares, educacionais e socioculturais.

Desse modo, Louro (2000, p. 8) considera que:

Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma "marca" definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo. Weeks (1995) lembra que o corpo é inconstante, que suas necessidades e desejos mudam. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica.

O corpo é contextualizado e atravessado por acontecimentos sócio-históricos, culturais, políticos, educacionais e pela linguagem e isso, por sua vez, corrobora para um processo contínuo de construção, desconstrução, transformação e ressignificação. O corpo se constitui não pela continuidade, pela coerência, mas pelas rupturas. O corpo é flutuante e os seus desejos e primordialidades se transmutam. Louro (2000, p. 8) destaca: “Os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das ‘evidências’ dos corpos”. A autora acrescenta que:

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (Louro, 2000, p. 8-9)

A partir das reflexões trazidas pela citada autora, este estudo traça uma discussão a fim de atinar, até que ponto as constantes transformações e ressignificações em relação ao corpo distanciam ou aproximam os sujeitos da pesquisa aos modelos hegemônicos de gênero, no que

se refere às delimitações para elaborar a feminilidade, bem como utilizam e constroem discursos excludentes para deslegitimar o outro.

No que cerne aos aspectos metodológicos, pontuo que esta pesquisa é do tipo exploratório-descritiva com abordagem qualitativa a partir do método (auto)biográfico (Gil, 2010; Severino, 2013; Ferraroti, 1985). Também emprego a história oral como recurso metodológico que auxiliou a coleta de informações através das narrativas.

O processo discursivo assume papel relevante no desenvolvimento de toda pesquisa, tornando-se necessário trabalhar com a narrativa de travestis, tendo em vista que a narrativa permite compreender os sujeito não apenas por uma perspectiva contínua, mas propondo descobertas acerca da sua complexa história de vida, considerando as possíveis rupturas que cercam a sua existência, assim revela Thompson (1992, p. 137): “[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”.

A história oral oportuniza a análise dos ditos excluídos, marginalizados, das minorias, ressaltando a importância de memórias subterrâneas que integram as culturas minoritárias e dominantes, contrapondo à memória oficial, à memória nacional. Assim, visa reabilitar a periferia e a marginalidade. O que prevalece é o enfoque dos excluídos, do não-dito, o que está nas entrelinhas. A memória marginal prevalece distante das vias oficiais, buscando o ensejo da escuta para que, dessa forma, aflore ao espaço público. A memória revela, de forma seletiva, os rastros e ensaios vividos pelas travestis, que filtram o que pode ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Sendo assim, destaco que, ao trabalhar com narrativas, alguns aspectos devem ser levados em consideração, tais como o fato de que o sujeito, ao relatar acontecimentos vividos por ele, muitas vezes, até os reconstrói, ressignificando-os e apresentando uma nova interpretação. Portanto, a narrativa não é uma verdade pontual, no sentido de que o informante, quando restabelece suas ideias para o relato, pode reconstituir experiências apresentando uma nova compreensão, uma interpretação e uma nova perspectiva (Matos, 2016).

As narrativas se acentuam em forma de entrevistas intermediadas por um gravador digital, responsável por armazenar os dados coletados, que, posteriormente, serão analisados a partir das transcrições das entrevistas. A técnica da transcrição permite ao pesquisador reconstruir a fala dos informantes, reagrupando as entrevistas com destaques que se fixam nas lembranças dos próprios narradores: recortar a entrevista e reagrupar as partes mais importantes destacando a aura temática.

Em outras palavras, ocorre uma classificação interna das entrevistas, por meio da qual se filtram as falas, deslocando o discurso da oralidade para documentos recriados e, nesse caso, entra em cena a subjetividade do pesquisador, pois esse, ao ouvir e transcrever as narrativas, também as ressignifica. Assim, Ferraroti (2014, p. 74) pontua:

Cada entrevista biográfica é uma interação social complexa, um sistema de papéis, de injunções, de normas e valores implícitos, e muitas vezes também de sanções. Cada entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder; recorre ao carisma e ao poder das instituições científicas sobre as classes subalternas e evoca reações espontâneas de defesa própria dessas classes. Ninguém conta sua própria vida e suas próprias *Erlebnisse* a um gravador, mas a um outro indivíduo. As formas e os conteúdos de uma narrativa biográfica variam de acordo com o interlocutor; depende da interação representada pelo campo social da comunicação e se situam no interior de uma reciprocidade relacional. O entrevistador jamais está ausente, nem mesmo quando simula ausência de ausente; ele é sempre um interlocutor, ainda que, aparentemente, rejeite qualquer reciprocidade. A ilusão da objetividade nega a qualidade relacional da narrativa biográfica; se por vezes o entrevistador a reconhece, é para exorcizar seu papel constitutivo e relegá-la à margem do processo, entre os resíduos subjetivos diante dos quais a objetividade das ciências humanas revela-se impura.

Deste modo, a narrativa biográfica se constitui por emanar vínculos tecidos entre o pesquisador e o pesquisado em meio a uma relação recíproca que se deslinda a um conhecimento científico requerendo uma interpretação de tal interação. A narrativa permite elencar ações sociais, mediante experiências do sujeito, que tendem a transmutar os fatos de sua vida acentuando suas percepções.

O trabalho em questão está estruturado por um amalgamado de três capítulos além desta introdução, que tecem argumentações preconizando uma desconstrução, uma reconstrução e uma ressignificação no que tange às questões de gênero, sexualidade, educação e travestilidade.

A seção inicial apresenta uma discussão a respeito do que é uma travesti, bem como traça uma problematização sobre gênero, sexualidade e construção da feminilidade empreendida pelas travestis.

A seção seguinte, intitulada “os meandros da investigação”, apresenta a imersão ao campo de pesquisa por meio da descrição densa dos espaços visitados, enfatizando o contato inicial com os sujeitos da pesquisa.

Na sequência, a terceira seção apresenta as interlocuções produzidas por um grupo de travestis que vivem em situação de rua, no qual elas destacam os compassos e descompassos em ser, fazer e tornar-se travestis.

2 A BRUTA FLOR DO QUERER: FATOS E PERCEPÇÕES DO SER TRAVESTI

Eu sempre tive afinidade com o universo feminino. Quando criança lá pelos 10 anos, a minha diversão era vestir as roupas da minha irmã escondida e ficar em frente ao espelho dançando. E quando eu fui crescendo, essa vontade de me travestir, só aumentava, então lá pelos 15 anos eu comecei a me montar, fui deixando meu cabelo crescer, afinando a sobrancelha, colava cílios postiço, usando umas roupas mais justas, fiz amizade com outras travesti e fui usando hormônios e aos poucos, fui dando toques femininos ao meu corpo. É aquela coisa mona: eu sou travesti desde quando estava no útero de minha mãe.

O relato citado é de Gabi, travesti que conheci e entrevistei na praça de Gentilândia, em 2019. A interlocução de Gabi clarifica as questões a serem debatidas nesta sessão, que discute sobre o que é uma travesti, bem como destaca o processo de construção da feminilidade mediante tecnologias de gênero, além do que outras temáticas também serão elucidadas, tais como binarismo (sexo/gênero/masculino/feminino), identidades de gênero, orientação sexual, nome social, sujeitos cisgênero, transgênero, transexual, intersexual, assexuado.

2.1 E o que é uma travesti?

Partindo das assertivas dispostas por Kulick (2008), Pelúcio (2009), Santos (2015) e Jesus (2012), destaco a figura das travestis como sendo sujeitos que nasceram com o sexo genital masculino, mas vivem em papéis de gênero feminino, e, para tal, elas desenvolvem uma relação intrínseca com o feminino, exteriorizada por meio de algumas peculiaridades por elas legitimadas, a exemplo, adotam nomes feminino, roupas femininas, penteados e maquiagem feminina, pronome de tratamento feminino,² investem em alterações físicas e estéticas, mediante terapias hormonais, aplicação de silicone ou de cirurgias plásticas, cujo propósito é adquirir curvas e formas sinuosas do corpo feminino, com seios fartos, quadris largos, coxas grossas, bunda bem avantajada e cabelos longos.

O intuito é produzir corpos femininos hiperbólicos. Apesar de todas essas transformações, muitas das quais irreversíveis, as travestis não se identificam como homens ou mulheres, assumindo um limítrofe entre o que é ser homem e o que é ser mulher, sendo constituintes de um terceiro gênero ou um não gênero (Jesus, 2012), ou, como destaca Luísa Marilac (2019, p. 18): “travesti como gênero autônomo”. Ademais, as travestis que participaram deste estudo não manifestam o desejo em extrair o pênis, com o qual convivem sem qualquer infortúnio. Tal fato pode ser melhor esclarecido a partir das interlocuções dispostas por Nicole:

² As travestis, para além da forma como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, julgando ultrajante serem adjetivadas no masculino, logo: As travestis, sim. Os travestis, não (Jesus, 2012).

O fato de ter um pênis não me faz menos mulher ou me torna mais homem. Eu não tenho problema com meu pênis, quem tem problema com isso é a sociedade homofobia, preconceituosa. A figura feminina para mim é uma inspiração. Eu vou me construindo como mulher, vou modelando o meu corpo, e a minha feminilidade para ser a mulher que eu desejo ser. Eu usei hormônio feminino, depois eu coloquei silicone industrial na bunda, prótese nos seios. Então, eu posso ter um membro, a genital masculino, mas eu sou mulher, porque eu assumo práticas femininas. Eu me sinto mulher. Sou tão mulher, que sou homem duas vezes: ao pintar meu cabelo, colocar um vestido, maquiar meu rosto e ir para o meio da rua enfrentar uma sociedade onde o preconceito é implacável. Então pra mim, ser travestir é isso: é colocar pra fora a mulher que habita e mim, mas eu não tenho vontade alguma de fazer cirurgia para retirar meu pênis. Eu sou mulher com pau, uma bela comissão de frente e popozão de fazer inveja. Essa sou eu. Então da licença querida, que sou é travesti.

As colocações de Nicole se alinham ao pensamento disposto por Pelúcio (2009), ao destacar as ações performáticas como sendo basilares para a existência das travestilidades, dado que elas não podem ter uma existência concreta sem um corpo remodelado, frisado por um feminino que tende a borrar, nesses corpos, o masculino, mas sem apagá-los por completo.

Visando um melhor entendimento das questões expostas, recorro ao pensamento disposto por Butler em sua obra “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2019), nos estudos apresentados por Guacira Louro, em seu livro “Gênero, sexualidade e educação” (2014) e na obra “O corpo educado: pedagogias da sexualidade” (1999).

Desse modo, eu busco inicialmente compreender o que vem a ser o sujeito. Segundo a ótica de Butler (2019), o sujeito atua como um predicamento linguístico e por isso ele é sujeito em processo, um sujeito fluido. A autora ressalta que o sujeito é preexistente. Só se constitui sujeito a partir da relação que ele estabelece com o meio. No caso, são as experiências que os cercam e a forma como tais experiências os atingem é que torna esse sujeito um sujeito.

As assertivas dispostas nos estudos de Butler atentam para o fato de que o sujeito está continuamente se construindo e se desconstruindo. Ele é permeável, ele é instável e, logo, não existe uma ordem fixa do sujeito. O sujeito é um construto performativo, decorrente dos padrões do corpo social e das circunstâncias às quais é exposto. Butler (2019, p. 202) destaca que “O poder da linguagem de atuar sobre os corpos é tanto causa de opressão sexual como caminho para ir além dela”.

Por conseguinte, busco subsídios para problematizar e depreender a respeito do gênero e do corpo, tal como esclarecer o emaranhado das performances que fogem aos dispositivos identitários. Destaco como ponto de partidas para tais problematizações os questionamentos empreendidos por Butler (2019, p. 193) que diz: como que alguém se “torna um gênero”? Qual é o momento ou mecanismo da construção do gênero? E talvez, mais

pertinentemente, quando entra esse mecanismo no cenário cultural e transforma o sujeito humano num sujeito com características de gênero?

Desde o momento da concepção de uma criança, se indaga: será menino ou menina? Tal pergunta não é casual, uma vez que atesta que, antes mesmo de nascerem, os indivíduos são rotulados e colocados em escaninhos distintos. Em um deles ficam a figura masculina, e no outro a figura feminina. O que deveria ser uma questão trivial em relação a nossa existência, torna-se medular, na qual se pauta o destino de todos os seres humanos.

Dessa forma, enseja-se que os meninos gostem de azul, brinquem com carrinhos, com bola, sejam fortes, não chorem; e as meninas gostem de rosa, brinquem com bonecas, sejam meigas, delicadas, vaidosas e se comportem como verdadeiras “princesas”. Tais comportamentos não são tidos como naturais, isto é, não nascem com sujeito, logo são construídos culturalmente.

Posto isso, tem o fato de que ao nascer com um pênis não significa que o indivíduo irá espontaneamente gostar de futebol, andar de skate, apreciar artes marciais, falar grosso. Tal qualmente nascer com uma vagina não constitui uma pessoa dócil, sentimental, pacífica, vaidosa. Logo, o que é ser homem e o que é ser mulher representa as construções sociais e históricas elaboradas em relação às características biológicas. Assim, homens e mulheres são construções da realidade social e não decorrência direta da anatomia dos seus corpos.

À vista disso, Louro (2014, p. 25-26) ressalta: “Ao dirigir o foco para o caráter ‘fundamentalmente social’, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com os corpos sexuais, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”.

Tal fato desperta o campo das ciências sociais e humanas ao propósito de diferenciar o enfoque biológico do enfoque social. Para as ciências humanas, o gênero é tomado como base conceitual para compreender a maneira como as identidades e as relações de intersubjetividade se constroem culturalmente. O gênero atua como uma categoria formada por elementos culturais que tendem a refletir a nossa identidade, a relação que desenvolvemos com o nosso corpo, bem como a forma de se relacionar com outro. Nesta lógica, entende-se que o gênero não está atrelado ao sexo de forma significativa e, por conseguinte, pode ser difundido para além das limitações impostas pela expectativa binária manifestada no sexo.

Para Butler (2019, p. 195), “O gênero seria uma espécie de ação cultural/corporal que exige um novo vocabulário, o qual institui e faz com que proliferem participios de vários tipos, categorias ressignificáveis e expansíveis que resiste tanto ao binarismo como às restrições gramaticais substantivadoras que pesam sobre o gênero”.

Nessa continuidade, entendo que é no contexto das relações sociais que se constroem os gêneros, ou seja, o indivíduo não encarna com um gênero pronto e acabado, concedido pela natureza, tampouco pode ser fixado como uma representação fulcral que localiza-se intrinsicamente atada ao imo dos sujeitos; longe disso, pois sua construção ocorre diariamente e, por isso, pensar essa discussão com base no campo das ciências sociais torna-se de suma importância, tendo em vista que é nele que se idealizam e se engendram as relações desiguais entre os indivíduos. Portanto, as argumentações para tais desigualdades necessitam serem investigadas, não diferenças biológicas, mas disposições históricas, sociais, nas circunstâncias de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (Louro, 2014).

Desse modo, debater sobre as questões de gênero implica em um exercício de reflexão de modo que tal discussão atenda uma pluralidade evidenciando que as concepções e as interpretações a respeito de mulheres e homens são díspares. Assim, verifica-se que as perspectivas em relação ao gênero divergem não somente entre dada comunidade ou períodos históricos, mas no âmbito de um corpo social, pois esse é composto por diferentes grupos, por diferentes etnias, por diferentes classes sociais, diferentes religiões etc.

Ademais, destaco que, ao estudar sobre gênero, busco traçar uma problematização que se estenda para além do discurso reducionista que visa analisar os papéis impostos a homens e mulheres. Tais papéis são instituídos de forma despótica, tendo em vista que ocorre uma imposição e uma idealização do modo de ser e agir feminino como sendo a forma certa de ser mulher, igualmente criam um modelo, um padrão de ser homem. Assim, é construída uma perspectiva social em relação ao modo como mulheres e homens devem se comportar, exibir os seus corpos, relacionar-se afetivamente, sentar, falar, trabalhar, dirigir, entre outras coisas, ou seja, ocorre uma disposição de aprendizados a fim de deliberar as atribuições que os indivíduos devem seguir mediante as adequações do que vem a ser pertinente para mulheres e para homens na biocenose.

Entretanto, há uma série de possibilidades no que tange ser mulher e ser homem que não são e nem devem ser pautadas em certo ou errado, pois são maneiras e possibilidades diversas de existir enquanto sujeitos. E, seguindo tal dialética, sinalizo: “[...] não há razão para dividir os corpos humanos em sexo masculino e feminino, exceto que uma tal divisão é adequada às necessidades econômicas da heterossexualidade, emprestando um lustro naturalista à sua instituição” (Butler, 2019, p. 196).

Nesta lógica, me alinho com as disposições apresentadas por (Louro, 2014) na tentativa de compreender o gênero como um constitutivo da identidade do sujeito. A autora destaca a complexidade envolvendo o conceito de identidade. Logo, ela pauta suas discussões

tomando como base as concepções mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais com o intuito de perceber os sujeitos em suas multiplicidades, de forma plural, em que as identidades não são fixas, são imutáveis e podem ser até contraditórias. Segundo Louro (2014, p. 28):

Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. — constitui o sujeito e pode lavá-lo a se perceber como se fosse “empurrado em diferentes direções”, como diz Stuart Hall (1992,p.4) ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, é negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes de gênero. Estas práticas e instituições “fabricam os sujeitos”. Busca-se compreender que a justiça, a Igreja, as práticas educativas ou de governo, a política e etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são “genericados”. –produzem-se, ou “engendram-se”, a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também das relações de classe, etnia, etc.).

Ademais, a referida autora enfatiza que debater sobre as questões de gênero implica em debater sobre as questões de sexualidade. Logo, torna-se ponderoso compreender as distinções entre gênero e sexualidade ou entre identidade de gênero e identidades sexuais. Louro (2000, p. 6) dispõe que:

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais

Assim sendo, as identidades, seja de gênero ou sexuais, não ocorrem de forma espontânea, automática, facilmente assumida, não são concedidas e findadas em um período determinado. Essas são construídas e atravessadas por uma multiplicidade de discursos, de símbolos, de práticas, de normas; são pautadas por aspectos sócio-históricos, étnicos, de classe, são mutáveis e contraditórias.

A luz do pensamento de Joan Scott (1995), destaco que o gênero constitui uma categoria historicamente delineada e que não se institui meramente nas diferenças de sexo, haja

vista que ele atua como uma categoria disposta a dar um cabimento a esta diferença. O gênero corrobora para se pensar e discutir as relações sociais que englobam mulheres e homens; tais relações historicamente estabelecidas e manifestadas por meio de discursos sociais a respeito da diferença sexual. O gênero assume a finalidade de estabelecer aquilo que é cultural, social e historicamente estipulado.

Assim, a maneira como o indivíduo se reconhece socialmente e historicamente, como masculino e feminino, constitui suas identidades de gênero. Consequentemente, identidade de gênero corresponde à percepção que o sujeito tem como sendo do gênero masculino, feminino ou ainda combinando os dois gêneros.

Conforme Louro (2014, p. 30-31),

Ora é evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente inter-relacionadas; nossa linguagem e nossas práticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que –tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade –as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar o momento –seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade –que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Dessa forma, debater e pluralizar sobre as questões de gênero e sexualidade visando não adotar uma perspectiva reducionista entre gênero e sexualidade implica em tensionar e romper com os discursos hegemônicos que alicerçam a heterossexualidade, tendo em vista que somos pautados por uma ordem compulsória que busca uma sequência lógica entre um sexo, um gênero e um desejo (Butler, 2019). Tal perspectiva instaura que homens e mulheres se moldem ao sistema heteronormativo. Assim, os conceitos cristalizados que se lançam ao gênero e à sexualidade constroem uma naturalidade ilusória que perpassa os discursos de poder cuja finalidade é a sustentação da heteronormatividade.

Aqueles que não se enquadram na heteronorma, que define as assertivas para os gêneros tomando como base as concepções biológicas das sexualidades, que dirige a identidade masculina e feminina aos atributos biológicos, tendem a serem tachados de desajustados, abjetos, compondo o domínio do desumanizado. Destarte, Louro (2014) ao referenciar Butler, pontua que é preciso traçar subsídios teóricos a fim de ponderar a maneira como a sexualidade é regulada através do policiamento e da censura de gênero.

O resultado substancial desse processo de desconstrução e pluralização de gênero, tal como as distinções entre gênero e sexualidade contribuirão significativamente para entender

e incluir as diversas formas de feminilidade e masculinidade que se integram socialmente. Por conseguinte, o gênero pautado em uma perspectiva binária acarreta uma ideia singular de masculinidade e feminilidade, ignorando os demais sujeitos sociais que não condizem com tal lógica. Tal fato leva a perceber e atinar que, assim como o gênero, o sexo também se estabelece como produto da cultura, e deslindar por essa percepção torna-se bem mais instigante e contribui para entender a feminilidade construída pelas travestis em situação de rua.

Ainda assim, Santos (2015, p. 76) pondera:

Ainda hoje, percebe-se que a ordem de gênero é reivindicada para organizar as sociedades, definindo papéis rígidos e em oposição para homens e mulheres; além de estabelecer o tipo de relacionamento possível entre eles. É dessa forma que a relação heterossexual é apresentada como única e legítima, e todos os valores e comportamentos que não se enquadram nesse padrão são diminuídos pela sociedade.

Todavia, questiono se: há possibilidade de viver em desalinhamento às normas vigentes meramente estipuladas? Bem como, o conjunto de indivíduos que se constituem às margens da ordem compulsória instaurada pela heteronorma, apontados como minoria, sendo considerados abjetos, corpos que não alcançam uma legitimidade social, corpos ininteligíveis, que não se encaixam nos ideais hegemônicos no que tange às questões de gênero, sexualidade, etnia. Corpos cujo materialidade não alcança relevo político-social sendo percebidos e classificados como não importantes, fazendo que o indivíduo extravia-se, de forma parcial da sua condição de humano (Butler, 2003), podem se constituir e se firmar maioria tornando os territórios e as persistências de opressão espaços de resistência, luta e exercício de poder?

Diante dos questionamentos apresentados, os estudos de Butler em conformidade com os estudos de Foucault dizem que o gênero é circunscrito pelas disposições de poder e, nesse sentido, não existe possibilidade de escolha livre. No entanto, ela apresenta caminhos de subversão, formas que potencializam linhas de enfrentamento diante das estruturas de poder, formas que intrujam as expectativas de gênero. Conseqüentemente, a subversão possibilita que sujeitos apontados como identidades minoritárias, e conseqüentemente excluídos, tratados como “dissolutos” e “esquisitos” tenham suas existências legitimadas e vivíveis, isto é, os corpos abjetos tornam-se “habitáveis” (Cardoso; Soares; Lima, 2017).

Em consonância com as ideias apresentadas, Louro (2000, p. 9) acentua:

Podemos afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas. As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder. A “política de identidade”, antes referida, ganha sentido nesse contexto, pois, como diz Tomaz T. Silva (1998), é através dela que *“os grupos subordinados contestam precisamente a normalidade e a hegemonia”* das identidades tidas como “normais”.

Sendo assim, eu destaco as minhas colaboradoras de pesquisa. Afinal, à travesti imputa o papel de desestruturar a ordem vigente de gênero indo de encontro com as teorizações e os argumentos biológicos essencialistas, pois ela exprime ser o gênero, resultante de uma ação performática e não biológica; a construção do gênero não é uma constante do sexo cujo indivíduo retrata. No caso, das travestis, esta alegação é axiomática: mesmo tendo o seu sexo culturalmente definido como de homem, dado que desde o nascimento lhe foi identificada a genitália masculina, o pênis, elas agem na produção do gênero feminino. Elas empregam de forma intensa parte de seus dias na construção de uma feminilidade que disponha de um reconhecimento social (Santos, 2015).

Nesta sequência Butler (2019, p. 236) expõe as reflexões da antropóloga Esther Newton que diz:

[...] a estrutura do travestismo revela um dos principais mecanismos de fabricação através dos quais se dá a construção de gênero. Eu sugeria, igualmente que o travesti subverte inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos interno e externo, e zomba efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade de gênero. Newton escreve: Em sua expressão mais complexa, [o travesti] é uma dupla inversão que diz que a “aparência é uma ilusão”. O travestis [curiosa personificação de Newton]: “minha aparência ‘externa’ é feminina, mas minha essência ‘interna’ [o corpo] é masculina “Ao mesmo tempo, simboliza a inversão oposta: “minha experiência ‘externa’ [meu corpo, meu gênero] é masculina, mas minha essência ‘interna’ [meu eu] é feminina.

As alegações expostas são contraditórias tal qual se percebem e leem a figura das travestis: transgressora, emaranhada, ambígua. No entanto, o que está em xeque é a manutenção das significâncias do gênero do transcurso do verdadeiro ou falso. Ademais, a subversão apresenta-se intrinsecamente atada à abjeção, haja vista que o corpo abjeto retrata o corpo que escapa as expectativas da ordem vigente, logo, ele é lido com desdém e, nesse caso, a subversão atua como forma de transgressão e sobrepuja as concepções que institui o gênero e a sexualidade, oportunizando e dando visibilidade aos sujeitos que têm a sua existência negada e estigmatizada. Assim, voltar o olhar a uma percepção que subverte, que desconstrói e que pluraliza o gênero torna-se de suma importância e preconiza uma constante desconfiança, no sentido de expor a fragilidade das normatizações que tendem a determinar que aquilo é tido como “normal” e por essa razão marginaliza os indivíduos que não se enquadram em identidades dominantes.

Por conseguinte, os estudos de Butler atentam para a compreensão do gênero como sendo performativo³, tendo em vista que a autora põe em discussão a inteligibilidade das

³ À luz do pensamento de Butler, destaco que o gênero se constitui por meio de uma sequência repetitiva de atos, gestos e signos, inscritos culturalmente que corroboram para a elaboração de corpos femininos e masculinos

identidades, problematiza o fato dessa tal identidade ser obtida por meio de uma conformidade, de forma preestabelecida e padronizada, entretanto, alguns indivíduos esgueiram-se. E, nesse ponto, Butler atenta para a noção do sujeito que é questionado no instante em que advir culturalmente, sujeitos cujo gênero representa incoerências e descontinuidades. Assim, Butler (2019, p. 234) destaca:

A construção da coerência oculta as descontinuidades do gênero, que grassam nos contextos heterossexuais, bissexuais, gays, lésbicos, no quais o gênero não decorre necessariamente do sexo, e o desejo, ou sexualidade em geral, não parece decorrer do gênero — nos quais, a rigor, nenhuma dessas dimensões de corporeidade significativa expressa ou reflete outra. Quando a desorganização e desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora da coerência heterossexual, parece que o modelo expressivo perde sua força descritiva. O ideal regulado é então denunciado como norma e ficção que se disfarça de lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever.

Nesse sentido, a subversão atua como um escapamento, uma fuga dos corpos às limitações impostas pela heteronormatividade, isto é, ela acaba por constituir um distanciamento que atua no núcleo próprio da norma, pondo-a, assim, em situação revés. Compreendo a subversão como sendo um mecanismo substancial que possibilita a composição de corpos performativamente inteligíveis, ou seja, produz conjunturas para que os sujeitos invisibilizados, taxados como “anormais” “desviantes”, aqueles cujo corpos se encontram na mira das mais diversas violências, construa linhas de resistências diante dos aspectos excludentes, violentos e estigmatizantes. A subversão alicerça uma discussão que se estende para além dos estereótipos e clichês, busca elaborar uma percepção que problematiza a normatividade, tendo como base o fato de que essa aniquila determinados grupos, que coíbe os gêneros em sua pluralidade.

Contudo, ao deslocar o meu estudo para as travestis, torna-se necessário discutir dadas questões e, para isso, irei utilizar o pensamento disposto (Miskolci; Pelúcio, 2007), destacando que apesar de desestruturar o binarismo de sexo/gênero, as travestis, ainda que paradoxalmente, tendem a enfatizá-lo através de seus discursos e suas práticas. No entanto, esse paradoxo atua como uma condição para que elas manifestem seus dilemas e conflitos com as

seguindo o script da ordem compulsória e assim apresentando corpos tais quais visualizamos comumente. O gênero configura um ato carregado de intencionalidade, um gesto performativo que engendra sentidos e significâncias. Deste modo, Butler (2019, p. 235) ressalta: Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes que sugerem, mas nunca revelam o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, esses gestos e essas atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que, por outro lado, pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade.

normas de gênero vigente, ou seja, ao mesmo tempo em que elas se desorganizam por meio de suas vivências, o binarismo de gênero prevalece atado a uma heterossexualidade normalizadora. Tal fato, corrobora para elas se reconhecerem enquanto homens, mas que anseiam “passar por mulher”.

Sendo assim, além de exteriorizar compleição física que imprime características e atributos tidos como legítimos da mulher biológica, elas também se dedicam a uma educação corporal e moral que constitui símbolos, linguagens e códigos culturais próprios.

Deste modo, os teóricos Miskolci e Pelúcio (2007, p. 263) salientam:

No sistema de gênero construído pelas travestis, chama a atenção a visão essencialista que elas parecem ter sobre os atributos de gênero. Como observou Kulick (1998), as travestis desenvolvem um “construtivismo essencialista”. Subvertem a própria idéia que comungam de ser o sexo biológico o definidor do gênero. Por outro lado, reforçam o binarismo a partir de um conjunto de preceitos morais que determinam e demarcam o que é ser homem e mulher, respectivamente: ser ativo/passivo; ter força/suavidade; guiar-se pela cabeça/coração. A partir dessa visão, esperam que os “homens de verdade” sejam másculos, ativos, empreendedores, penetradores. Elas não são “homens de verdade”, são “bichas”, “viados”, “monas”. Tampouco são mulheres, nem o desejam ser. São “outra coisa”, uma “coisa” difícil de explicar, porque, tendo nascido “homens”, desejam se parecer com mulheres, sem de fato ser uma, isto é, ter um útero e reproduzir.

As questões apresentadas pelos autores se alinham com as interlocuções de minhas entrevistadas considerando que em seus discursos elas enfatizam de forma jocosa que são as “mulheres atuais: de peito e pau que não engravidam e não menstruam”. No entanto, o fato de não possuírem a genitália feminina não configura um empecilho para que elas construam uma feminilidade que seja legítima e que vislumbre os olhares, a admiração e o desejo dos homens. Outro aspecto de destaque que as entrevistadas relataram foi: até saíam com as mariconas⁴ para fazer programa e assumiam o papel de ativa, mas no âmbito das suas relações privadas, com seus companheiros, elas não admitiam assumir tal papel, pois elas gostavam de “homem de verdade”.

Uma outra questão que denota atenção é o fato da sexualidade atuar como um marcador da experiência travesti (Kulick, 2008). Kulick acrescenta que as travestis se declaram homossexuais-homens que desejam outros homens e que se modelam e se complementam como objeto de desejo desses homens. A conjunção *sui generis* de características físicas femininas e de subjetividade homossexual masculina tornam as travestis seres singulares e quase que únicos no mundo. Elas modificam seus corpos de forma imutável, mas não manifestam a condição de

⁴ De acordo com o dicionário pajubá, mariconas se caracteriza por homens mais velhos que fazem programas com travestis.

mulher. Tais fatos podem ser melhor compreendidos através da fala das travestis: Sabrina, Laís e Priscilla.

Sabrina afirma:

Eu sempre fui muito vaidosa e quando eu tive que morar na rua, eu procurei ser ainda mais vaidosa, porque eu observava que quando um morador de rua se aproximava das pessoas, elas se afastavam, achavam mal cheiroso, e aí você se sente ainda mais humilhada né?! Então, para não passar por esse tipo de situação e para eu não andar suja, ia para as lagoas tomar banho. Eu vendia água no sinal e com o dinheiro que ganhava, eu comprava um shampoo, um sabonete, um creme, um batom. Andava com a minha sacolinha de material de higiene. Quando não tinha dinheiro, saía batendo de porta em porta pedindo um pouquinho de shampoo, um pouquinho de creme, tinha casa que já me dava tudo inclusive o banho, tinha outras que não me dava nada e que me humilhava e assim eu fui vivendo e nunca deixei de ser vaidosa, sou até hoje. Eu quero morrer assim limpa, cheirosa, maquiada e bonita. Eu sou muita vaidosa, a única coisa que eu não faço é depilar as pernas pois eu tenho alergia e fica tudo irritado, mas o resto é tudo depilado, sem nenhum chuchu.⁵ Eu me maquiei muito bem, eu aprendi a maquiar com as minhas irmãs, eu ficando vendo elas se produzindo passando base, passando pó e aí eu fui aprendendo. Eu sempre gostei de usar maquiagem, de me vestir de mulher, de usar bijuterias. Inclusive essa minha vaidade incomoda tanto as outras travestis, como as mulheres. Eu ando sempre produzida e chamo atenção dos boys, isso acaba despertando a ira, a inveja, o ciúme nas travesti e nas mulheres. Quando eu morava na Praça do Ferreira, eu fui até agredida por um grupo de mulheres. E qual foi o motivo da agressão? Não tenho nem dúvida que foi por ciúme dos boys (risos)! Fazer o que se eu chamo atenção e os boys me querem? Elas que lutem...

Não obstante, é possível identificar no discurso da entrevistada que o feminino disposto pelas travestis encontra-se atrelado às tecnologias de gênero, tal fato não difere do processo pelo qual passam as mulheres cisgênero. É exigido que esses corpos sigam padrões. “Todas/os precisam de próteses indenitárias para serem reconhecidos/as “naturalmente” como como homens e mulheres. O que torna o feminino travesti inspirador para se pensar nos limites discursivos do binarismo é a valorização do feminino artificial” (Bento *apud* Pelúcio, 2009 p. 19).

A elaboração estética envolvendo o corpo das travestis torna-se uma questão substancial, na qual deve ser considerado todo percurso envolvendo as lutas sociais e as dificuldades que elas passam, bem como os conseguimentos até alcançar e construir as identidades de gênero feminina, evidenciando as modificações pelas quais esses corpos são submetidos, com o intuito de aperfeiçoá-los, desnaturá-los, e, assim, propagar na travesti condições de mudanças, alicerçadas por uma série de práticas que dão sentido, delineamentos e aspirações utópicas do que é coerente para o feminino. Nesse sentido, destaco o debate apresentado Miskolci e Pelúcio (2007, p. 264) ao dizerem que: “Na tentativa de encontrar um plano de significação e de fuga da abjeção, muitas travestis vão buscar para si uma imagem

⁵ Chuchu que dizer sem nenhum pelo; sem barba.

branca e glamourizada de mulher. Não há um heroísmo desconstrutivista ou denunciante nessas “escolhas”, mas um assujeitamento às normas na expectativa de se fazer coerente”.

Diante das expectativas apresentadas pelos citados autores, destaco que há uma linha tênue envolvendo o rompimento e o enquadramento das normas vigentes. Embora a travestilidade provoque uma desestruturação na sociedade, visto que assola determinadas estruturas que são rígidas e bem estabelecidas, ainda sim, ocorre uma repetição do sistema predominante que as levam a um infundável processo de construção de seus corpos. Tais corpos que desarranjam, destoam e denunciam a lógica e a coerência hegemônica e normativa, mas permanecem atrelados e limitados aos modelos dominantes.

Ademais, destaco que o corpo é instável, passível a intervenções, haja vista que ele segue as ascensões científicas e tecnológicas; concepções e debates que são construídos, produzidos e reproduzidos das mais diversas formas, sob múltiplas ações. É lançada a ideia que o corpo deve ser perfeito e atender aos padrões de beleza imposto pela hegemonia. O corpo não deve ser apenas magro, é preciso ter um cabelo, uma boca, uns cílios, um peito, uma bunda, uma cintura, um sorriso que contemple tais padrões.

Assim, o corpo atua como um artefato que pode ser obtido, remodelado, engendrado com o intuito de ser cada vez melhor, cada vez mais padronizado. Logo, a sociedade atual dispõe de uma série de mecanismos, de instrumentos, de técnicas e intervenções cirúrgicas, de variadas “soluções”, cujo propósito é remodelar e elaborar os corpos e assim fabricar novas corporeidades. Consequentemente, a padronização da beleza desperta a discussão e a problematização a respeito do que é feminino e masculino, bem como as limitações impostas pelo binarismo entre os gêneros. Além do que, torna-se necessário debater a respeito dos caminhos tortuosos e sofridos que o sujeito percorre na tentativa de atender a tais padrões.

Tal-qualmente, a entrevistada Laís atenta para uma discussão que visa problematizar a performatividade travesti. Ela diz:

Eu lembro, que quando eu tinha uns 14 para 15 anos, a minha mãe brigava comigo. Ela dizia que eu gostava de imitar mulher, mas na verdade eu não imitava uma mulher, eu era uma mulher. Dentro de mim, tinha uma mulher e eu precisava dar vida a essa mulher e foi aí que eu me tornei a Laís, foi aí que eu entendi que eu era travesti. Eu não sou igual a Pablo Vittar, que faz, uma atuação, ele é um artista. E o fato de ser travestis não tem nada de imitação de teatro, de artístico. Eu não podia ser Tales durante o dia e a noite me transformar na Laís. Eu escolhi ser Laís em tempo integral. Não tem o Tales, existe a Laís. Eu nasci com o sexo masculino, mas eu não sou homem. Eu sou travesti e sou feliz assim (Entrevistada Laís, 2017).

As travestis não constroem personagem, isto é, elas não encarnam uma figura fictícia, mas atuam em uma performatividade, que não apresenta relação alguma com ações

teatralizadas que indicam dramatizações de papéis. Assim, a performatividade travesti não é uma representação de gênero. Miskolci e Pelúcio (2007, p. 264) consideram que:

A performatividade travesti, portanto, não pode ser confundida com uma encenação de gênero, mas sim como reiteração e materialização de discursos patologizantes e criminalizantes que fazem com que o senso comum as veja como uma forma extremada de homossexualidade, como pessoas perturbadas. A partir desta óptica, seu gênero “desordenado” só pode implicar uma sexualidade perigosamente marginal. Marginalidade que é até mesmo territorial, já que suas vidas são experienciadas, muitas vezes, na rua e durante a noite.

Dentre outros desdobramentos, destaca-se na fala de Laís o fato dela afirmar não ser uma artista e que não faz uma atuação. Sendo assim, busca-se debater a diferença entre drag queens e travestis. Tal qual as travestis, as drag também vão de encontro com as normas vigentes e revelam a fluidez dos papéis indenitários. Conseqüentemente, drag queen está relacionado a uma manifestação artística, à construção de uma persona, a uma forma de se expressar artisticamente.

Segundo Louro (2004, p. 85),

A drag propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas, culturalmente idênticas como femininas. O que faz pode ser compreendido como paródia de gênero: ela imita e exagera, aproxima-se, legitima e, ao mesmo tempo, subverte o sujeito que copia.

Desse modo, drag queen⁶ não está relacionada com identidade de gênero e nem com orientação sexual, mas sim com performance de gênero. São artistas que elaboram uma feminilidade estereotipada, intensa e exagerada. Além do que, essa composição exagerada não contempla e não é observada nas experiências travestis.

Partindo do campo da semiótica, compreendo que as drag utilizam signos, tais como a maquiagem, a peruca, as roupas brilhosas e extravagantes, os saltos, a festividade, entre outros apetrechos, a fim de ressignificar e expor que o gênero não dispõe uma espontaneidade, então, pode ser parodiado, aprendido e imitado. Nessa perspectiva, a performatividade tem de ser entendida com base nas normas postas aos sujeitos e com a associação à qual eles toleram viver ou entrar em conflito, tais normas que advêm de fora, mas são incorporadas (Miskolci; Pelúcio, 2007).

Dentre outras questões apresentadas pelas entrevistadas, destaco os colóquios de Priscilla, que afirma:

⁶ [...]Mulheres que são caracterizadas de forma caricata como homens, para fins artísticos e de entretenimento, são chamadas de drag kings (Jesus, 2012, p. 18).

Eu trabalhava em um cabaré na beira da estrada no interior de São Paulo, e aí aparecia muita maricona caminhoneiro querendo fazer programa com as travesti. Eu confesso que eu não curtia muito por serem clientes mais velhos e tal, que não é bem o meu perfil e principalmente porque com esses cliente a maioria das vezes queria que eu fizesse a ativa... Aí até eu ficar excitada eu demorava um pouco, era uó. Mas aquela coisa né, o cliente pagando a gente faz o que ele desejar ativa/passiva, pagando o meu preço, eu não tenho problema com isso. Inclusive em relação ao pagamento as mariconas são melhores, mais mão aberta, não ficam pechinchando o valor do programa. Porque os novinhos, eles não querem pagar o valor que a gente cobra sabe, às vezes querem comer de graça, botam boneco para pagar. Aquela coisa né, o sexo com o novinho é muito bom, é ótimo, mas na hora de ganhar o aqué, é melhor maricona. Mas sexo bom, deixo para fazer com o meu boy, aí não... Eu não gosto, não quero ser ativa. Eu gosto de macho sabe, homem de verdade. Eu lá quero boy pra tá bancando a ativa... Aquela coisa, no sexo vale, mas eu tenho as minhas preferencias. (Entrevistada Priscilla, 2019).

As narrativas de Priscilla denotam atenção para as dicotomias (masculino/feminino, homossexual/heterossexual, passivo/ativo) que são frágeis no sentido de deprender as experiências existenciais que são debatidas nesse estudo. Logo, de um lado ficam as travestis e do outro lado ficam os clientes, assim, as travestis constituem-se às margens e os cliente localizam-se ao centro e instituem níveis diferenciados de continuidade possíveis de serem efetivados, pois os que se encontram às margens e o que estão localizados ao centro compõem o mesmo sistema, o sistema da heteronorma. A norma que delimita as verdades para o gênero e para a sexualidade baseadas na demarcação de diferenças intransitáveis, na biologização dos desejos e das identidades, que exerce com efetividade os discursos travestis para determinar o que é “homem de verdade” não postulariam serem penetrados por elas e tal qual o que pode vir a criar uma insegurança para o cliente, é o fato de serem “tachados de gays” (Bento *apud* Pelúcio, 2009).

Desse modo, destaco que as instituições sociais reconhecem a heterossexualidade como sendo o padrão legítimo e aceitável no que cerne à prática sexual tida como normal, cujo propósito é assegurar a manutenção dessa ordem de gênero. Porém ela não inviabilizou o surgimento de outras formas de sexualidade, a exemplo cito a homossexualidade. No entanto, aqueles que se mostram audaciosos e experimentam uma sexualidade em desalinhamento com sentenças sociais meramente estipuladas são punidos com o uso da homofobia.

Dessa forma, o homossexual é usado para pontuar os limites e as possibilidades de um ato sexual aceitável, normal e salutar, daquele que é sujo. Neste sentido, a imagem de homens homossexuais ficam atreladas a condutas tidas como femininas e, assim, não dispõe de méritos e privilégios atribuídos aos homens heterossexuais, isto é, a masculinidade e a feminilidade são delineadas com base em posições sexuais.

Entretanto, as travestis desestruturam e abalam a ordem heterossexista, que sistematiza e regula a conduta social, e, de modo simultâneo, desfaz a estrutura em que o gênero

teria de ser entendido em conformidade com os atributos biológicos. Essa desobediência é tida pelo corpo social como inadmissível e lhes acarreta as mais terríveis formas de violência. Por outro lado, como se buscasse uma forma de se redimir, esses sujeitos internalizam o impetuoso processo hegemônico de uma sociedade generificada, cujos valores e cujas ações e regras que tangem o masculino e o feminino são quase que inarredáveis. Dessa maneira, mesmo resistindo e indo de encontro com a associação entre gênero e biologia, sistematicamente, elas manifestam os papéis estabelecidos pela ordem de gênero. Desse modo, esses processos dinâmicos e contraditórios dão margem para pensar e construir a ambiguidade como sendo uma das principais características das travestis (Santos, 2015).

Logo, elas propõem uma leitura mais amplificada no que cerne às viabilidades de ser, de viver, de existir. Ela constitui bem ou mal, uma viabilidade de transgressão, ao passo que afrontam as limitações da associação, que busca fazer do gênero a manifestação de um sexo. Põe em xeque as limitações da lógica binária e sugere transformações políticas, pois, apesar de buscarem se apresentar em alinhamento aos moldes normativos, é incontestável o espanto que provocam no corpo social.

Assim, não busco tecer veracidade a respeito das travestis, encaixando-as como infratoras das diretrizes impostas ou simples replicadoras dos padrões binários de gênero e heteronormativo. Além do que, quando se debate sobre sexo, gênero, sexualidade, é preciso atentar para as relações de poder que envolve tais conceitos, bem como os aspectos coercitivos e estruturantes, dessa forma, busquei compreender as formas de resistência empreendidas contraditoriamente, por sujeitos lidos como desviantes, infames, marginais e perpetradores.

Ainda que ocorra uma constância no discurso habitual de gênero tanto nas narrativas quanto no corpo e nas vivências, as travestis expõem uma gama de alternativas requerendo sua autonomia corporal, através da experimentação de si. Seguindo por esse prisma, Louro (2004, p. 23) pontua: “Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver. Acolhem com menos receio, fantasias, sensações e afetos e insinuam que a diversidade pode ser produtiva. Indicam que o processo de se fazer como sujeito pode ser experimentado com intensidade e prazer.”

2.2 Sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual: entendendo os conceitos

O presente tópico tem como proposta explicar a respeito da diversidade sexual e as múltiplas maneiras de vivenciar e expressar a sexualidade. Para tal, tomo como base as seguintes matérias: Caderno Escola Sem Homofobia (BRASIL, 2011), Cartilha Ministério

Público e os Direitos de LGBT Conceitos e Legislação (BRASIL, 2017), Diversidade Sexual e a Cidadania LGBT (BRASIL, 2014), Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos (Jesus, 2012).

2.2.1 Sexo biológico

O sexo biológico acentua as particularidades biológicas que o indivíduo apresenta ao nascer. Isso inclui as informações cromossômicas, genitália, capacidade reprodutiva, composição hormonal. O conceito de sexo explica as diferenças entre machos e fêmeas da espécie humana, destacando que há pessoas que apresentam características de ambos os sexos, sendo chamadas de intersexual.

2.2.2 Identidade de gênero

A identidade de gênero não está associada aos fatos biológicos, ao sexo em si (pênis, vagina/ macho ou fêmea), mas com a identificação do sujeito com o gênero, ou seja, é a forma como o indivíduo se percebe e é percebido pelos outros como sendo do gênero masculino, feminino ou a combinação de ambos.

2.2.3 Expressão de gênero

Maneira como o sujeito se apresentará socialmente e isso inclui: nome, vestimentas, comportamentos, maneira de agir, jeito de ser etc. Assim, a expressão de gênero pode ou não estar associada ao sexo biológico com o qual a pessoa nasceu.

2.2.4 Tipos de identidade de gênero

Cisgênero: são sujeitos que se identificam com o gênero correspondente ao sexo biológico. O sujeito nasce macho e se sente homem, ou nasce fêmea e se identifica como mulher, independente da orientação sexual que tenha, heterossexual, homossexual. Logo, há mulheres e homens cisgêneros que são homossexuais, heterossexuais, bissexuais.

Transgênero: conceito “guarda-chuva” que engloba os sujeitos que não se identificam com o gênero que lhe foi imposto ao nascimento. Dessa forma, o termo inclui as

mulheres trans, os homens trans e as travestis. O termo transgênero é utilizado para abranger pessoas de identidades divergentes.

Não-Binário: corresponde a identidades de gêneros cujo sujeito não identifica-se com nenhum dos papéis de gênero (masculino ou feminino), isto é, são gêneros que não são puramente, integralmente e continuamente, feminino ou masculino e podem até encontrar-se entre os dois polos. Consequentemente, a não-binaridade de gênero abrange diversas formas de neutralidade, ageneridade, outrogeneridade, fluidez de gênero. Gêneros não-binários são infinitos. Exemplos de Gênero não-binário:

Gênero Fluído: são sujeitos que, em dado momento da vida, flutuam por outras identidades de gênero, identificando-se em um momento como mulher e em outro momento como homem. Assim, o termo abrange qualquer tipo de mudança de gênero.

Agênero: são sujeitos que não dispõem de gênero, identificando-se como neutros.

Genderqueer/Gênero Queer: tal termo de origem inglesa, utilizado por qualquer sujeito que se insira na definição não-binária, que escapa às definições da cisnormatividade de gênero.

Queer: Termo que tem sua origem na língua inglesa, era considerado um vocábulo pejorativo para indicar sujeitos invisibilizados, que não tinham legitimidade social e viviam às margens das leis, tais como prostitutas, bêbados, desempregados, moradores de rua etc. Com o passar do tempo, a palavra queer passou a ser utilizada com o propósito de ofender quem se distanciava da norma cisgênero. Em meados dos anos 80 começou a surgir a teoria Queer, que será consubstanciada pela filósofa Judit Butler. Desse modo, o queer passou a ser compreendido como sendo essencialmente estranho, ou seja, que escapa aos padrões sociais. Portanto, não há uma forma única de ser Queer. O termo passou a ser utilizado para contestar ideias sobre gênero que são impostas pelo corpo social.

2.2.5 Orientação sexual

Termo utilizado para explicar as diversas formas de atração afetiva e sexual que o sujeito manifesta em relação a outro. Tal termo substitui o de “opção sexual”, pois não se trata de uma escolha. Os indivíduos não escolhem sua orientação, isto é, eles apresentam sua sexualidade ao longo da vida. Assim sendo, o sujeito não opta por ser homossexual ou heterossexual.

Os tipos de orientação sexual mais comum são: heterossexual - pessoa que se sente atraída afetivo-sexualmente pelo sexo/gênero oposto com o qual se identifica; homossexual -

pessoa que sente atração afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo/gênero, com o qual se identifica. Por exemplo, gays e lésbicas; bissexual: pessoa que se sente atraída afetivo-sexualmente por pessoas de ambos os sexos/gêneros; assexual: pessoa que não sente atração sexual por qualquer sexo/gênero. Apesar de não sentir e de não manifestar o desejo sexual, pode manter um relacionamento amoroso; pansexual: refere-se à atração sexual, afetiva, emocional por todos os gêneros, ou seja, os indivíduos pansexuais não têm o desejo avivado por um gênero, orientação ou identidade em específico.

Isto posto, questiona-se: existe diferença entre pansexual e bissexual? A pansexualidade engloba a atração por todas as identidades de gênero, expressões de gênero e orientações sexuais. Conseqüentemente, o interesse afetivo-sexual é pelo sujeito em si, e não ocorre uma distinção. Já o bissexual sente-se atraído pelos dois gêneros, masculino e feminino.

2.2.6 Outros conceitos

Crossdresser: são indivíduos que vivenciam diferentes papéis de gênero, através de vestimentas, adereços, maquiagens que, por convenções sociais, são designados ao gênero diferente do seu. De modo geral, esses sujeitos não realizam modificações corporais e não estruturam uma identidade transexual ou travesti.

Transformista ou Drag Queen: artista que utiliza roupas e acessórios, como perucas, maquiagens, de acordo com o gênero masculino ou feminino com propósito artístico ou de entretenimento. Logo, o personagem apresentado não tem nenhuma relação com a identidade de gênero ou orientação sexual, sendo assim, qualquer pessoa, seja ela homossexual, heterossexual, bissexual, cisgênero, transgênero, pode ser uma drag queen ou drag king, que corresponde às mulheres que incorporam personagens masculinos.

Homem Transexual: sujeito que nasceu com o sexo biológico feminino, mas sua identidade de gênero é masculina e se reconhece como homem.

Mulher Transexual: é o indivíduo que nasceu com o sexo biológico masculino, mas sua identidade de gênero é feminina e se reconhece mulher.

Ademais, mulheres e homens trans podem declarar o desejo de efetuar mudanças corporais através de terapias hormonais ou intervenções médico-cirúrgicas, com o objetivo de adaptar as suas características físicas à sua identidade de gênero. Desse modo, alguns podem recorrer a cirurgia de redesignação sexual, transgenitalização, que consiste em um procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital do indivíduo para elaborar uma neovagina ou neofalo.

No entanto, nem todos os sujeitos transexuais declaram a necessidade de tal procedimento. Sendo assim, ao se relacionar ou comunicar-se com indivíduos transexuais, não é interessante salientar de forma demasiada o papel da referida cirurgia em sua vida ou em seu processo transsexualizador, pois é apenas uma fase que pode ou não ser concretizada.

Nome Social: é o pronome escolhido pelos sujeitos transexuais e travestis, que representa a maneira pela qual se reconhecem, se identificam e desejam ser identificados socialmente. O nome social, tal como o reconhecimento da identidade de gênero foi assegurado por meio do Decreto nº 8.727, publicado em abril de 2016 pela Presidência da República. O citado decreto presume que o indivíduo transgênero e travesti possa incluir o nome social em documentos oficiais no registro de informações de órgão e entidade da esfera administrativa pública federal. Mas ocorre que tal decreto acabou apresentando-se como tardio e ineficaz.

De tal modo, o processo para mudar o nome de indivíduos transgênero ocorria de forma bastante burocrática e muitas vezes lastimosa, sujeitando essas pessoas a um largo julgamento moral e muitas vezes estabelecendo a alteração à submissão prévia à cirurgia de transgenitalização. Tal questão cria barreiras e impossibilita o direito. Ainda mais, que não são todos os sujeitos transgêneros que desejam ou têm condições de realizar a cirurgia.

Em março de 2018, o Supremo Tribunal Federal admitiu, através de uma votação célebre, a relevância de desvincular a obrigatoriedade da cirurgia e a exigência judicial para a retificação do nome. Assim, ficou exequível que os sujeitos trans atuem para alteração do nome em cartório, bastando somente a autoidentificação como transgênero, e sem condicionamento a cirurgia.

Homofobia: é o termo utilizado para explicar e descrever a violência sistemática que é produzida pela aversão a homossexuais: gays, lésbicas, bissexuais. Tal hostilidade pode ser expressa através de agressão física, agressão verbal e moral, violência psicológica. Desse modo, a homofobia é um ódio, uma aversão relacionada à orientação sexual do sujeito, de um grupo específico.

Transfobia: é termo utilizado para explicar o ódio e o preconceito específico pela identidade de alguém, por quem ela é, ou seja, é a violência e a discriminação em decorrência da identidade de gênero de sujeitos transexuais e travestis.

2.2.7 Mulher trans x travesti qual a diferença?

Para debater tal temática, eu tomo como referência as disposições apresentadas pelas ativistas Erika Hilton e Dri Maria⁷. De acordo com elas, não há diferença entre mulher trans e travesti. Tal diferença ocorre por uma questão de linguagem, de semiótica. A distinção está na força da palavra e por um uso equivocado da ciência médica em classificar os sujeitos transexuais com base na Classificação Internacional de Doenças–CID que, na área da saúde, é utilizado para classificar as doenças, os sintomas, as causas e as curas.

De acordo com CID-10, tanto as transexuais quanto as travestis seriam acometidas por uma patologia baseada em preceitos de gênero e sexualidade fundamentada em pretextos biológicos e essencialistas (Santos, 2015).

Sendo assim, mulher transexual para a ciência médica corresponde ao sujeito que tem uma discordância absurda com o seu corpo. O sujeito manifesta o desejo de viver enquanto pessoa do sexo oposto e tal desejo é carregado de um mal-estar, de uma não aceitação da genital, de uma não aceitação de seu corpo e almeja submeter-se a intervenções cirúrgicas.

A travesti, de acordo o CID-10, seria enquadrada em travestismo bivalente, que consiste no sujeito que exprime o desejo de se travestir com vestimentas do sexo oposto em um momento, em uma parte de sua existência, de maneira a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem o ensejo de modificação sexual mais permanente ou de uma intervenção cirúrgica.

Em 2018, após 28 anos, a transexualidade sai da categoria de transtornos mentais para integrar a de condição relacionada à saúde sexual e passa a ser citada, como incongruência de gênero. A exclusão da transexualidade do quadro de patologias expressa o respeito pela integridade dos sujeitos que vivenciam a sua identidade de gênero de forma dissímil daquelas determinadas pelo padrões hegemônicos. Contudo, a CID-11 só passa a ser validada em 2022.

Assim sendo, se constrói no imaginário popular a ideia de que a trans seria o sujeito que aspira passar por cirurgias e alterar de forma permanente seus corpos, e a travesti como sendo apenas o sujeito que se “veste de mulher”. No entanto, não é a genital que distingue uma mulher trans de uma travesti. Há sujeitos que se reconhecem como mulheres trans e não desejam fazer cirurgias e nem modificar o seu corpo enquanto tem outros que se reconhecem travestis e que realizam a cirurgia de transgenitalização e querem modificar tudo em seus corpos. De mais

⁷ Erika Hilton é uma mulher negra, trans, militante e eleita a vereadora mais votada de São Paulo em 2020. Dri Maria é mulher negra, ativista, criadora de conteúdo digital. Em suas redes sociais, ela debate e problematiza de forma elucidativa e educativa, a respeito das vivências trans e negras.

a mais, Dri Maria em muitos de seus debates apresentados na internet e em suas redes sociais, destaca que o termo e a identidade travesti constitui-se como sendo, tipicamente latino-americano. Nesse sentido, Kulick (2008, p. 22) sintetiza “A existência travesti é registrada em toda a América Latina, mas em nenhum país elas são tão numerosas e conhecidas como no Brasil, onde alcançam visibilidade notável, tanto no espaço social quanto no imaginário cultural”.

O senso comum tende a associar a transexual como sendo a figura patologizada, aquela que é doente, pois não aceita o seu corpo. Conquanto, qual a leitura que o corpo social constrói em relação à travesti? Vilipendiosa, um homem vestido de mulher, um ser que se apresenta de forma dúbia, invertida, uma “bicha louca” ou personifica uma mulher normal de “peito e pau”? Muitas vezes, são retratadas como delinquentes, perigosas, criminosas.

De modo geral, as travestis são notadas apenas de relance, em pé, compondo cenários decadentes de esquinas e ruas mal iluminadas ou nas páginas policiais, assim, elas figuram dentre os mais marginalizados e menosprezados da sociedade brasileira (Kulick, 2008).

Posto isso, o termo travesti foi ressignificado pela comunidade trans, e é utilizado como uma forma de empoderamento, por razões políticas. Desse modo, muitas travestis apoderam-se desse termo, deixando claro que não são e nem querem ser tratadas como mulher ou transexual e sim como travesti. Como bem destaca a travesti Luísa Marilac (2019, p. 19),

A palavra travestis é usada principalmente por razões políticas, e pode descrever uma série de indivíduos diferentes. No meu caso, me identifico como travesti porque me enxergo na fronteira entre o que é ser homem e o que é ser mulher e estou muito bem assim. Para outras, definir-se como travesti significa respeitar a história que viveram sua sexualidade na marginalidade e com muita luta. É um termo elástico assim.

Para mais, ser trans ou travesti não está relacionado à falta de aceitação, mas com o fato de reconhecer-se com determinados códigos sociais mais do que com outros. Logo, heterossexualidade, homossexualidade, masculinidade, feminilidade implica em aspectos de classificação e concepção da realidade humana que requerem ser compreendidas como área de disputa, atravessados de relações de poder.

Assentir ou não as normas impostas pela sociedade resulta em diversas consequências. As ações de resistência em relação às dadas deliberações podem acarretar punições severas. Há indivíduos que rompem a ordem de gênero, nascem biologicamente homens, ou nascem biologicamente mulheres, no entanto enjeitam a produção dessa masculinidade ou dessa feminilidade e se negam a vivenciar o padrão heteronormativo (Santos, 2015).

3 OS MEANDROS DA INVESTIGAÇÃO: O CONTATO COM OS SUJEITOS DA PESQUISA

Para compor este capítulo, eu recorro ao método etnográfico, tendo em vista que esse possibilita uma aproximação mais estreita com a realidade a qual proponho estudar e compreender, e isso colabora para identificar determinadas práticas culturais e educativas que são desenvolvidas pelas travestis. Mas não posso esquecer que os registros etnográficos são filtrados e incorporados aos registros mnemônicos e iconográficos. Entretanto, tem-se certeza que a filtragem do material coletado inscreve a pesquisa em águas que se renovam na própria via cotidiana, pois a etnografia é: “frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal” (Malinowski, 1984, p. 19). Visitar os espaços frequentados pelas travestis regularmente tornou-se necessário, a fim de acompanhar o cotidiano delas e, assim, realizar a coleta de dados que compôs o diário de campo, peça de suma importância.

Nesse sentido Geertz (2011, p. 7) pontua:

[...] A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar os informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar linhas de propriedade, fazer o senso doméstico...escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (“no sentido de construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de eclipse, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais, mas como exemplos transitórios de comportamento modelado.

Compreendo que, ao desvelar o campo de pesquisa, é necessário um exercício de ressignificações e reflexões, para que as informações colhidas no *locus* de investigação se transformem em dados. Revelar o campo, implica em dois momentos. O primeiro, o pesquisador aponta as informações através do ver e do ouvir. Oliveira (2000, p. 21) esclarece como sendo:

Evidentemente tanto o ouvir como olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas completam-se e servem para o pesquisador como duas muletas – que não nos percamos com essa metáfora tão negativa – que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento.

O observar, o ouvir e o registrar perpassa o método etnográfico, além de analisar o ambiente pesquisado e fazer anotações no livro de registro, mas de suma importância é ouvir os indivíduos que circundam o *lócus* de pesquisa. Tendo em vista que a propensão de escutar o outro não é tarefa óbvia, mas implica em um intenso exercício de aprendizado. O ato de ouvir torna-se peculiar. É um ouvir que evidencia o que o interlocutor tem a dizer e não o que nos é comum ou agradável. Logo, se constrói uma gama dialógica entre o pesquisador e o interlocutor, formando assim os dados para o encaminhamento da pesquisa.

3.1 Trilhando os caminhos da pesquisa

Em 17 de agosto de 2016, uma quarta-feira à tarde, após a reunião do grupo de pesquisa, o professor Gerardo me apresentou a uma moça chamada Patrícia. Ela era sua bolsista de iniciação científica e, na época, cursava o 4º semestre do curso de pedagogia. Ela trabalhou por mais de vinte anos na condição de educadora social e o seu último emprego foi em um Centro de Convivência para pessoas em Situação de Rua e Pousada Social⁸ intitulado: Cirlandio Rodrigues de Oliveira, localizado na Rua Sólon Pinheiro, no bairro José Bonifácio.

A Patrícia se dispõe a contribuir com a minha pesquisa. Ela afirma ter contato com um grupo de travestis que frequentavam o Centro de Convivência e que essas travestis poderiam ceder algumas entrevistas e colaborar para o andamento da minha tese.

Ela pontua que, durante o período em que trabalhou no Centro de Convivência, desenvolveu um grupo de mulheres. No referido grupo, eram desenvolvidas atividades de manicure, maquiagem e beleza, cuidados básicos de higiene pessoal, artes, encontros de formação para debater a respeito das políticas públicas para mulheres, Lei Maria da Penha, violências, entre outras questões. As temáticas a serem debatidas eram escolhidas coletivamente e priorizava as necessidades existentes.

Por exemplo, uma mulher foi agredida pelo companheiro na rua, seriam trabalhadas a violência contra a mulher e a Lei Maria da Penha durante o encontro. O grupo ganhou visibilidade e chegou a reunir trinta mulheres em uma tarde. Sendo assim, as travestis que eram assistidas pelo Centro de Convivência manifestaram o interesse em fazer parte das reuniões.

⁸ O Centro de Convivência para Pessoas em Situação de Rua realiza atividades de sociabilidade e convivência, cursos profissionalizantes, além de oferecer serviço de lavagem e secagem de roupa e alimentação. O equipamento busca assegurar atendimento com atividades direcionadas e programadas para o desenvolvimento de sociabilidade que oportunizem a construção do processo de saída das ruas. Disponível em: <https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/social/servico/>

A Patrícia elucida que uma travesti chamada Renata a procurou e pediu para participar do encontro. “Paty” autorizou a participação de Renata e ao final da reunião solicitou que as mulheres decidissem a respeito da permanência da colega no grupo. Algumas optaram por não aceitar, mas a grande maioria defendeu a permanência da companheira alegando que ela também precisava ser acolhida para adquirir conhecimentos sobre seus direitos e sobre as políticas públicas voltadas para a comunidade LGBTQIA+.

Tal atitude foi motivo de surpresa, pois as travestis e as mulheres tinham um dada rivalidade. Elas disputavam os companheiros durante à noite. Contudo, ficou acordado que as travestis fariam parte do grupo de mulheres, tendo em vista que as travestis não se integravam nas demais atividades desenvolvidas na instituição, fato que corroborou para que o grupo de mulheres inflasse de travestis. Patrícia comenta: todas as tardes de reuniões, lá estavam as travestis, empoderadas e defendendo o seu espaço. Posto isso, as travestis acabaram desenvolvendo uma relação de camaradagem com Patrícia.

Tomando como base as narrativas apresentadas, vou desenhando a pesquisa por outros vieses. A priori, a proposta seria estudar as travestis do centro de fortaleza, no entanto, fomento a possibilidade de pesquisar travestis em situação de rua. Logo, eu e Patrícia nos tornamos parceiras de pesquisa, e ela tornou-se um canal de interlocução entre mim e as entrevistadas. Ademais, ela manifestou entusiasmo para pesquisar mulheres em situação de rua. Sendo assim, a coleta de dados que ocorreria exclusivamente no período noturno passou a ocorrer durante o dia entre os seguintes espaços: Centro de Convivência, Praça do Ferreira e Praça da Gentilândia.

A primeira visita ao Centro de Convivência ocorreu em 24 de agosto de 2016. Cheguei ao recinto, acompanhada de Patrícia por volta de 8h. A Patrícia não pertencia mais ao quadro de funcionários da Convivência e, para tanto, foi solicitada uma autorização mediante a coordenação do espaço para que pudéssemos circular nas dependências do prédio, na condição de pesquisadora. Tal autorização foi concedida, mas foi solicitado que informássemos quais os dias da semana que iríamos para o Centro de Convivência. Optamos pela terça-feira e pela sexta-feira, os dois turnos: manhã e tarde.

Após a burocratização para ter acesso ao espaço, Patrícia juntamente a um funcionário da convivência apresentam as acomodações do recinto. Ela me levou a um lugar em específico: “O quarto das Estrelas”. Assim, tomo como significativo situar e descrever, ainda que de forma breve, o processo de construção do referido espaço.

O C.C.⁹ funciona como pousada, oferecendo vaga em quartos para que os sujeitos pernoitem, porém das oitentas vagas ofertadas para a população em situação de rua, todas eram destinadas para o público masculino. Logo, foi exigida uma reunião entre as mulheres em situação de rua que frequentavam o C.C e a coordenação da Secretaria de Assistência Social,¹⁰ para garantir vagas nos dormitórios da pousada social.

Após explanar o contexto de vulnerabilidade das mulheres enquanto dormiam à noite nas calçadas, foi conseguido um quarto com dez camas exclusivo para mulheres. Mas o público LGBTQIA+ não era bem-vindo nos dormitórios masculinos e nem nos dormitórios femininos e, mais uma vez, foi preciso uma reunião com a coordenação do C.C para solicitar um quarto para as travestis e todo o público LGBTQIA+. Depois de longos diálogos, foram obtidos dois quartos chamados de ala feminina. Um quarto era reservado somente para mulheres e o outro para o público LGBTQIA+ embora ambos os públicos pudessem ser alocados nos dois quartos, dependendo da necessidade e disponibilidade de vagas.

Para comemorar tal conquista, Patrícia organizou uma oficina de artes para confeccionar enfeites para ambos os quartos. Ademais, boa parte das mulheres do C.C eram egressas, já haviam passado pelo presídio e afirmavam que lá as celas eram decoradas. Assim, elas resolveram confeccionar frases, desenhos, pinturas e artesanatos, no intuito de harmonizar o quarto e deixá-lo com suas características. O grupo de travestis nomeou o seu dormitório de “Quarto das Estrelas”, afirmando que todas brilhavam como purpurina. O quarto das mulheres foi nomeado de “Quarto das flores. A fim de elucidar essa oficina de artes, Patrícia disponibilizou algumas imagens de seu arquivo pessoal para serem inclusas ao corpo do trabalho.

⁹ Centro de Convivência.

¹⁰ A Secretaria dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social de Fortaleza (SDHDS) foi criada em 2017, com a fusão das antigas Secretarias de Trabalho, Desenvolvimento Social e Combate à Fome (Setra) e de Cidadania e Direitos Humanos (CSDH). Tem o objetivo de promover, garantir, valorizar e difundir os direitos humanos e sociais da população. É responsável por ações, equipamentos, eventos e conselhos voltados para executar políticas públicas para idosos, população LGBT, negros, mulheres, pessoas com deficiência, segurança alimentar, assistência social, com destaque para a população em situação de rua. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional/a-secretaria-333>.

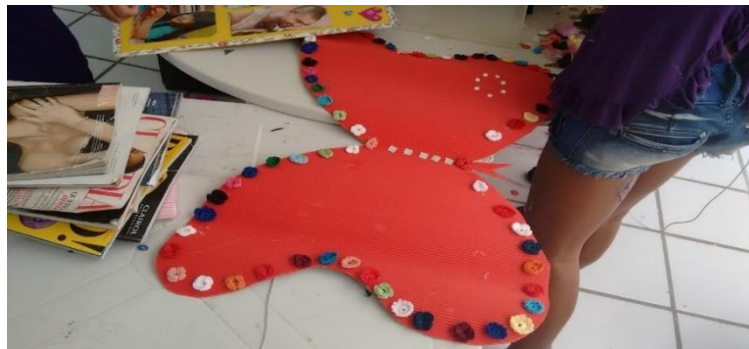
Foto 1 – Cartaz de apresentação do Quarto das Estrelas



Fonte: Freire (2015).

A justificativa pela escolha do nome “Quarto das Estrelas” é devido ao fato de que, para elas, travesti significa luz, amor, paz, alegria; elas brilham igual purpurina, mas a sociedade tenta colocá-las em lugares sombrios, a fim de apagar tudo que há de bom em suas existências. E, nesse sentido, Patrícia rememora a fala de Renata (2015) que disse: “A sociedade menospreza a gente, coloca uma imagem ruim, que somos bandidas, demoníacas, mas não é nada disso. A gente só quer ser livre e felizes. A gente não faz mal a ninguém”.

Foto 2- A Borboleta Marie



Fonte: Freire (2015).

A borboleta constitui um símbolo emblemático e muito benquisto pelos transexuais, pois retrata a conformidade entre o corpo e a expressão de gênero. Assim, as travestis escolheram a borboleta para ser fixada na porta de entrada do quarto das estrelas. O propósito era sinalizar que aquele espaço não era simplesmente um quarto, mas uma metamorfose, uma transformação e uma conquista para elas, e para o Centro de Convivência.

Foto 3 – Área interna do Quarto das Estrelas



Fonte: Freire (2015).

Na referida visita, não consegui encontrar com as travestis, pois elas são transeuntes: tal hora estão no C.C, tal hora na Praça do Ferreira, ou podem se envolver em algum conflito sendo espiçadas¹¹ de uma dada região pela população em situação de rua, ou podem ter sido presas ou, pior, podem ter sido mortas. O trabalho de imersão ao campo é árduo e cheio de percalços.

A segunda visita ao C.C¹², foi em 30 de agosto de 2016, uma terça-feira. Durante o período em que estive no Centro de Convivência, fiz contato com alguns moradores de rua que conheciam Patrícia, dentre os quais destaco “seu” Teixeira.¹³ “Seu” Teixeira é um senhor que na época da coleta de dados deveria ter entornado de 60 anos, que vive nas ruas desde a década de oitenta. É militante dos direitos humanos e sempre foi muito atuante no Movimento Nacional da População em Situação de Rua, por isso, ele é muito respeitado pelos demais moradores de rua e, diante de tal fato, ele se dispõe a ajudar e apresenta uma travesti chamada Letícia.

O primeiro contato com Letícia foi rápido. Apesar de estar tímida, ela se mostrou simpática e disse que gostava de ser entrevistada e de compartilhar suas experiências. A conversa ocorreu de forma trivial, pois ela estava com pressa e havia passado na Convivência apenas para falar com a assistente social, mas que em uma outra oportunidade concederia uma entrevista.

¹¹ No dialeto da população em situação de rua, o termo espiçado significa expulso. Essa expulsão ocorre devido algum conflito que desagrade aos demais moradores em situação de rua.

¹² É preciso deixar claro que o Centro de Convivência não é foco principal do meu trabalho, tal espaço atua como um ponto de interseção entre mim e as travestis. Tal local é bastante frequentado por elas, pois é nesse espaço que, muitas vezes, elas fazem as suas refeições de café da manhã e almoço, passam suas manhãs e suas tardes e as vezes até pernoitam, participam das atividades e de alguns cursos que são ofertados no C.C. Todavia, senti a necessidade de apresentar, ainda que de forma sucinta, o Centro de Convivência, bem como destacar o trabalho que Patrícia desenvolveu enquanto funcionária e a forma como fui me aproximando das travestis.

¹³ Nome Fictício.

Ainda assim, enquanto esperava para ser chamada pela assistente social, ela compartilhou alguns detalhes de sua vida. Na ocasião, ela revelou sua idade, 26 anos, e disse que desde os 17 anos estava vivendo em situação de rua. Ela expôs que morava com a sua vó, mas a mesma faleceu em 2011, aos 78 anos. Diante desse fato, ela teve que ir morar com a sua mãe e com os seus irmãos, porém o convívio era cercado de conflitos, pois eles não aceitavam que ela fosse travesti. “Eu não tinha paz e servia de saco de pancada para os meus irmãos. Tudo era motivo pra bater no viado. Minha mãe nunca gostou de mim, só me criticava, então, o jeito foi sair de casa” (Letícia, 2016).

Aos 17 anos, ela saiu de casa levando apenas uma sacola com duas mudas de roupa. Ela foi morar no Terminal da Parangaba¹⁴. Com fome e sem dinheiro, ficou perambulando pelas lanchonetes do terminal, pedindo água e comida. Ela passou a viver como pedinte. Depois de dois meses nessa situação, ela fez amizade com outra travesti que a ensinou a viver na rua e a levou para o Centro Pop.

Em minha terceira visita ao Centro de Convivência, dia 02 de setembro de 2016, Letícia me apresentou a uma outra travesti, chamada Michelle. Michelle conhecia a Patrícia, pois era participante assídua do grupo de mulheres e tinha sentimento de gratidão, respeito e admiração por Patrícia. Ela prontamente se dispôs a conceder narrativas para esse estudo. Michelle enfatiza: “A Patrícia é uma das pessoas mais acolhedoras que eu conheço e se você Camila é amiga dela, eu vou te ajudar com o seu trabalho e darei uma entrevista a você”.

Logo, a figura da Patrícia, tal como o legado que ela compôs no Centro de Convivência tornaram-se axiomático para que eu pudesse avançar com o meu mergulho ao campo de investigação e assim construir minimente um elo de confiabilidade com sujeitos entrevistados.

No mais, passei um período de quatro meses visitando o Centro de Convivência com o intuito de me aproximar das travestis, contudo, ocorreram mudança no quadro de funcionários do C. C., de modo que os novos gestores não foram favoráveis à continuidade da minha pesquisa no referido ambiente.

Diante do referido empecilho, ressignifiquei o campo de investigação e passei a frequentar a Praça do Ferreira. Tal espaço não compõe apenas um cartão postal da cidade de Fortaleza, mas concentra um número expressivo de pessoas que vivem em situação de rua. De

¹⁴ Terminal urbano da cidade de Fortaleza, localizado no bairro Parangaba.

acordo com Secretaria dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SDHDS) ¹⁵ em janeiro de 2020, a Praça do Ferreira contabilizou cerca de 247 homens e mulheres vivendo no local.

Sendo assim, ao mudar o nicho da pesquisa, Patrícia aconselha que a coleta de dados ocorra ao final da tarde, mais precisamente no horário de 16h às 17h30, pois nesse período os moradores em situação de rua se reúnem para esperar a Kombi da sopa ¹⁶ e, portanto, as chances de contactar as travestis seriam maiores.

A pesquisa na Praça do Ferreira perdurou por um mês e permitiu dialogar com três travestis: Luna, Ana e Sabrina. Luna foi receptiva, mas ela não manifestou interesse para participar da pesquisa. Ela afirma que sua travestilidade é marcada por feridas não cicatrizadas e que falar sobre isso é muito doloroso e a deixava mal.

Em contrapartida, Ana apresentou interesse em ser entrevistada, no entanto, ela havia passado a noite “bruxando¹⁷” e estava indisposta e, por isso, pediu que a conversa fosse em outra ocasião. Na semana seguinte, retornei à praça, mas não encontrei com Ana. As informações obtidas é que ela havia sido “espirrada” da praça do Ferreira, pois brigou com outros moradores e que ninguém sabia onde ela estava. Assim, consigo entrevistar apenas Sabrina, porém, a entrevista não ocorreu na Praça do Ferreira e sim nas dependências da Faculdade de Educação - FAGED, UFC, em meados de março de 2017.

Em meio às adversidades que atravessam a minha pesquisa, eis que o acaso me leva até a Praça da Gentilândia. Em uma tarde comum de quarta-feira, fui até a faculdade para participar da reunião do Núcleo de História e Memória da Educação –NHIME. Diante de um dia corriqueiro, convidei um grupo de amigos para, ao final do encontro, irmos a uma cafeteria localizada nas imediações da Praça. Ao cruzar a calçada da Gentilândia, uma voz ecoa chamando o nome da Patrícia. A Tal voz era de Lavínia, travesti que participou do grupo de mulheres no Centro de Convivência.

Lavínia cumprimentou Patrícia e a convidou para se juntar ao grupo de travestis que estavam sentadas nos bancos da praça. Em ato contínuo, Patrícia aceitou o convite e me apresentou a Lavínia. Portanto, a ida a cafeteira transformou-se em um café, com pipoca, bolo, conversações e aprendizados na casa das travestis, no caso: a “casa na rua”.

Ao nos aproximarmos do grupo de travestis, elas foram receptivas e disseram: — Oi, bem-vindas à nossa casa e, em seguida, nos ofereceram um café. Na ausência de copos, o

¹⁵ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/01/28/censo-da-populacao-em-situacao-de-rua-em-fortaleza-comeca-a-ser-feito-em-fevereiro.html>. Acesso em: 23 abr. 2020.

¹⁶ Carro de instituições filantrópicas que distribui refeições para a população em situação de rua.

¹⁷ Uso abusivo de droga (crack).

café foi servido em uma cumbuca de coco e a pipoca foi feita em um fogareiro improvisado com tijolos; o bolo elas haviam ganhado de uma senhora que residia em frente à praça.

Foto 4 – Cumbuca de Coco utilizada para servir o café



Fonte: <https://www.google.com>.

A casa na rua se caracteriza por um espaço construído embaixo da copa das árvores que compõe a ornamentação da praça. O local contempla uma cozinha improvisada, cuja mobília conta com uma estante de ferro enferrujada coberta por uma tábua de madeira, onde é guardado o garrafão de água e algumas panelas. Ao lado tem uma mesa de madeira que serve de suporte para colocar alguns objetos. As refeições eram cozinhadas no fogareiro ou elas saíam mangueadas ¹⁸pelos restaurantes da Gentilândia.

Foto 5 – Mobília da cozinha da “casa na rua”



Fonte: Freire (2017).

¹⁸ Manguear: ato realizado por pedintes no intuito de ganhar esmolas.

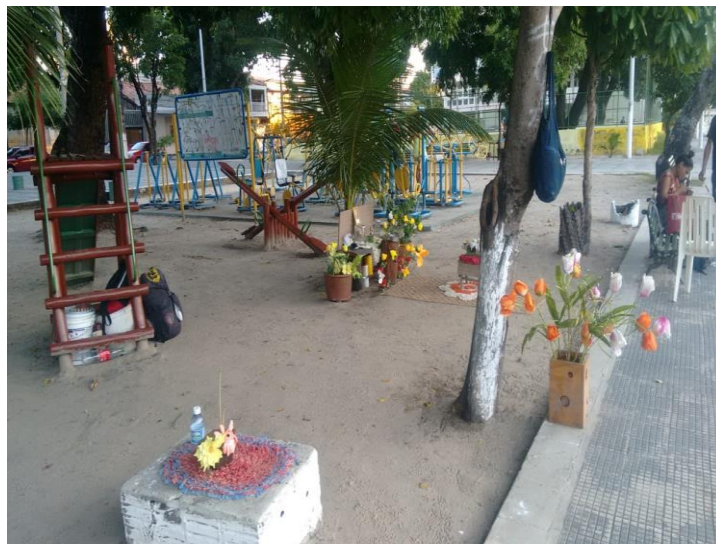
Foto 6 – Fogareiro improvisado utilizado para cozinhar os alimentos



Fonte: Freire (2017).

Outro cômodo da “casa na rua” é uma espécie de sala de estar decorada com vários vasos de flores, um tapete, uma estrutura improvisada por madeiras que forma uma espécie de *rack*, no qual são colocadas imagens de santos, velas e mais vasos de flores. Nicole, uma das travestis que habita a casa explica que as flores são apenas para dar charme ao ambiente. Ela reverbera: “quando tudo for pedra atire a primeira flor. Viver na rua também tem seus encantos” (Nicole, 2017).

Foto 7– Sala de estar da “casa na rua”



Fonte: Freire (2017).

Foto 8– Banheiro da “casa na rua”



Fonte: Freire (2017).

O referido banheiro serve como um ponto de apoio para que elas possam trocar de roupa e, nos finais de semana, é utilizado para banho, pois os Centros Especializados para a população em situação de rua não funcionam. Elas explicam que a água para o banho é doada pelos moradores do entorno da praça.

A “casa na rua” era habitada por duas travestis, um casal com um filho pequeno, de aproximadamente três anos de idade e outros dois moradores de rua. As travestis e os demais moradores se revezam para cuidar do espaço e preparar as refeições, quando eles não tinham o que cozinhar, saíam manguendo pelos restaurantes.

Foto 9– Saco Plástico com sobras de alimentos doado pelos restaurantes



Fonte: Freire (2017).

Logo, as sobras de alimentos do saco plástico compõem uma “mistura” que será dividida pelo grupo. A “mistura” é despejada em um pedaço de papelão estirado ao chão, e, com as mãos, vão separando os pedaços de frutas, verduras, legumes, macarrão e carne, o objetivo é que os alimentos sejam distribuídos para todos de forma igualitária.

Foto 10– Escorregador utilizado para armazenar mochilas e outros objetos pessoais



Fonte: Freire (2017).

Os brinquedos que ficam no parquinho da praça são utilizados para guardar objetos pessoais, roupas, produtos de higiene. E a noite, quando vão dormir, são esticados colchões que ao amanhecer são recolhidos e amarrados aos galhos das árvores.

Contudo, a “casa na rua” durou apenas quatro dias, pois a polícia desmanchou toda a estrutura alegando que a praça era um local familiar e que o grupo não poderia transformá-la em um acampamento. Sendo assim, as travestis passaram a frequentar a Gentilândia esporadicamente, indo ao local apenas ao final da tarde. E a noite, elas esperavam os bares da região fechar para se abrigarem embaixo das marquises.

Para mais, elas salientam que migraram do Centro para a pracinha da Gentilândia, em decorrência dos seguintes fatores: a crescente violência que assola a Praça do Ferreira, os atritos com outros moradores de rua, por a Gentilândia ser próximo a um Centro POP¹⁹ e ficar situada em um bairro festivo, plural, que acolhe a diversidade, e isso as proporcionavam uma sensação de “segurança”. Assim, entre novembro de 2017 e junho de 2019 meu *lócus* de investigação passou a ser a pracinha da Gentilândia.

¹⁹ Centro de Referência para População em Situação de Rua é um espaço referência para que qualquer pessoa em situação de rua possa procurar serviços de acesso à documentação oficial, Cadastro Único para Programas Sociais, realizar higiene pessoal, atividades socioeducativas e artísticas. Disponível em: https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/social/servico/24_

4 CONFLITOS, DILEMAS E VIVÊNCIAS DE TRAVESTIS EM SITUAÇÃO DE RUA

Este capítulo apresenta os atos, os fatos, os compassos e os descompassos na odisseia de ser, de fazer e tornar-se travesti e mais especificamente, travesti em situação de rua. Para tal, será apresentada uma gama de entrevistas.

As entrevistas foram realizadas durante o período de 2016 a 2019. Tais colóquios ocorreram entre os seguintes espaços: Centro de Convivência, Praça do Ferreira, sala de aula da Faculdade de Educação - FACED, na Universidade Federal do Ceará – UFC e Praça da Gentilândia.

A relevância da entrevista enquanto técnica de coleta de dados possibilita a compreensão de elementos subjetivos e, dentre outras, opto pela modalidade de entrevista não diretiva. A opção de proceder com esse tipo de entrevista parte do pressuposto que essa permite uma discussão mais exploratória sobre as questões que se pretende abordar. A sua estrutura é construída a partir de temas geradores introduzidos pelo entrevistador, deixando o entrevistado mais livre para discorrer sobre tais proposições. Assim, perguntas e respostas ocorrem por intermédio de conversações informais. Importante ressaltar que a interferência do entrevistador deve ser mínima, procurando adotar a posição de ouvinte. Esse tipo de entrevista é recomendada quando o investigador almeja obter o máximo de informações possíveis sobre um determinado assunto, a partir do enfoque do entrevistado.

Além do que, ocorre uma classificação interna das entrevistas, na qual se filtram as falas, deslocando o discurso da oralidade para documentos recriados e, nesse caso, entra em cena a subjetividade do pesquisador. No entanto, o documento final é devolvido ao narrador para eventuais correções, possibilitando sua validação e aplicação na pesquisa.

É através da fala, da conversa e do diálogo que percorrem entre lembrança e esquecimento, que podemos identificar as relações que envolvem a vida das travestis. Então, (Alberti, 2003, p. 1) explica:

[...] Uma entrevista de história oral tem uma vivacidade especial. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nós é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular, um sujeito que efetivamente viveu –e, por isso dá vida a- as conjunturas e estruturas que de um modo parecem tão distantes. Ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiosincrasias, relatos pitorescos. Que interessante reconhecer que, em meio as conjunturas, em meio a estruturas, há pessoas que se movimentam, que opinam, que reagem, que vivem.

O uso da narrativa envolve lembranças e esquecimentos, destacando o emprego da memória. Para Le Goff (1990, p. 423), “a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”.

A memória representa um mecanismo feito no presente por intermédio de vivências e experiências ocorridas em um passado. Logo, compreendo a memória como uma construção feita no presente a partir de experiências ou vivências acontecidas em um passado selecionado e transformado em discurso.

Aqui, as narrativas, juntamente com a memória, são tratadas por intermédio de entrevistas. Cedro (2011, p. 129) ressalta: “A tradição qualitativa se orienta na construção de dados sobre percepções, ações, crenças e valores que podem ser interpretados pelos pesquisadores a partir da utilização de diferentes abordagens”. Nesse sentido, parto da interpelação que as entrevistas propõem uma ação metodológica, usando como base o modelo qualitativo de pesquisa.

4.1 Passarinho de toda cor, gente de toda cor: amarelo, rosa e azul, me aceita como eu sou

“Eu fui parar na rua por conta dos preconceitos da minha família. Minha mãe nunca me aceitou como travesti e eu não ia deixar de viver minha vida para ser o que os outros queriam que eu fosse. Eu vivo o meu eu. E eu sou travesti, me aceita como eu sou!” – disse-me Sabrina ao iniciar sua narrativa. O contato inicial com Sabrina ocorreu na Praça do Ferreira, no entanto, não consegui entrevistá-la na praça, mas ela tinha um celular com acesso ao *facebook* e, assim, por meio da rede social, fomos dialogando e marcamos um encontro na Faced.

A entrevista com Sabrina ocorreu em 14 de março de 2017, em uma sala de aula da Faculdade de Educação - FACED, na Universidade Federal do Ceará – UFC, cuja temática geradora da conversação enfatiza fóruns de cunho mais íntimo envolvendo a vida da entrevistada e isto incluiu: o processo de transformação da sua travestilidade, o seu rompimento familiar, a sua chegada às ruas, a passagem pela escola, a sua entrada na prostituição, a vivência no presídio e o seu novo trabalho.

Dessa forma, Sabrina rememora que sua travestilidade iniciou aos oito anos, quando ela começou a vestir escondida as roupas de sua irmã. Desse modo, a entrevistada destaca:

Eu ficava olhando aqueles vestidos cor de rosa e sentia muita vontade de usar. Eu queria muito usar sutiã, passar batom. Eu esperava minha mãe sair para trabalhar e eu fazer a festa. Eu vestia as roupas da minha irmã, passava batom e colocava o salto de mainha, aquele era o meu momento, eu me realizava. Mas um dia, eu fui para um

aniversário de um colega, eu tinha uns 13 anos e aí, eu fui vestida de menina, fui até maquiada e de brinco. Mas no aniversário tinha uma bebida chamada suco gummy, que é uma mistura de refrigerante com vodka, eu enchi a cara de suco gummy e fiquei tão embriagada que esqueci de tirar a roupa para ir pra casa. Quando eu bati na porta que minha mãe abriu, ela ficou louca. Ela gritou: o que é isso? Você está usando a roupa da sua irmã? A minha irmã sabia de tudo, ela sempre me ajudou. Mas minha mãe não quis saber, ela me deu um pisa. Nesse dia, eu apanhei de cinto, fiquei toda marcada. Ali eu entendi, que ser Sabrina seria um processo doloroso (SABRINA, 2017).

Sabrina ressaltou que a surra que levou de sua mãe não deixou apenas marcas em sua pele, mas foi, por meio dessa agressão, que ela criou coragem para mostrar e assumir quem ela era de fato. A partir desse dia, ela “matou” o Maycon e deu vida a Sabrina. Entretanto, o seu processo de travestilidade foi cercado por repressões, brigas e violências no âmbito familiar. Diante de tantas hostilidades por parte sua mãe, Sabrina destaca que recebia carinho e apoio de sua irmã “— minha irmã cuidava de mim, me protegia dos ataques da minha mãe. Ela me emprestava roupas, maquiagens e bijuterias, me ajudava com a depilação, ela fazia minha sobrancelha. Eu tenho contato com a minha irmã até hoje, mas com mãe eu não falo mais.”

Aos 13 anos de idade, após uma discussão com sua mãe, Sabrina fugiu de casa pela primeira vez. O único local que ela conhecia era o Terminal Rodoviário, localizado no bairro Antônio Bezerra. Então, ela pegou o ônibus que circulava pelo seu bairro e foi em direção à Rodoviária. Com medo e com fome, ela permaneceu morando na rodoviária por dois dias. Eis que a administração do referido local ao perceber Sabrina vagando pelo local, acionou o Conselho Tutelar que, por sua vez, contactou sua mãe e, assim, Sabrina retornou para casa.

Entretanto, ela relata que preferia ter ficar vagando pelas ruas, pois em casa ela era maltratada por sua mãe e por outros familiares. A exemplo, cita que foi abusada pelo seu primo.

Quando eu era mais nova, eu sofria muito abuso. Tanto abuso físico, como abuso psicológico. A minha mãe gritava demais comigo, tudo era na base do grito. Eu fui abusada por um primo meu, dentro de casa. Foi assim: eu estava morrendo de fome aí eu comi quatro bananas que estavam sobre a mesa, mas ele que havia comprado. E aí ele disse, que ia comer o meu cu para pagar as quatro bananas que havia comida. Na hora eu disse que ele tava se fazendo de doido, que ele era meu primo, mas ele não quis saber e me mandou calar a boca. Fechou o portão da casa e me pegou à força. Aí é que fiquei desgostosa mesmo de ter voltado para a casa (Sabrina, 2017).

Diante de tamanha violência, Sabrina buscou a sua progenitora na esperança de ser acolhida. Então, esperou a mãe chegar do trabalho para relatar o ocorrido. Ela desejava ser cuidada, ser protegida e abraçada por dona Irací, entretanto, as mãos que foram em sua direção não trouxeram as carícias que tanto desejava, mas tapas e muitos puxões de cabelo e Sabrina relembra: “Ela puxava os meus cabelos e gritava que a culpa era minha. Se eu fui abusada, a culpa era minha, porque eu era um viadinho”.

Assim sendo, Sabrina fugiu mais uma vez de casa. Mas foi interceptada novamente pelo Conselho Tutelar, de modo que se tornou uma rotina: “quando eu ia para o Conselho Tutelar, minha mãe ia lá e quando me liberavam eu voltava para rua de novo.” Aos 14 anos, ela começou a fazer o uso abusivo de álcool e droga, e, aos 15 anos, realizou o seu primeiro programa e ganhou o valor de 40 reais. Sabrina expõe que nunca planejou se prostituir, mas que o acaso se encarregou de apresentá-la à prática da prostituição. Ela explica que tudo começou a partir da sugestão de uma amiga: “- Eu fui para uma festa e lá minha amiga me apresentou para um cara, ela disse: “Esse meu amigo, dá um dinheirinho pra sair com ele, ele curte travesti no estilo ninfetinha. E começou assim. E na época de adolescente crescendo, eu ganhava dinheiro.”

Sabrina relata que residia em um bairro periférico de Fortaleza e morava em uma casa de três cômodos. Sua família passava por dificuldades financeiras, pois a renda familiar era proveniente do trabalho de sua irmã de 18 anos que era manicure e de sua mãe que trabalhava em uma fábrica ganhando um salário mínimo. Sem estudo e ainda menor de idade, Sabrina enxergou na prostituição uma forma de ajudar nas despesas mensais de sua casa, no entanto, a relação com sua mãe foi ficando cada vez mais conturbada, pois, com o dinheiro da prostituição, a moça ajudava nas compras de casa, mas também investia em sua aparência para ficar mais feminina e isso deixava sua mãe incomodada e, assim, Sabrina foi embora de casa definitivamente e rompeu os laços familiares com sua mãe.

Sabrina disserta:

Eu juntei um valor de 160 reais coloquei umas roupas em uma bolsa e fui embora sem olhar para trás. Peguei um ônibus aleatório e fui bater no terminal do Papicu passei alguns dia lá e conheci Cristina. A Cristina estava vivendo na rua há dois anos e aí a gente foi conversando e ela disse: bicha eu vou te ensinar a morar na rua. Ela foi me ajudando, eu fui aprendendo o que é a rua, fui perdendo a vergonha de manguear, fui aprendendo a me virar. Ai eu passei um tempo né ali pelos arredores do terminal e eu conheci uma cara e a gente ficou. Mas ele sumiu e tive a informação que ele estava na Praça do Ferreira e fui bater lá atrás dele e daí eu vi um movimento e como eu já vivia na rua eu resolvi ficar, mas eu não conhecia aquele local eu fiquei uma noite para ver como era e não quis mais sair (Sabrina, 2017).

De acordo com a declarante, ir morar na Praça do Ferreira foi um divisor de águas em sua vida, pois, ao mesmo tempo em que ela foi acolhida e criou vínculos afetivos, ela também foi espancada, começou a usar de forma abusiva o crack, conheceu a prostituição de rua. Ela também pontua, que devido ao uso abusivo de drogas foi internada em uma clínica de reabilitação para dependentes químicos.

Sabrina revela que foi agredida por duas mulheres na Praça do Ferreira e o motivo da agressão foi por causa de ciúmes. “- As mulheres casada tinha ciúme de mim com os boys,

mas que culpa eu tinha se eles ficam se chegando pro meu lado”. Deste modo, ela ficou com medo de dormir na Praça do Ferreira e buscou outro local para pernoitar e eis que uma outra travesti a levou para conhecer o Centro de Convivência. Então, ela passou a dormir no Centro de Convivência e descreve como foi sua passagem pelo local: “Na pousada, a minha convivência com as mulheres e as outras travestis foi melhor do que qualquer outra coisa, mas com os homens bombou (risos)”.

Ademais, Sabrina relata que durante a sua vivência na rua fez poucos programas. Ela relembra que saía a noite para o calçadão da Beira Mar, área turística da cidade Fortaleza, com a intenção de se prostituir e conseguir dinheiro para comprar crack.

Assim, Sabrina descreve a sua passagem pela prostituição de rua:

Foram oito vezes que saí para fazer programas nas esquinas. E é aquela coisa: tem homem que quer me agredir, tem homem que quer me espancar, tem aqueles que lhe obriga a fazer coisas que você não está a fim de fazer. Então, eu coloquei na minha mente: eu lá vou tá me vendendo pra fazer tudo que a pessoa quer, sem eu ter vontade de fazer aqui? Teve vários clientes que foram especiais e tem um que até hoje comigo, que é o Lucas. Eu o conheci na Beira Mar. Eu estava fazendo programa, feia, suja, drogada aí ele me chamou e perguntou quanto era o meu programa, eu disse: 100 reais. Então, fomos para o hotel que ele estava hospedado, ele me recebeu super bem, ele é paulista. O Lucas me ajudou a sair das drogas. No período em que eu fiquei nas esquinas trabalhando, os homens não me menosprezavam, não tinha baixa nos preços dos programas e nem tratamento diferenciado pelo fato de eu ser travesti e morar rua. E assim, não é me gabando, mas tinha travesti que ficam com raiva porque, elas estavam bem arrumadas, bonitas, mas é como eu sempre falo: beleza não é tudo. Eu tenho o meu axé, os meus encantos. Tinha travestis que se achava só porque tinha silicone. Elas eram despeitadas e queriam me derrubar, mas só no diálogo, eu nunca deixei elas pisarem em mim. Porém rolava muito bate-boca entre as travestis nas esquinas.

Logo, Santos (2015) destaca que as múltiplas experiências travestis não podem e não devem ser consideradas como algo elementar. Pois além do processo de fazer, de aprender e tornar-se de um gênero que encontra-se em desalinhamento com a biologia, tem-se que encarar constantemente uma sequência infinita de preconceitos, humilhações e vários tipos de violência. Não há como contestar que é uma vivência, que implica em uma conduta de enfrentamento político da realidade.

Sabrina relata alguns episódios de violência que passou com clientes durante os programas:

E assim, por incrível que parece os períodos eu que eu fiquei mais detonada na rua, tava usando muita droga é o momento em que mais aparece programa na rua. Agora eu estando bem não aparece nada e mesmo assim eu não iria. Eu estando drogada é que eu topava mesmo fazer programa, mas eu não iria por menos de 50 reais, ou era 50 ou não era nada. Se não me desse o valor combinado eu trazia tudo, não vou mentir. Eu já cheguei a agredir alguns clientes porque eles me agrediram primeiro e eu revidava. Tinha vezes que eu saía para o programa e alguns clientes viam me agredir

para não pagar. E eu dizia: você venha me bater que você vai levar o seu. Eu lembro de um episódio que eu deixei um cara nu dentro do carro, ele fez tudo comigo e disse que não ia pagar. O que acontece, é que os caras curtem com o travesti, beija faz a safadeza todinha naquele momento e depois fingem que não lhe conhece, eles sentem um prazer em humilhar (SABRINA, 2017).

As vivências de Sabrina enquanto garota de programa são permeadas por violências, abusos, exploração sexual. Os clientes que procuram as travestis aspiram por uma aparência feminina que tenha um pênis. Santos (2015, p. 180) pontua:

Com dinheiro, eles compram muito mais do que um simples sexo, ou um gozo aventureiro e diferente. Instaure-se, como em qualquer relação sexual, um jogo de poder, dominação e muita adrenalina. Não é em qualquer lugar que se pode encontrar um feminino com o pênis e dispôs dele ora como homem, ora como mulher.

Para mais, Sabrina revela que passou três anos presa e que foi enquadrada no artigo 157 do código penal, pois assaltou um casal de italianos na Avenida Abolição, área nobre de Fortaleza. Ela afirma que foi muito bem trada pelos seus companheiros de cela, mas sofreu preconceitos e violência por parte dos agente penitenciários.

Foi a primeira vez que eu roubei para nunca mais. Eu roubei um casal de Italiano lá na Avenida Abolição eu assaltei com faca, os turistas tem muito medo de faca. A minha vida na cadeia eu fui tratada como um princesa, eu nunca pensei que eu fosse ser tão bem tratada. Eu era a única mulher para todos os homens. Agora também tinha muita coisa, muita peia. Eu fui espancada várias vezes pelos agentes penitenciários por questões de preconceito. Eu já processei até um. Quando o oficial de justiça vinha, o advogado, o defensor público eu pedia para conversar. Eu nunca fui estuprada, mas tentaram. Quando eu cheguei na cadeia eu tive medo de ser estuprada. Imagina aí, uma rua com 385 homens, quando eu cheguei lá eles gritavam: coloca ela aqui... Então eu dizia: seu agente não me coloquei em nenhum canto (SABRINA, 2017).

Em relação ao uso de droga, Sabrina revela que o crack é uma das drogas mais consumidas pela população em situação de rua, pois seu preço é mais acessível e, em decorrência do uso abusivo de crack,²⁰ ela emagreceu cerca de 15 quilos, ficou com a saúde fragilizada, com aparência apática e abdicou dos cuidados com o corpo e higiene pessoal.

Sabrina comenta como foi o seu contato com o crack:

Eu já tinha usado outras drogas. Tinha usado maconha, cocaína então eu pensei que o crack seria a mesma coisa. Eu sai com uns amigos da rua uma noite dessa aí, a gente foi bruxar, foi curtir e eles estavam usando crack e peguei e experimentei e gostei. O

²⁰ O crack surgiu como opção para popularizar a cocaína, pelo seu baixo custo. Para a **produção do crack**, uma mistura de cocaína em pó (ainda não purificada) dissolvida em água e acrescida de bicarbonato de sódio (ou amônia) é aquecida. O aquecimento separa a parte sólida da líquida. Após a parte sólida secar, é cortada em forma de pedras. Por não passar pelo processo final de refinamento pelo qual passa a cocaína, o crack possui uma grande quantidade de resíduos das substâncias utilizadas durante todo o processo. Prontas para o consumo, as pedras podem ser fumadas com a utilização de cachimbos, geralmente improvisados. Ao serem acesas, as pedras emitem um som, daí a origem do nome “crack”. Disponível em: <http://www.infoescola.com/drogas/crack/> Acesso em: 5 mar. 2016.

prazer que o crack causa é muito intenso, é uma sensação tão boa, você se sente leve, eu flutuava, eu me sentia viva e por um instante eu esquecia todas as minhas dores. Usei o crack pra curtir e para aliviar as angustias, mas ele me levou ao fundo poço, eu fiquei arrasada. Mas hoje eu tô limpa. Faltam 22 dias para completar um ano sem usar qualquer droga. Mas, eu sinto muitas dores no corpo por conta da abstinência. Eu fui internada algumas vezes e foi tranquilo, a clínica que eu mais gosto é o Instituto Reviver. E assim, o ruim da internação pra mim, não é a abstinência da droga, é a abstinência sexual. Toda clínica que eu vou tenho é sorte, porque só tem eu de travesti e eu só ando atçando os caras, de short bem curtinho, só de vestido e os educadores não falam nada. Aí quando eu tô na clínica eu não consigo ficar de boa por causa dos assédios, que eu não resisto a nenhum. Na clínica você tem que ficar em abstinência total, não pode nem olhar para os homens e quando os educadores e os funcionários dormiam, eles iam atrás de mim e eu não resistia.

As sensações de prazer mencionadas por Sabrina ao utilizar o crack atentam para um debate desencadeado pelo pesquisador Fiore (2008), ao discutir questões que envolvem as possíveis controvérsias entre prazeres e riscos, em sentidos ilusórios e artificiais que as “drogas” ocasionam aos seus usuários. Fiore (2008, p. 146) considera que o uso de drogas pode provocar prazeres, no entanto, ele é fadado a negatividades e riscos, com propriedades de ofuscar um efeito intempérie assolador, em especial o sentido ilusório de prazer que a droga pode proporcionar. O autor referenciado diz: “E as drogas dão uma espécie de curto-circuito, dão ao corpo uma espécie de prazer sem que ele exista. Dão uma ilusão química de prazer”.

No mais, a entrevistada evidência os saberes e as experiências que adquiriu vivendo nas ruas. Ela pontua: “morar na rua são duas fases de uma mesma moeda. Você se depara com o que ruim, mas também encontra coisas boas.” Entre os múltiplos aprendizados vivenciados na rua, Sabrina destaca a empatia.

Na rua eu aprendi a ter empatia, a ajudar as pessoas, a se colocar no lugar do outro, a não julgar. Quando eu cheguei na Praça do Ferreira eu fui aceita como eu sou. Ninguém questionou o meu jeito, ninguém questionou o fato de eu ser travesti. Eu me sentia respeitada sabe. O amor e a falta de compreensão que me faltou em casa, me sobrou na rua. Foi na rua que eu aprendi a dividir, a ser amável, pois a minha criação foi debaixo de muita peia. Minha mãe não soube me amar, ela não me aceita como eu sou. Hoje em dia ela é lésbica, mas ainda sim ela não me aceita, vai entender uma pessoa dessa? (SABRINA, 2017).

Em relação aos seus relacionamentos, Sabrina destaca:

Às vezes eu pegava o cara preto de sujo, mas lindo. Aí eu dizia: bora que você vai tomar um banho de loja é hoje, vamos mais a titia. Levava ele para o Centro pop, arranjava a vaga dele na pousada e começava a dar em cima. Por que as travestis gostam tanto de bancar os boys? Porque elas querem os boys só para elas, mas elas não conseguem (risos). Aí a gente acha que dando tudo vai conseguir, às vezes dar certo. Porque se eu bancar um homem ele tem que fazer o que eu quero, ele tem que tá do meu lado na hora que eu quero. E o que é pior, um homem me deixar por uma mulher ou por um travesti? Ele pode me deixar por uma mulher, mas se ele me deixar por um travesti eu mato ele queimado amiga... Porque o que a travesti tem, eu também tenho. Então porque ele vai procurar fora o que ele tem em casa? Mas se for por uma mulher eu fico caladíssima ela tem o que eu não tenho, ela tem o que eles querem. Como é

que as travestis se sentem dando tudo para o boy e ele ficando com ela? Uma diva querida. Mas tem horas que eu boto o boy para me ajudar, atualmente eu estou namorando e ele tá me ajudando. Ou me ajuda ou vai embora. Eu tô me achando porque no caso, quem tá bancando é o boy. O dinheiro que eu ganho é só pra eu luxar e pagar minha contas. Eu não gosto de andar feia, eu não gosto de andar fedendo, eu não gosto de andar sem maquiagem.

Durante o período da entrevista, Sabrina não estava mais vivendo em situação de rua. Ela conseguiu um emprego de garçoneiro em uma lanchonete do Centro da cidade e com esse salário ela pagava o aluguel de um quitinete. No mais, ela ressalta:

Eu tô dando graças Deus por esse emprego. Primeiro eu não tenho estudo, eu fui um dia para a escola aos 14 anos e estava vestida de mulher e eu virei motivo de chacota, chutei todas as cadeira da sala de aula e fui expulsa. Eu sei ler e escrever porque minha vó pagou uma professora de reforço que me ensinou ler, escrever e fazer umas contas. Nesse emprego o rapaz que me contratou me aceitou como eu sou, me aceitou sendo travesti. Lá eu ganho por diária, ele paga 40 reais. Faço um salário de 480 por mês tá dando pra viver. É muito difícil as pessoas contratarem travestis sabe. Mesmo que seja para os serviços gerais, ainda sim, é difícil. Aquela coisa né acha que travesti só serve para pista, pra prostituição. Não enxergam a gente de forma útil, de forma digna.

As narrativas apresentadas por Sabrina revelam que o ambiente familiar pode configurar um espaço de repulsa e exclusão para as travestis, no entanto, um outro local extremamente desfavorável para elas é o ambiente da escola, haja vista que ocorre uma imposição para que as crianças definam seu gênero e sua sexualidade e, muitas vezes, não há espaços para as expressões de gênero que vão de encontro com sistema heteronormativo. Conseqüentemente, as travestis abandonam a escola ainda sem ter concluído o ensino fundamental. Tal fato, será evidenciado nas interlocuções dispostas pelas demais entrevistadas. Todavia, ocorrem algumas exceções nas quais os travestis conseguem concluir os estudos e até ingressam o ensino superior. Mas não é o caso de Sabrina e nem das demais colaboradas desta pesquisa.

No mais, a colócutora destaca que vivenciar sua feminilidade integralmente é desafiante, uma vez que, apesar de toda uma manifestação pautada em discursos de aceitação, o corpo dos travestis está sempre no foco das agressões, e os olhares que são lançados sobre elas carregam malícias e artilosidades. Como exemplo, Sabrina cita o caso bárbaro de violência contra uma travesti ocorrido em fevereiro de 2017, na cidade Fortaleza. Ela enfatiza que a brutalidade ocorrida com Dandara²¹ a deixou com medo de dormir na rua. Para mais, ela detalha:

A Dandara já dividiu calçada comigo, dormimos abraçadas para uma amenizar o frio uma da outra. Ali, ela morreu uma inocente, mas todos já estão pagando pela barbaridade que fizeram. Aí depois desse caso eu pensei em arranjar um trabalho e ir

²¹ (Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>. Acesso em: 02 jan. 2021).

alugar uma casa, tanto, que minha casa só tá alugada há um mês. Desde de quando o vídeo do assassinato da Dandara estouro eu disse que não ia dormir mais na rua, pois pode acontecer comigo. Outro caso também que me deixou chocada foi o caso da Erika. Ela foi agredida, jogada de cima do viaduto passou dois meses em coma, faleceu semana passada. Eu também conhecia a Erika, ela fazia programa na avenida José Bastos. Tudo isso me deixa assustada, pois a violência e o preconceito contra travestis está aumentando em Fortaleza. A LGBT ajuda, mas não tá dando jeito, pois tem muita gente preconceituosa, tem muita gente que só que fazer maldade com os travestis. O que eu tô chamando de LGBT, é associação das travestis. Eu não conheço a associação, não sei onde fica, eu falo com muita gente pelo grupo no whatsapp. Eu conheço outros casos de travestis que foram agredidas. Eu presenciei várias vezes as travesti lá da pousada apanhando na rua.

As narrativas de Sabrina se alinham com os relatos de outras travestis que foram discursistas na pesquisa. O rigor das normas pautadas em sistema binário e dicotômico: feminino, masculino, mulher e homem tacham os indivíduos que não condizem com a lógica do binarismo de gênero aos mais diversos ataques e às hostilidades no que cerne seus reconhecimentos indenitários como sujeitos. Logo, as travestis compõem o grupo dessas pessoas que infringem as disposições de normas e constroem seus corpos por meio de tecnologias de gênero e que também tomam como base as disposições das regras infringidas.

Ademais, questiono Sabrina sobre a construção da sua feminilidade e ela é enfática em sua resposta:

Bom eu sou muito vaidosa e gosto de andar arrumada, perfumada mesmo tendo morado na rua por anos, eu sempre dei o meu jeito de tomar banho, de conseguir produtos de higiene. Mas em relação a minha feminilidade eu posso dizer, que foi um processo sabe?! Eu não virei travesti da noite para o dia e ser travesti, não só colocar uma roupa de mulher é algo mais intenso. Você vai se fazendo travesti, a gente tem um linguagem própria, a gente vai modelado nosso corpo, vai usando hormônio, coloca até silicone. A gente aprende ser travesti. As travestis mais antiga vão ensinando a gente sobre o uso de hormônio, dá as dicas né pra gente bombar, que é colocar o silicone. Mas em relação ao silicone eu particularmente não quero e eu coloquei na minha mente que quem me quiser vai ser do jeito que eu sou, nada artificial. Eu tenho medo do silicone, eu vejo muita travesti deformada, travesti com o pé inchado, muita travesti com a bunda furada, com as veias estourada por causa do silicone, o silicone industrial. Eu já acompanhei o processo de implante de silicone de algumas amigas minhas e eu acho sofrido demais. Eu tomei anticoncepcional, tomei muito Perlutan, mas eu não vi resultado aí eu parei. Quando ia para as esquinas, eu era considerada ninfetinha, porque eu sou novinha, tenho só 21 anos, sou magrinha, tenho esse estilo mais jovial. Eu só cogitaria colocar silicone se fosse a prótese, o silicone normal, porque é anestesiada e é uma cirurgia e eu só tenho vontade de colocar o peito e mais nada, eu queria peitão, mas eu não queria peitinho de moça virgem não. Eu queria peitão de puta assumida (risos). Só para incomodar elas... Sem peito eu já ganho tu imagina aí eu na Fortaleza com o peito truando, com uma prótese babado, eu queria 500 ml em cada lado. O que? Ia arrasar quarteirão (SABRINA, 2017).

Diante das assertivas apresentadas, recorro ao aparato teórico de Pelúcio (2009), no sentido de compreender que tornar-se travesti implica em um retesamento disciplinar em relação aos cuidados corporais e habituais que as fazem integrar totalmente os padrões

predominantes em relação a como deve ser o corpo, a roupa, os gestos, as cores e os acessórios para cada gênero. Assim, as travestis desejam uma feminilidade avivada, acentuada. O que pauta essa materialização é a procura de um ajustamento aos modelos dominantes de identidades socialmente estabelecidos, que as submetem a diversas formas de controle corporal/gênero. Embora elas se utilizem de formas subversivas das tecnologias protéticas e químicas disponíveis, ainda assim, não subvertem de fato a ordem binária, haja vista que procuram uma conformidade corporal idealmente generificada.

A feminilidade travesti consiste em um processo árduo que implica em recursos financeiros, um disciplinamento contínuo do corpo, que vai desde o uso da maquiagem, do vestuário, de hormônios, de intervenção cirúrgica, do aprender a equilibrar-se em saltos.

Sabrina destaca que suas transformações corporais e suas identificações com o feminino iniciaram de forma trivial: no momento em que ela desejou os vestidos cor de rosa de sua irmã e por sua vez foram ganhando contornos mais acentuados durante a adolescência. Foi nessa fase que a interlocutora investiu em mudanças mais contundentes em seu visual e ela descreveu: “eu coloquei apliques no cabelos, comecei a usar brincos extravagantes, me depilava, afinei as sobrancelhas, pintava a unha de esmalte vermelho, usava batom boca de confusão, aquele batom de cor bem vibrante”.

Contudo, o processo metamorfofísico da entrevistada, e isso inclui os aspectos físicos e subjetivos, ferem e incomodam o sistema heteronormativo que, por sua vez, a expôs a uma série infinita de violência produzida inicialmente em seu seio familiar, alcançando os demais espaços sociais.

4.2 A vida despertou o meu lado mais perverso, mas eu também posso ser um amorzinho.

E aí, qual versão você deseja conhecer?

Início esse tópico lembrando uma das entrevistas que realizei com a travesti chamada Lavínia, na Praça da Gentilândia, em meados de abril de 2018. Na ocasião, passaram dois homens negros caminhando na praça e, ao avistá-los, ela desferiu falas esdrúxulas e de cunho racista:

Eu não gosto de negro. Quinhentos é quinhentos, mas nem por quinhentos eu saia com um nêgo desse. Eu não gosto e não confio em negro. Isso vem da minha criação. Sou de uma família tradicional do interior do Rio Grande do Norte, e fomos educados assim. Meu pai era racista. E dizia que a gente não era para se relacionar com negros. Nunca fiz programa com negros. Inclusive, eu virei uma mesa de bar uma vez no centro, pois eu passei e um homem negro me deu uma cantada. Ele me chamou de gostosa. O sangue me subiu à cabeça fui lá, e virei a mesa. Disse: quem você pensa

que é para se dirigir a mim? Foi confusão... Aí não gosto de negro, sinto muito (Lavínia, 2018).

A fala de Lavínia me deixou consternada e, sendo uma mulher negra, eu a retruco e pergunto: “Eu sou negra. Você tá aqui conversando comigo; me deu até um abraço, e aí”? Sem hesitar ela responde: -Ah, você é moreninha e eu gosto de você”. Lavínia é uma travesti branca, de cabelos claros, que foi expulsa de casa aos 18 anos de idade. Seu pai não aceitava que ela se vestisse de mulher, não aceitava que ela fosse travesti e chegou a ameaçá-la de morte. Amedrontada, ela resolveu deixar o seu estado de origem, Rio Grande do Norte, e, com o dinheiro que ela havia recebido de sua mãe, resolveu comprar uma passagem de ônibus para Fortaleza. Sem conhecer ninguém, sem dinheiro e sem ter um local para morar, ela passou a viver na rua. A praça do Ferreira passou a ser o seu novo endereço. E, para conseguir o seu sustento, ela começou a se prostituir.

O nosso último contato foi em 2019, ela estava recebendo um aluguel social e morava em um quitinete no bairro Benfica. Ela carrega em seu corpo e em sua memória os fardos da violência, da discriminação e da opressão que sofre e sofreu em decorrência da transfobia. Lavínia apresenta um comportamento agressivo e justifica dizendo: “a vida despertou o meu lado mais perverso, mas eu também posso ser um amorzinho. E aí, qual versão você deseja conhecer?”

Visando contextualizar as declarações apresentadas por Lavínia, eu busco as ideias apresentados por Louro (2000, p. 9), que ressalta:

[...] O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, a sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual.

Diante das questões apresentadas por Lavínia e tomando como base as reflexões de Louro (2000), compreendo que o corpo social visa classificar o sujeito e isso implica em uma cisão que confere rotulações e uma estereotipização, cuja finalidade é tornar fixas as identidades. Logo, vão estabelecendo normas, padrões e definições que, de forma sutil ou até mesmo violenta, discerne e discrimina. Assim, os diversos grupos sociais se valem das representações identitárias para fabricar suas identidades e a identidade de outros.

Nesse sentido, Lavínia representa como ela bem denota: a “bicha padrão”. Que é aceita, pois é branca, alta, de olho claro e siliconada”. Esse debate me faz lembrar o documentário intitulado: Duas Vezes Senzala. O curta-metragem expõe as relações de racismo e LGBTfobia que são estruturadas e vivenciadas por corpos negros gays, lésbicos, transexuais e não-binários e suas formas de empoderamento, sem deixar de enfatizar o quanto esses sujeitos são silenciados pelo corpo social e até mesmo pela comunidade LGBTQIA+. A postura de Lavínia expressa que, à medida em que ela bagunça o sistema normativo, também apropria-se de discursos opressores e deslegitima a existência do outro, do homem negro.

Ademais, essa sessão contempla outros aspectos que permeiam a vida de Lavínia, tais como: o seu processo de travestilidade, a sexualidade, a passagem pela escola, a prostituição e o uso do silicone. Lavínia relata que aos 12 anos descobre a sua sexualidade. Quando cursava a 5ª série do ensino fundamental, Lavínia se apaixonou pelo seu colega de sala e ela descreve:

Aos doze anos, eu me vi apaixonada pelo Felipe. Ele era o meu melhor amigo na escola. Eu era um pouco afeminada, até então isso era visto apenas como o meu jeito de ser, mas eu percebi que o Felipe mexia comigo, quando eu chegava perto dele eu ficava abobalhada, a minha mão suave e eu sentia um frio na barriga, eu não conseguia entender o que acontecia. Eu sentia ciúme do Felipe com os outros meninos. Eu comecei a admirar o Felipe fisicamente, achava ele bonito, mas eu não tinha isso pelas meninas. Quando estava em uma roda de conversas só meninos e eles comentavam das meninas, eu não gostava e dizia que todas eram feias (risos). E um dia eu cometei com uma amiga que achava o Felipe bonito e que me coração disparava perto dele. Essa minha amiga, era mais velha do que eu. Ela tinha uns 15 anos. Então ela era mais vivida, já namorava ne e foi ela me deu o toque, que me alertou que eu estava gostando do Felipe! Eu fiquei louca de raiva e briguei com ela e fui pra casa chorar. Eu só tinha doze anos estava me descobrindo no auge da pré adolescência, sem ter informação nenhuma eu ia fazer o que? Eu sofria com uma paixão reprimida... Mas quando a gente estava na 7ª série, eu roubei um beijo do Felipe e ali eu entendi e aceitei, que eu não gostava de menina e sim de meninos. Eu nunca tive relação sexual com uma menina, já iniciei a vida sexual com um menino.

Lavínia relatou que passou o período dos doze até os quatorze anos vivendo uma crise existencial. A priori, a moça não conseguia mensurar e tampouco aceitar a sua orientação sexual. Sentindo-se confusa, insegura e com receio que seus familiares e colegas de escola desconfiassem que ela gostava de meninos, ela passou a ficar mais introspectiva, e ela explica:

Na escola eu comecei a me policiar, sobre o meu jeito de me expressar, de expor meus sentimentos em relação aos garotos e em específico o Felipe, que foi o meu primeiro amor não correspondido, ou seja, eu ficava fazendo um personagem de “machinho” e em casa, eu ficava trancada no quarto. Evitava ficar circulando pela casa porque não queria encarar meus pais e principalmente o meu pai (LAVÍNIA, 2018).

No entanto, ao completar os seus quinze anos de idade, Lavínia sai do estado de negação e passa a aceitar a sua orientação sexual e inicia também algumas mudanças em sua aparência; a intenção era dar toques mais femininos ao seu visual. Ela narra:

Eu cansei de ficar me maltratando, de ficar negando que eu era. Eu fui me deixando levar pelo que eu sentia, eu tinha necessidade de realizar os meus desejos, de viver. Eu chutei o balde e fui viver. Eu fui me permitindo ser quem eu de fato eu era sabe?! A borboletinha saindo do casulo querida. Foi fácil? Não foi, até hoje ainda não é. Principalmente porque eu não tinha o apoio de ninguém. Minha família me rejeitou, até mesmo pelo histórico do meu pai: machista, transfóbico, um ignorante. A minha mãe era submissa ao meu pai né. Nessa época não se fala em um apoio psicológico que ajudasse a entender, que pelo menos a gente pudesse conversar.... A única pessoa que me restava era uma amiga, que era com quem eu conversava, então era difícil de entender tudo aquilo. Mas como diz aquele ditado: o que não tem remédio remediado está. Então eu soltei minhas feras. Eu tô vivendo, eu fui a luta, eu vi que era de mim, eu me sentia atraída por meninos e ponto. E aí, junto com meus desejos e a questão da sexualidade, veio a minha vontade ainda mais intensa de me travestis, de ser cada dia mais feminina.

No que cerne ao processo de travestilidade, Lavínia conta que iniciou aos 15 anos e teve a ajuda de uma amiga travestis chamada Deuzinha. A citada amiga ensinou Lavínia a se maquiar, a andar de salto, a cuidar do cabelo e a apresentou os hormônios para ajudar com as modificações corporais. A entrevistada detalha:

Até então eu sabia que não gostava de meninas. Mas eu sempre tive uma inclinação para o universo feminino, eu sempre fui afeminada e tal. Era muito apegada a minha mãe, gostava de ajudá-la a se arrumar, ela era muito vaidosa. Eu pintava o cabelo dela, acompanhava ela no salão de beleza. Eu era a filha que ela nunca teve e ela nunca questionou o meu jeito. Aí quando eu fiz 15 anos, eu conhecia uma amiga travesti chamada Deuzinha. Ela foi morar na minha rua e ficamos amigas. Eu nunca tinha conhecido uma travesti. Era de cidade do interior do Rio Grande do Norte, só via homem vestido de mulher no Carnaval. Quando eu conhecia a Deuzinha, eu percebi que eu queria ser igual a ela. Ela tinha o cabelão, era loira, tinha todos os boys que ela queria e aí eu queria ser igual a ela. Foi daí que eu descobri que eu sou uma mulher, que dentro de mim, tinha uma mulher. Aos 15 anos eu comecei tomar hormônio. Eu comecei a usar Perlutan, era a Deuzinha que me dava, porque até então eu era bicha boy, eu me vestia de homem. Ai eu ficava perturbando a Deuzinha pra ela me dizer como era que fazia pro cabelo crescer, pra criar peito, como é que se maquiava. Eu comecei a desenvolver os seios, mas amarrava uma faixa no peito e vestia um blusão largo para o meu pai não perceber as minhas mudanças corporais.

Lavínia mora em Fortaleza há 25 anos. Quando ela chegou na cidade desembarcou na rodoviária e seguiu em direção ao Centro da cidade. Ela passou três dias e três noites dormindo nos bancos da Praça do Ferreira. Na escuridão da terceira noite, eis que ela conheceu Malu. “A Malu era uma travesti que fazia ponto lá na Clarindo de Queiroz. E, nesse dia, ela estava passando pelo Ferreira e me viu desolada sentada no banco da praça e foi lá falar comigo. Então, eu contei minha história pra ela e ela me levou pro quitinete que morava com outra travesti” (Lavinia, 2018).

Nessa sequência, a entrevistada revela:

A Malu me levou me acolheu na casa dela e disse que trabalhava como garota de programa. Ela dividia o quitinete com outra bicha, a Alana que trabalhava em um salão de beleza. Ela deixou que ficasse, que eu dormisse aquela noite na casa dela, mas se eu quisesse permanecer lá eu precisava ajudar nas despesas. Ai ela disse que podia levantar uma grana na pista, porque eu era bonita e tinha chance. Então a Malu ajudou a me montar, usar roupas que valorizasse meu corpo, ela produziu minha maquiagem. Nessa época eu não tinha silicone, mas eu fazia sucesso mesmo assim. A primeira noite que fui pra pista né eu fiz três programas. Eu era, “a carne nova do pedaço”. E o valor do programa era assim: o sexo oral era 30 reais, a penetração eu cobrava 60 e para eu fazer a ativa era 90 e caso o cliente quisesse fazer tudo, eu fechava a noite por 120 reais. Quem me deu as dicas dos preços foi a Malu. Mas aí aconteceu uma briga entre mim e a Malu. Acontece que comecei a fazer mais sucesso, eu era a novidade então os cliente queriam a carne nova, e aí um dia eu sai com o cliente da Malu e ela não gostou. A gente brigou e eu sai da casa dela e aluguei um apartamento quarto e sala para eu morar.

A expressão “carne nova no pedaço” faz parte da cultura da prostituição e indica a chegada de novas garotas aos pontos de programa. “A carne nova no pedaço” é o que faz aguçar o aprazimento dos clientes, alimentando o desejo e o imaginário da conquista entre os clientes e as garotas de programa.

Em relação a sua estreia na prostituição, sobre o seu primeiro programa, Lavínia menciona que:

Não foi nenhum sacrifício. Claro que bate um medo de sair com estranho, você não sabe o que pode acontecer, é um risco, ainda mais se tratando de travesti. Mas em relação ao sexo em si para mim era tranquilo, porque eu estava interessada em ganhar o dinheiro. E outra, eu não era mais virgem e já sabia fazer os babados. E nenhuma das minhas relações sexuais antes da prostituição foram por paixão, amor ou coisa desse tipo. Ah, vou transar com o boy porque estamos apaixonados? Não! Transei porque estava em busca de prazer, porque queria gozar. Não me sobrou espaço para viver paixões. O meu corpo aceita e permite prazeres momentâneos. Quando eu ficava com os caras lá da minha cidade no interior do Rio Grande do Norte, era beijos, carícias, abraço e muita porra, mas quando era no outro dia passavam de mão dadas com as namoradas. A travesti era para diversão nos becos e esquinas escuras. O cara ia lá metia e depois tchau! Amiga, pra quem já transou no matagal, no muro do cemitério e nunca teve amor e sim farelos, transar no banco de trás de um fiat uno e ainda receber pra isso, eu posso dizer que estava era no lucro. E outra, o cliente sabia que ali era zona de prostituição de travesti, então sabia o que ia encontrar eu não tinha vergonha do meu corpo. Mas claro que eu sonhava em colocar prótese né, queria ter peitão e uma bundona.

As narrativas apresentadas pela entrevistada pontuam que, muitas vezes, o corpo da travesti transfigura-se em um dispositivo do prazer alheio. Nesse sentido, Butler (2019, p. 162) ao dialogar com Foucault diz: “o corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder. A sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade”. Consequentemente, o corpo é marcado pelas vivências que são admitidas como possíveis.

O corpo é posto no centro dos julgamentos sobre a existência do sujeito, daquilo que ele é ou do que pretende ser. Assim, procura-se compreender se os desejos sexuais, sejam eles hetero ou homossexuais, são intrínsecos ou obtidos. Questiona-se se a conduta generificada tem relação com os atributos físicos, pois, diante das incertezas que perpassam o sujeito, ocorre a necessidade do julgamento que, visivelmente os corpos expressam (Weeks *apud* Louro, 2010).

Entre outras questões trazidas na entrevista de Lavínia, ressalta-se que a prática da prostituição é apontada como uma forma fácil de conseguir dinheiro, porém ninguém conhece o lado difícil da vida fácil e logo ela explica:

Só quem trabalha na prostituição, sabe o que passa para conseguir aquele dinheiro. Eu já levei facada, já levei tiro de cliente. Os caras querem curtir com as travestis, mas não querem pagar, aí a gente pega e rouba eles e começa um conflito. Mas quem leva a pior somos nós, que ganhamos fama de travestis ladra, somos nós que morremos. Não tem nada fácil na prostituição. É um dinheiro sofrido (LAVÍNIA, 2018).

Lavínia afirma que se prostituiu por 25 anos e que durante esse período ela trabalhou na rua, trabalhou em *sites* e trabalhou em bordeis no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Curitiba e na Itália. Ela frisa que foi através da prostituição que conseguiu dinheiro para colocar a sua tão sonhada prótese de silicone.

Ela detalha, que colocou próteses de silicone nos seios na cidade do Rio de Janeiro, em uma clínica localizada no bairro Catumbi. A interlocutora enfatiza que para realizar o sonho de colocar o implante foram necessários dias árduos de trabalho. Ela fazia uma média de quatro a cinco programas por dia para conseguir o dinheiro da prótese, tendo em vista que na época que realizou o procedimento era cobrado um valor bem inacessível. “Eu coloquei silicone em 1998, era um procedimento, uma cirurgia bem cara. Aliás, esse silicone é um dos presentes mais caro que eu já me dei. Sou apaixonada pelas meus peitos, acho babado meus gêmeos”. (LAVÍNIA, 2017).

Entretanto Lavínia acentua que injetou dois litros de silicone industrial em seus glúteos e descreve como foi o processo de “bombar”²²:

Eu também coloquei o silicone industrial no Rio De Janeiro. Por ser um procedimento clandestino tudo ocorre de forma muito velada, pois a bombadeira não quer ser identificada. Para eu conseguir o contato da bombadeira, foi um pouco complicado foi uma amiga travesti que intermediou todo o processo. Então eu não sabia nem o dia nem a hora que ia bombar porque tudo fica a critério da bombadeira. No meu caso, eu estava dormindo era 1h da manhã, a minha amiga bate na porta e diz: bora querida é agora que você vai bombar o carro está esperando pra gente ir. Eu me bombei no motel. Geralmente escolhem o horário da madrugada por seu mais tranquilo em relação

²² Termo utilizado para indicar o implante do silicone industrial.

a não ter muitas pessoas, não ter muitos carros circulando aí a gente vai e volta mais tranquila. O procedimento dura entorno de 1h30 a 2h. No meu caso que foram dois litros, durou 2h. Aí como é o babado? A compras de agulhas e seringas na qual vão perfurar a nossa pele para injetar o silicone. Aí o local fica inchado e a bombadeira vai dando uma massagem com intenção de modelar aquele líquido, forma uma massa e aí ela vai modelando. Essa parte da massagem dói bastante. Depois a gente passa de 8 a 10 dias dormindo de bruços porque silicone não pode se espalhar. Na época eu paguei esse silicone em cruzados, eu paguei 100 cruzados por cada lado. Aí para o líquido não ficar vazando, é colado o algodão, o papel higiênico com uma cola chamada three bond essa cola não queima a pele, já a super bonder queima. A gente amarra uma faixa na cintura que é para silicone não sair do lugar. E assim, a gente só pode levantar depois de dois dias que é pro silicone enrijecer na pele. Muitas vezes ocorre da pessoa bombar e ir correndo pro espelho pra se olhar e isso não pode, porque é aí, que silicone escorre pros pés e fica inchado o pé: é horrível. A pior parte do processo é o repouso, dá muita dor na coluna dormir com aquele peso do silicone. E tem que dormir de bruços, a gente sente vontade de uma caminhadinha para aliviar a coluna e não pode porque é pesado. É um outro corpo dentro de você. Não pode usar o vaso sanitário, tem que passar uns 5 dias sem defecar e a alimentação é a base líquidos. E outra, depois que injeta o silicone a responsabilidade é nossa qualquer problema que ocorra é nossa culpa, a gente que procurou... A bombadeira não tem nenhuma responsabilidade. Ela recebeu o dinheiro é cada uma para o seu lado.

Para as travestis, o silicone representa um elemento de suma importância na elaboração do corpo desejado, com o propósito de ser notado como um corpo cobiçado. É através do silicone que a feminilidade sexualizada vai adquirindo formas e contornos e passa a ser tangível; corpos voluptuosos guiados por curvas sinuosas, quadris largos, nádegas avultadas, coxas torneadas, seios acentuados. Além do silicone, elas utilizam outras tecnologias de gênero para obter um rosto mais delicado. Os pelos são devidamente pinçados, colam cílios postiços, a fim de construir olhares lascivos, usam batons de cores vibrantes que transmitem um ar de sensualidade.

Para tal, interpelo Lavínia a respeito dos riscos do uso de silicone industrial e prontamente ela responde:

Quando a gente recorre ao uso do silicone industrial com o objetivo de construir formas femininas em nosso corpo, a gente sabe dos riscos. Eu já tive amigas que foram a óbito em virtude os silicone indústria. Minha amiga ficou com perna toda necrosada a ponto de criar bicho, de criar tapuru. Ela morreu de infecção pelo silicone, mas era o meu sonho. O sonho de grande parte das travesti é adquirir em seus corpos, traços e formas femininas. É a dor da beleza. O silicone me ajudou a me tornar, a ser a mulher que eu tanto desejei. A ter o corpo que eu sonhava (LAVÍNIA, 2018).

As travestis enxergam no silicone industrial a oportunidade de remodelarem seus corpos e assim acalçarem o feminino que elas idealizam. Desse modo, elas apresentam alacridade, deleite e satisfação ao injetar em seus corpos litros de silicone e assim construir curvas sinuosas e exteriorizarem sua feminilidade desejante: que concentra olhares e vislumbres de homens, mulheres e demais travestis. Como bem ressalta Santos (2015, p. 136):

Os efeitos provocados pelo silicone industrial são, muitas vezes, encantadores. As formas femininas nascem instantaneamente; e isso é motivo de euforia para quem está recebendo a aplicação. E é, talvez, essa sensação que as faz sublimar toda a sorte de riscos que envolve o procedimento.

As travestis que participaram desse estudo revelaram ter consciência dos riscos e dos danos que o silicone industrial podem causar em seus corpos considerando que elas acompanharam e foram testemunhas oculares do sofrimento que muitas de suas amigas passaram por conta de aplicações que foram mal sucedidas e resultaram em uma deformidade corporal ou em óbito.

Movidas pela força do querer, de um corpo que seja afirmado como feminino, as travestis percorrem caminhos tortuosos cuja linha de chegada perpassa pelo investimento financeiro que gira em torno de mil a três mil reais, pagos à bombadeira ²³ pelos serviços prestados e pelo produto aplicado, que pode até levá-las ao leito de morte. Mas Lavínia enfatiza que a vontade de ter formas femininas se sobressai diante dos ricos que é aplicar o silicone industrial e ela faz o seguinte relato:

o silicone industrial tem riscos, mas a vontade de ter uma bunda bem modelada, um quadril largo, coxas torneadas, o corpo escultural é muito maior que os riscos que o produto pode causar. É a mesma coisa de uma plástica convencional, apesar de ser algo legalizado, também tem os riscos né? Muita gente já morreu em mesa de cirurgia em procedimento de lipoaspiração por exemplo, já teve casos de aplicar prótese que não é o silicone industrial e o corpo rejeitou, eu conheço uma travesti amiga minha, que o corpo rejeitou a prótese. A bunda dela ficou horrível, ela quase morreu, a cirurgia infeccionou. Mas pra ficar bonita, para ter um corpão, tem que correr os riscos né!? Faz parte... Ou se joga e arrisca ou fica feia, aquela bicha sofrida(risos). É um tiro no escuro, como sempre falo: é a dor da beleza. Eu não tinha dinheiro para a prótese do bumbum, então recorri ao silicone industrial, que era o que eu podia pagar. Claro que eu sabia que o risco é bem maior em relação a uma prótese que é colocada em hospital, por uma equipe médica, eu não sou doida. O meu peito é a prótese normal, mas o que eu to querendo dizer é que o desejo de ter o corpo dos sonhos faz a gente correr determinados riscos. Eu tenho muito orgulho da minha bunda, eu acho ela linda, só uso calcinha fio dental, calça jeans de lycra bem colada empina bumbum, eu gosto de causá, de ser notada... Melhor sensação é quando eu tô andando na rua e o povo só falta quebrar o pescoço olhando para mim, principalmente os boy né (risos). Então eu corri o risco e não me arrependo, to aqui maravilhosa, gostosa e é isso.

Lavínia sente-se tão orgulhosa e realizada com seu corpo que, na ocasião da entrevista, ela fez questão de levantar o vestido e expor suas nádegas para que eu pudesse vislumbrar o quanto é modelada e empinada. Contudo, a fala da entrevistada sinaliza que o ideal de feminilidade que as travestis tomam como referência muitas vezes está alicerçado pelos discursos midiáticos, assim elas se submetem às pressões estéticas para obter formas corporais perfeitas, simétricas e que se alinham com as disposições de gênero em vigor; a feminilidade é

²³ É dito popular que caracteriza a sujeita que transforma e modela corpos através da aplicação clandestina de silicone industrial.

submetida à aprovação social. Para um melhor entendimento das questões apresentadas, Wolf (2021, p. 29) diz que: “A “beleza” é um sistema monetário semelhante padrão-ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino”.

É perceptivo no relato da interlocutora que o corpo que ela almeja é elaborado para ser notado, apreciado, aquilatado, tal qual um artefato exposto em uma prateleira de loja, despertando desejos, apresentando-se de forma galante e sedutora com a finalidade de envolver e atrair tanto os que se impressionam com sua volúpia corporal, como os que desejam rejubilar as suas vontades sexuais.

Dentre outras questões que envolvem a vida das travestis, destacam-se os relacionamentos amorosos. Segundo as entrevistadas, muitas vezes esses relacionamentos são baseados em interesses financeiros. Lavínia relata que, na peripécia de viver um romance, acabou se envolvendo com um rapaz que a deixou em ruínas, levando todo o seu dinheiro, todas as suas economias e conseqüentemente ela voltou a viver em situação de rua. A narradora afirma que, após o citado relacionamento, passou dez anos vivendo ininterruptamente em situação de rua. Ela salienta que com os seus *affairs* aprendeu:

bicha não tem namorado, não tem marido, bicha tem gigolô, então hoje em dia é assim: eu quero um boy, então vou saber o que ele gosta e vou correr atrás. Se ele quer pedra, pó ou bebida, eu dou e em troca, eu quero o sexo. Mas depois que gozar, é cada um para o seu lado. Eu gosto de boy novinho. Os velhos só para fazer programa.

Em relação à prostituição e ao uso de drogas, Lavínia salienta:

Aquela coisa a prostituição e drogas andam lado a lado. Então, durante o período que vivi na rua, eu usei droga, eu me prostitui, eu roubei, bebi e bebo até hoje. Só não puxei cadeia. Então, tinha períodos que eu estava acabada que nem fazer programa eu consegui, foi a época do crack. Eu conheci o crack quando estive em São Paulo. E no período de uso intenso de crack, foi onde eu vivia mesmo na rua, mas era acolhida pelo centro pop, pelo centro de convivência (Lavínia, 2017).

Sobre se relacionar amorosamente com moradores de rua, Lavínia revela que manter um namoro com homens em situação de rua é bem complicado, pois é uma relação que deve ser mantida em absoluto segredo e sem levantar suspeitas para os demais moradores de rua e, por esse motivo, ela prefere se relacionar com pessoas de outro meio. E ela explica:

Quando a gente vive em situação de rua, a gente pode até ficar com os caras, mas tudo em segredo. Eles curtem com a gente a noite toda e de manhã cada um para o seu lado, ninguém pode saber, pois caso a gente fale alguma coisa corremos o risco de ser agredida, pois querendo ou não, os caras na rua ainda têm uma visão bem machista sobre se relacionar com travesti”. Eles tratam a gente com respeito e tudo, mas pegar na mão e sair por aí, assumir uma relação com travesti são outros quinhentos... (Lavínia, 2018).

Em contrapartida, Lavínia denota os aspectos crédulos de viver na rua:

A rua tem um lado perverso e violento, mas na rua todos os irmãozinhos são solidários, a gente aprende a dividir, a compartilhar. Se um tiver o que comer e outro não, pode ter certeza que tudo é dividido, a gente divide o pão. Se tiver uma roda e aí estão todos bebendo e você não pode ajudar com a cota da bebida, você vai beber do mesmo jeito. A rua tem muito disso, de acolhimento, todos aqui vão te respeitar como você é. Aqui ninguém me chama no pronome masculino, pois eu sou mulher e eles não questionam isso. Me aceitam da forma que eu sou. Eu não fui compreendida pelo meu pai, mas pela população de rua eu fui. E outra, para você viver bem na rua é só ser cega, surda e muda e seguir a vida e você consegue viver bem. (Lavínia, 2018).

Em relação à vida escolar, Lavínia revela que conseguiu concluir o ensino médio sem pormenores, uma vez que ela tivesse conflitos com colegas de turma, ela conseguia se habituar ao espaço escolar. A narradora evidencia que, na infância, por volta de 8 anos, sofreu *bullying* por gostar de brincar com as meninas e usar material escolar associado ao gênero feminino, e para mais ela destaca:

Eu era afeminada, meu estojo de lápis e meu caderno era da liga da justiça que minha mãe havia comprado, mas eu troquei com uma menina da minha sala pelo da Penélope charmosa, porque eu adorava rosa e isso, dava margem para os meninos me chamarem de bonequinha, e eu fica louca então eu metia a porrada neles. Eu ia pra coordenação, leva advertência e ficava por isso mesmo. A professora não tinha dimensão do que estava por trás da confusão. Eu batia como uma defesa, não era só porque me irritava né. Mas na adolescência, quando eu fui começando a me aceitar, eu tirava isso de letra. Eu usava do meu sarcasmo, do meu deboche para todas as piadinha que falavam comigo. Eu ia levando sem grandes transtornos. Quando me chamavam de viado, de bicha eu dizia: sou viado mesmo, e é uma delícia ser viado. Isso fazia com que as piadinhas parassem.

Lavínia torna-se uma exceção, diante da realidade das demais entrevistadas, pois foi a única que conseguiu concluir seus estudos. Para as interlocutoras, a escola compõe um espaço excludente, e que acentua as desigualdades de gênero. Todavia, um dos campos que poderiam contribuir para atenuar a dicotomia e o binarismo presente nas questões de gênero é a área da educação.

O ato de educar tange aos processos de comunicação e interação, nos quais integrantes de uma dada sociedade captam saberes, habilidades, técnicas, atitudes e valores existentes no meio organizado, o que oportuniza o estágio necessário para construir outros saberes. A educação se concebe por intermédio das experiências e das situações observadas por cada indivíduo ao logo de sua existência e se potencializam através de uma troca mútua de conhecimentos e percepções.

Dessa maneira, Brandão (2007) ressalva que da família à coletividade a educação ocorre e se dissemina de maneira difusa em todos os corpos sociais, entre as inúmeras práticas e formas de aprender; inicialmente, sem estruturação, classe de aluno, sem escola, sem livro e

sem professor especialista, mais adiante, com organização escolar, salas de aula, professores e métodos pedagógicos.

De tal modo, a educação pode apresentar-se de forma livre, sendo comum a todos, como uma maneira de socializar saberes ordinários a determinados grupos. Bem como, pode apresentar-se de forma compulsória por meio de um sistema centralizador de poder, que utiliza o saber e o controle sobre o saber como artifício para reforçar as desigualdades entre os sujeitos, na divisão dos bens, dos trabalhos, dos direitos. A educação faz parte do processo de construção de crenças e ideias, de qualificação, de poderes, bens e símbolos, que em conjunto constroem os tipos de sociedade.

De acordo com Libâneo (2004), a educação em sentido amplo abrange o conjunto de ações formativas que ocorrem no meio social, podendo ser intencionais ou não-intencionais, sistematizadas ou não, institucionalizadas ou não. Em um sentido estreito, a educação considera as formas intencionais relacionadas ao desenvolvimento individual e de inclusão dos sujeitos, abrangendo especialmente a educação escolar e extra escolar.

Em perspectiva formal e institucionalizada, como é o caso da escola, a educação caracteriza-se por ser um campo que contempla as esferas sociais em que trilharam-se as relações de intersubjetividade, as crenças, os valores, os processos de ensino e aprendizagem, entre outras questões.

A escola torna-se um local propício para trabalhar e debater sobre respeito, para entender e conhecer as diferenças, portanto, a educação deve apresentar-se de forma plural, tendo como proposta a diversidade. Nesse contexto, é importante acentuar as reflexões a respeito do feminismo, do machismo, da homofobia, do racismo. Portanto, a questão de gênero é um dos aspectos que engloba o tema da diversidade. À frente dessa premissa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pontua que uma das principais competências é:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas, e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p. 9).

À vista disso, entende-se que as instituições escolares devem desenvolver práticas educativas direcionadas para a liberdade, para a autonomia, para a cidadania e delinear o que concerne a rigidez dos padrões de conduta determinantes para meninas e meninos. Cabe à escola desconstruir os estereótipos de gênero. No entanto, é preciso salientar o fato de que, apesar de não exercer atualmente o caráter de tolher e disciplinar os sujeitos, tal instituição ainda sim é encarregada de exercer o papel de reprodutora da ordem vigente. A escola adapta-se às ditas

exigências governamentais. O que ocorre é que, por vezes, a escola permanece desconsiderando os comportamentos antagônicos relacionados ao gênero. Nesse sentido, Louro (2014, p. 89-90) pontua:

Portanto, se admitirmos que a escola não apenas transmite, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecermos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com a participação ou omissão; se acreditarmos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas especialmente, para tentar interferir na continuidade dessa desigualdade.

Não obstante, o atual cenário tem fomentado debates assertivos e corroborativos a fim de assegurar as pautas que envolvem as questões relacionadas a questões de gênero, à sexualidade e ao direito das minorias, conseqüentemente, muitos avanços a favor da permanência desse público nas instituições de ensino têm sido implementados. Mesmo que seja ações principadoras, tais mudanças não serão alcançadas apenas mediante publicações de leis, é preciso um trabalho incisivo que ocasione sagacidade e mudanças na inteligência para combater as repulsas e os conceitos errôneos.

A questão da sexualidade é imbuída por fatores sociais, culturais, históricos, conservadores e heteronormatizantes. Assim, é preciso ir muito além dos conceitos cristalizados, é preciso desmontar as antipatias escondidas que persistem no seio social, e problematizar a normatividade que aniquila e fere determinados grupos, que coíbe os gêneros em sua pluralidade, a cultura da desvalorização humana. Portanto, a escola torna-se uma das instituições primordiais para fomentar tal discussão.

Ademais, Lavínia conclui a sua entrevista evidenciando:

Eu concluí o ensino médio e poderia sim ter tido outras oportunidades na vida. Eu era boa aluna, inteligente, você ver aí que eu falo bem. Poderia ter feito uma faculdade, mas pra isso eu precisava ir contra a minha existência, quem eu sou de verdade. Doía eu olhar no espelho e me ver vestida de homem, isso é um sofrimento muito maior que os altos e baixos que passei na rua. Eu já tive medo da rua? Várias vezes, mas aqui eu sou eu de verdade e em casa eu era uma farsa. Eu precisava escolher, ou eu seguia uma vida dentro dos padrões que meu pai achava que era o certo, ou ia ser quem sou de fato, eu sou travesti então, eu preferi viver a minha verdade, eu sou tudo aquilo que a minha família condena e a sociedade que apagar (Lavínia, 2018).

Na ocasião da coleta de dados, Lavínia havia deixado de viver integralmente da prostituição, pois ela já estava com 50 anos e isso configurava um certo impedimento para ganhar a vida se prostituindo, ela afirma que a concorrência é grande e que as “bichas” ficavam

fazendo alusão às outras travestis, que eram novas e bonitas. Então, ela fazia programas esporadicamente e frisou: “quando vou pra esquina eu vou muito bem maquiada, muito bem produzida, porque a concorrência é grande e eu já sou uma cabra veia²⁴, mas eu ainda tenho meus encantos né e consigo ganhar meu acúer.²⁵”

No período das entrevista, Lavínia estava participando de um projeto intitulado Novos Caminhos, que consistia em uma parceria entre o grupo Apoena Curso Técnico e a Prefeitura de Fortaleza, cujo propósito era a reinserção social de dependentes de álcool e droga que vivem em situação de rua, através de cursos de qualificação profissional. Lavínia fazia o curso de auxiliar de cozinha e estava concorrendo a um bolsa por ter se destacado durante as atividades do curso.

Foto 11 - Registro realizado na casa da entrevistada durante o período em que ela se produzia para ir ao seu curso de culinária



Fonte: Freire (2018).

No momento em que a foto foi realizada, Lavínia se maquiava em seu quarto. Ela apresentava um semblante sereno e feliz. A moça relata a sensação de se olhar no espelho, então ela diz:

Eu gosto na minha aparência, eu me acho bonita, eu gosto de passar uma batom, de pintar o olho, de colar cílios, de passar *blash*, de passar pó. Ao mesmo tempo, eu volto ao passado e lembro que ele é o meu algoz, porque me foi negado o direito de ser, quem realmente sou. Era muito difícil me olhar em um espelho e me ver presa a uma imagem que não me representava, que eu não identificava. Eu sei a dor e a delícia de ser travestis (Lavínia, 2018).

²⁴ É termo usado de forma pejorativa para indicar que o sujeito não é mais jovem, que amadureceu.

²⁵ Significa dinheiro.

As memórias expostas no relato de Lavínia atentam uma discussão trazida por Nascimento (2021), ao explicar que as travestis ao utilizar maquiagem, hormônios ou recorrer às intervenções cirúrgicas, elas não intencionam terem a sua aparência semelhante ou próxima dos sujeitos cisgênero, na verdade, elas performaram a suas identidades de gênero por meio de copiosos atravessamentos.

4.3 Vou mostrando como sou e vou sendo como posso

Como a sociedade percebe as travestis? Esse questionamento parte de Priscilla, no momento em que a entrevistava. A interlocutora pontua que as travestis têm a sua imagem associada a tudo que é condenável pela sociedade.

As travestis são tratada como um lixo, como bandidas, agressivas, a bicha perigosa que rouba, a desviante, a que carrega o vírus do HIV, somos consideradas o entulho da sociedade, mas travesti não é nada disso. Somos amor, alegria, paixão, emoção, a gente ri, a gente chora, a gente goza, temos nossas emoções. Então eu luto para mostrar quem eu sou, como eu sou e vou sendo como posso, do jeito que vida me permitir ser (Priscilla, 2017).

A discussão levantada por Priscilla remete a um debate acerca do firmamento e do martírio que cerne a experiência da travestilidade. Apontando não apenas a sujeição do indivíduo à ordem vigente, mas também a sua obstinação, a incoformidade, o desprazimento, as mágoas, as zangas e as revoltas.

A existência das travestis é marcada pelas sobrecargas entre o tangível e o intangível, pela problematização do normal e do patológico. As travestis padecem em decorrência dos rompimentos que perpassam a sua história: o rompimento com a instituição familiar, com a instituição escolar, das noites de batalhas nas esquinas, das violências físicas e psicológicas, da vontade de viver um amor, da solidão e do abandono. A fala da entrevistada torna-se congruente com a música *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque, quando diz: “Joga pedra na Geni, joga pedra na Geni, ela é feita para apanhar, ela é boa de cuspir”. Alinhada a essa percepção, Priscilla relata:

Eu fui presa pelo seguinte, eu matei um cara. E por que eu matei esse cara? Ele ficava me perturbando quando ele bebia. Na verdade, ele pegou uma despeita comigo. Porque meu namorado, passava à noite roubando antes de me conhecer saía com ele para a feira para vender os roubos e quando ele me conheceu, ele parou de fazer isso e se afastou desse cara, então esse boy ficou despeitado comigo. Mas eu tinha deixado esse meu namorado e um dia eu estava voltando de um programa virada da sexta para o sábado e quando foi de manhã, esse cara viu passando na rua e me pediu um trocado. Aí eu disse: eu não tenho trocado vamos lá no bar trocar, que eu pago tua dose e vou ficar por lá bebendo. Aí eu fiquei lá bebendo. Do nada esse cara ficou bêbedo e veio

para cima de mim me agredir. Eu comecei a gritar e a população ficou só olhando, eu gritava para que chamassem a polícia para evitar que pior acontecesse, pois eu sabia o que eu era capaz. Aí, a gente lá brigando e eu corri para uma lojinha que tinha ao lado bar, uma loja de móveis usados. Eu entrei nessa loja para puder me salvar, pois esse cara não tinha uma fama boa e eu sabia que ele era capaz de me matar. Mas o dono do estabelecimento pediu que eu me retirasse pois não queria problema, então eu saí, mas quando eu estava saindo eu vi uma faquinha de ponta fina em cima de mesa que tinha lá. Eu peguei a faca e coloquei dentro do short. Quando eu saí da loja, eu disse para o cara: não venha para cima de mim, pois eu não vou responder pelos meus atos. Até porque, esse cara já havia me furado na testa com um palito de espeto. Aí, ele veio com tudo para cima de mim gritando: eu não tenho medo de você viado safado, tu vai morrer. O bofe era atrevido. Nós entramos em luta corporal no chão e então, eu puxei a faca e dei uma furada nele. Foi só uma facada, mas que atingiu o pulmão dele. Eu pensei que ele não tivesse morrido. Ele mesmo furado continuava em cima de mim, mas ele me soltou e saiu caminhando deu quatro passadas e caiu de bruços no chão. Quando eu fui tentar correr, a população que antes não havia me ajudado, que me viu eu sendo agredida e nada fez para evitar a confusão, correram atrás de mim e me seguraram. Eu também não tinha mais forças para lutar pois eu estava cansada. Quando eu estava apanhando ninguém fez nada, mas quando eu cometi o delito todos vieram pra cima de mim, me seguraram e chamaram a polícia. Eu agi para me defender, mas fui julgada como sendo um viado que deveria morrer, se apedrejada. As pessoas que ficaram me segurando até a polícia chegar, eu não tinha valor nenhum, ou seja, eu tinha que apanhar calada, pois eu já era errada só por ser travesti (Priscilla 2017).

As narrativas produzidas por Priscila se alicerçam às disposições apresentadas por Kulic (2008), ao sinalizar que as travestis compõem o grupo mais marginalizado, temido e menosprezado de nossa sociedade. Sua imagem sempre estampa as páginas dos noticiários policiais. Assim, muitas travestis evitam vivenciar a sua feminilidade de modo integral, pois ainda ocorre muita rejeição e intolerância em relação a elas. Neste sentido, o referido autor enfatiza que: [...] São de tal forma discriminadas que muitas evitam aventurar-se nas ruas durante o dia. Elas são vítimas frequentes de violência policial e assassinatos.

Contudo, Priscilla destaca que, em meio a um cenário estigmatizante e violento, que permeia a figura da travestis, “um anjo” cruzou o seu caminho. Ela explica que responde pelo citado crime em liberdade, pois um dos policiais que atendeu a ocorrência testemunhou a seu favor, concluindo que o crime foi em legítima defesa.

Na minha última audiência, o juiz perguntou aos policiais que atenderam a ocorrência, se a população havia relatado que eu estava sendo agredida antes e aí um dos policiais disse, que eu havia sido agredida primeiro, que eu pedia ajuda e ninguém se importou e que eu só me defendi. Então, juiz me deu o alvará de soltura, pois entendeu que foi em legítima defesa. Eu passei um ano presa. Quando completou um ano, o juiz disse que estava na hora conceder a liberdade provisória. Eu era réu primária aí concederam a liberdade, mas faz um ano e três meses que eu assino o papel da liberdade provisória, todo mês eu assino. Eu posso estar onde for, faça chuva, faça sol, eu estando bruxa ou não, eu vou assinar esses papéis, pois eu sei o que passei no presídio (Priscilla, 2017).

Priscilla descreve que, durante a sua passagem pelo cárcere, ela passou por uma rebelião e o pavilhão no qual ela se encontrava foi invadido por um grupo de detentos cuja

intenção era matar todos os presos que lá se encontravam, pois esse pavimento abriga os presos que cometem crime de: Maria da Penha, pedofilia, que cometem “duzetão”, que é o crime de estupro. Logo, Priscilla relata:

Travesti é menosprezado até na hora de ser presa. Lá no presídio, tem a rua da Babilônia que é onde fica os caras cometem 157, 121, tráfico e tem a rua do seguro que onde fica os caras que cometem duzentão, os estupradores, os covardes que agride mulher, e aí eu fui parar nessa rua, porque era a única que aceitava travestis. Então, quando tem rebelião a primeira rua a ser invadida é a rua do seguro, onde eu estava, pois os caras não gostam dessa galera. Eu lembro que depois dessa rebelião, fomos transferidos para um outro presídio (Priscilla, 2017).

No entanto, Priscilla também relata um outro viés de sua passagem pelo cárcere:

Lá no presídio eu ficava de mulher. Eu customizava meu uniforme lá conseguia papel crepom, esquentava água e tingia o uniforme de rosa, fazia o jeito das bichas né. Lá tinha um monte de travesti, a gente colocava o som e começava a dançar, lá tinha uns goro. Goró é uma cachaça feita de pão e café. Tem os garrações de cinco litros de água, ao longo da semana a gente enche o garrafão com o café e o pão que sobra da merenda. O pão tem fermento e o café vai ficando estragado, aí vai afermentando e fazendo uma cachaça. Eu fica lá fraca de bêbada dançando com as bichas. Também tinha muito atraque das bichas, uma ficando com o boy da outra. Lá eu também tinha meus boys né querida. Eu não recebia visita. Mas no dia da visita eu fazia amizade com as mulheres dos outros presos, fazia troca eu dava a minha chinela branca para elas e elas me davam uma roupa, me davam um short. Algumas mulheres gostam de fazer amizade quando percebem que as travestis são na dela, não ficam com enxerimento, pois ela pensavam assim: se eu aqui essa travesti já é desse jeito com o meu marido, imagina quando não estou. Tinha cara lá que eu era casada com eles, eu namorava a semana com eles e quando era dia de visita eu ia para o banho de sol para eles ficarem a vontade com as esposas. E o boy era babado. No presídio as coisas são muito difíceis para quem não tem visita, para conseguir um shampoo, itens de higiene é difícil né. E os boy me davam, até pó descolorante que nem entra essa coisas eu tinha lá, eu tinha batom, rímel, até celular eu tinha lá dentro. As bichas ficavam passada (Priscilla, 2017).

Para mais, Priscilla disserta sobre sua ida a São Paulo, a sua experiência com o silicone e sua sexualidade. Ela afirma que morava no interior do Ceará, na cidade do Crato, com a sua avó e o seu irmão. No entanto, o irmão foi assassinado pelos próprios primos, pois ele extorquia sua vó; e sua vó ficou doente e faleceu, logo, ela ficou desamparada e precisou ir em busca de conseguir dinheiro para se sustentar. Ela descreve:

Todos aqueles que eram a minha família morreram e eu fiquei sozinha no mundo. Aí, eu tive que começar a me virar e então eu fui trabalhar em um bar no distrito do Crato e lá eu conheci uma gay que tinha um salão e era um período de fim de ano e o salão fica lotado a gay não estava dando conta do serviço então e aí me chamou para ir ajudar e eu fui. Lá no salão eu ajudava a aplicar uma tintura, a lavar um cabelo, lavar toalha, passar um café. Aí eu fiquei na casa da gay dois meses e lá eu conheci outra gay que disse assim: bicha tu é bonita, não tem interesse em virar travesti não, ficar com corpo de mulher? Ora quem que não quer? Eu disse né, oh mulher eu tenho (risos). Aí essa gay ligou para uma cafetina e a cafetina perguntou como era, perguntou se eu bebia, se eu fumava, se eu cheirava... E eu na época né eu realmente nem sabia que era essas coisas, eu nem cigarro usava. Aí cafetina comprou a

passagem lá e eu peguei aqui em Fortaleza com a minha identidade no guichê. Aí eu cheguei lá no terminal no Tietê, eu fui de ônibus para São Paulo. Quando eu cheguei lá na rodoviária a cafetina tava me esperando, eu tinha acabado de fazer 18 anos. Eu fui pra São Paulo fazer programa pensando que era mil maravilhas, quando chegou lá foi só doce. Porque é assim, eu cheguei lá com o corpozinho de homem bem magrinha aí os homens ficam tudo doido pela gente, ver que a gente é inocente tá vindo do Nordeste e eles não tem interesse em pegar aquelas que já estão lá. Eles querem a novidade, a carne nova.

Priscilla começa a se prostituir em São Paulo. Ela foi trabalhar para uma cafetina; ela pontua que antes de ir a São Paulo nunca tinha se prostituído, mas, diante das circunstâncias, sem amparo familiar e movida pelo sonho de transformar o corpo, encarou a prostituição como uma forma de mudar de vida, mas ela retrata os contratempos vivenciados em São Paulo.

Aí essa cafetina me levou para uma casa... Essa casa era um bordel só de travesti, a estrutura da casa é um duplex, aí as travesti fica no andar de cima olhando para as “novatas” menosprezando porque a gente chega lá feinha né, chupando manga. Mas os homens não querem saber disso né! Aí, as travestis que estão lá mais tempo para não ficar por baixo, ficam se desfazendo das novatas, pois elas já são tudo montada, já tem peito, já tem cabelão, já tem a bundona, o nariz pequeninho... as bichas são belíssimas e ficam dizendo assim: olha aí essa gay que chegou do Nordeste. A maioria das travestis que trabalhavam nessa casa era da região Norte e Nordeste, do Ceará e de Belém do Pará. Aí elas diziam assim: Belém beleza, Ceará tristeza. As bichas do Pará, tem o cabelo liso na cintura, os olhos puxados, eu me cortava todinha, mas não era de inveja e sim, admirando a beleza da pessoa. Algumas nem barba tem, nem maquiagem passa, acorda de manhã veste só uma causa jeans, coloca um top e tá pronta para ir pro mundo. Bicha quando eu cheguei nessa casa, eu fiquei impactada! Cheguei na casa um monte de travesti com os peito do lado de fora só de calcinha, eu fiquei assustada, eu pensei logo assim: o que eu vim fazer aqui? Eu acho que eu não vou conseguir um cliente e vou ficar é endividada. No primeiro dia que eu cheguei lá, a cafetina libera a gente para descansar... Mas eu lá quis descansar, eu fui pra rua fazer programa para consegui o dinheiro para pagar minha passagem, pois chegamos lá devendo (Priscilla, 2017).

Desse modo, Priscilla relata como foi a experiência do seu primeiro programa:

No primeiro programa, eu nem sabia o que fazer direito. Não sabia como agir. O meu primeiro cliente foi uma maricona que era caminhoneiro. Uma travesti chamada Tamara, me ensinou a forma de abordar e negociar o programa. A Tamara disse assim, bicha o cliente vai chegar e perguntar quanto é o programa e você vai dizer o seguinte: é R\$30 no drive e 50 no hotel, mas se você ver que é uma maricona fina, com dinheiro, você cobra 70. Eu segui para o ponto e fiquei aguardando o cliente. Os cliente chegavam e eu tinha o sotaque bem puxado porque eu sou do Crato, então eu dizia assim: mênino é 30 no drive e 50 no hotel. O meu primeiro programa foi uo, eu era muito inexperiente e tímida. O meu primeiro cliente veio com a conversa, de pedir para eu chupar sem camisinha. Ele disse que era casado, que era limpo, livre de doenças venéreas. Eu não aceitei fazer sexo com esse cara sem camisinha, mas eu tenho clientes que eu faço sexo sem camisinha sim. Aqueles boys babados, com uma pele que não tem aqui no Ceará, eu topava fazer sexo oral sem camisinha. Era cada carrão que parava na esquina que eu ficava me questionando, sério que esse cara vai sair comigo mesmo?

Sendo assim, a atividade da prostituição exige uma intensa rotina de trabalho e produtividade, o corpo é solicitado e exaurido. A travesti se condiciona, a fim de atender as

exigências de seus clientes. Dessa forma, a travesti passa a ser um corpo produtivo, mecanizado, instrumentalizado, que trabalha, que representa, que se cala aos caprichos e às vontades dos clientes, abatendo-se de total subjetividade, apresentando-se, então, como um corpo dócil na concepção Foucaultiana: “ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (Foucault, 1997, p. 132).

Destarte, qual o limiar entre o desejo e o perigo? O que condiciona a relação travesti e cliente? Priscila pontua que, durante a sua passagem pela prostituição, ela entendeu que o preservativo pode configurar uma moeda de troca, mas nem tudo é permissível e nem tudo é previsível entre a travesti e o cliente.

O preservativo é a nossa ferramenta de trabalho digamos assim. É a nossa proteção, porém pode ser negociável. Às vezes, o cliente oferece um dinheiro a mais para transar sem camisinha, tem cliente que é sacana e tira a camisinha no meio do sexo, às vezes rola um afeto pelo cliente e a gente topa fazer sem camisinha, se a gente confiar no cliente né. Às vezes, o cliente não quer colocar a camisinha e agredi a gente. Mas eu evito fazer sexo sem camisinha, como eu disse o oral até que ainda me arrisco, quando boy é babado. Mas quando é maricona eu tô fora (Priscilla, 2017).

E Priscilla prossegue:

Quando a gente vai fazer um programa e pega a camisinha para colocar e o bofe vem com a história: vamos fazer sem camisinha que eu sou casado. Desconfie, isso já é o caô, o bofe tá é doente, mas se você ver, tu não diz nada que o homem tem doença, bellissimo. Eu já saí uma vez com cara que ele tava doente, que pênis dele tava com umas feridas. Eu fiz sexo oral nele, mas foi com camisinha e eu só fiz porque ele me deu um aquê (dinheiro) bom e também, porque eu estava sem dinheiro nesse dia.

No mais, Priscilla esclarece que faz exames regularmente a cada seis meses e que durante o seu trajeto pela prostituição chegou a contrair algumas infecções sexualmente transmissíveis, mas nenhuma que fosse tão grave a ponto de não ter cura. Ela faz a seguinte colocação: “eu já cheguei a contrair sífilis, mas tem tratamento à base de antibióticos, eu tomei injeções de penicilina e fiquei curada”.

Quando questionada sobre as suas transformações corporais e sua sexualidade, Priscilla esclarece:

Em relação a minha sexualidade, eu descobri desde de criança. Eu fui abusada na infância pelo meu irmão de criação. Minha vó saí e eu ficava sozinha com ele em casa e ele dormia no mesmo quarto que eu, ele trabalhava em um club e chegava em casa meia noite e quando ele ia deitar, ele ficava me alisando. Fazia sexo oral comigo e eu me sentia reprimida diante dessa situação. Eu tinha medo de falar para a minha família. Eu tinha 10 anos e ele tinha 25. Desde desse tempo que fui abusada, eu fui percebendo que não gostava de meninas, eu fui descobrindo a minha sexualidade. Eu lembro que eu trabalhava em um bar no Crato, e nessa época, eu comecei a me vestir de mulher. Eu era tão magrinha, tinha pernas tão finas, só tinha cabelo, mas sempre feminina. Eu sempre tive axé para homens. Eu lembro que lembro que eu trabalhando no bar, os caras davam em cima de mim e eu fazia a Kátia cega, pois nessa época eu

era muito “inocente” eu não sabia como agir, então era melhor dar uma de desentendida, fazer de conta que não sabia o que eles estavam falando. Mas o tempo foi passando, eu ficando mais maliciosa, eu comecei a ficar mais desinibida e transformar meu corpo lá em São Paulo.

Priscilla esclarece que, ao chegar em São Paulo, buscou juntar recursos financeiros para construir o seu corpo e assim externalizar toda a feminilidade que ela guardou por anos em seu imaginário, pois apenas usar apetrechos do vestuário feminino não era suficiente. Ela almeja ficar o mais próximo possível da figura feminina e, para isso, era preciso usar o líquido mágico que modela e dá formas femininas ao corpo travesti. O Líquido mágico, o silicone industrial. Em seguida, ela disserta sobre o caminho que percorreu para realizar o sonho do corpo feminino:

Ai para colocar o silicone? Foi assim quando eu cheguei em São Paulo, em uma semana eu paguei a passagem e aí comecei a juntar o dinheiro do silicone. Eu trabalhei dia e noite para conseguir o dinheiro do silicone. Eu ia trabalhar de dia e quando era à tarde eu descansava, as 20h eu volta para trabalhar e ficava até a madrugada. Eu não gastava dinheiro com nada. Eu juntava de 300 a 400 por semana aí dava na mão da cafetina, ela que ajeita esquema do silicone. Meu silicone saiu por 1500, coloquei 2 litros. O meu silicone é industrial. Quando eu fui colocar, eu queria ter colocado logo peito, mas as bicha ficavam dizendo que não era axé eu colocar peito antes de colocar bunda. Lá no bordel elas todas fazem primeiro a parte de baixo, monta logo a bunda. Porque somos homens temos umas entradas, não temos curvas de mulher. A gente tem esse buraco no quadril todo reto de oco. Já a mulher, por mais que ela não tenha o quadrilão e bunda, ela é toda retinha, tem estrutura para quadril e bunda. O homem ele tem o ombro largo, não tem peito e embaixo é fino. Então, a gente ajeita logo a parte de baixo, tira esse buraco (Priscilla, 2017).

E então Priscilla realiza o seu sonho de bombar:

Quando eu cheguei lá na bombadeira, ela me deitou no sofá cama, colocou uma toalha e disse para eu ficar nua que queria olhar meu corpo. Aí ela vai marcando o corpo com um pincel e vai marcando o local das agulhadas. Ela vai vendo como vai distribuir o silicone, os dois litros. Cada buraco, cada furo é que corresponde a um copo americano. São seis buracos de cada lado. Doí muito. A parte que doeu mais, foi entre as coxas, para fechar as coxas e a da quebrada para fazer a cintura. É uma dor insuportável. A agulha é imensa, a primeira que entrou... Meu Deus do céu... Eu comecei logo a dar uma suadeira e a bombadeira dizia: bicha você não pode gritar para não chamar atenção dos vizinhos porque nós estávamos em um apartamento. A minha solução para suportar a dor era morder a toalha. Aí eu dizia que não ia aguentar, que queria desistir e a cafetina olhava para mim e disparava: você vai aguentar, você aguenta outras coisas, você foi inventar. No dia que eu fui, eu tinha que ir em jejum e não pode comer nada reimoso, nem chocolate, nem nada. Depois que ela aplica o silicone, vem a amarração. Essa amarração é feita com uma meia calça cor da pele e serve, para definir o quadril e o silicone ficar duro e nem descer e nem subir. Essa amarração queima horrores, feri a pele. E durante a recuperação, a gente fica em uma dieta a base de líquido. Toma água de coco, caldinho de arroz. Eu passei dez dias sem defecar. Eu tirei a amarração com uma semana. Aí eu desobedecei as recomendações e fui para boate e meu silicone desceu um pouquinho para o pé. Quando eu me olhei no espelho e vi aquele corpo belíssimo um tubinho com cintura bem fina eu disse: eu quero ir para rua. Quando eu cheguei na rua, os caras que nem olhava para mim, ficaram tudo doido. Eu saí com um alemão do olho verde que nunca parava para mim, ele só saí com bicha feita, que tem silicone.

O corpo constitui-se como um pecúlio no qual dispõem tanto as travestis que disponibilizam os serviços sexuais, quanto os clientes que vão em busca do tal serviço. Conseqüentemente, as travestis que dotam predicados que se aproximam dos considerados femininos, tais como seios fartos, cabelos longos, vestimentas justas e decotadas, quadris largos, bumbum escultural, denotam de um maior poder para negociar o programa e os valores a serem cobrados. Tal qualmente, um cliente que atende ao padrão de uma masculinidade verdadeira, viril, dito “padrão” assume potencial para conseguir abatimentos, sexo sem camisinha e até mesmo gratuidade no serviço solicitado. O fato fica evidente no relato de Priscilla, ao descrever: “quando boy é bonito, estilo europeu, gringo, novinho, todo musculoso a gente vai até de graça, quem dirá pagando”. Agora quando é as “mariconas” que eu ainda tenho que fazer a ativa, eu cobro mais caro”.

Diante das questões expostas, Santos (2015, p. 177-178) destaca que:

Para muitos, ainda, a travestis é compreendida como um ser exótico. Seu pênis lhe confere um status diferenciado, mesmo que não seja utilizado para a penetração do cliente. Ainda que não fique totalmente ereto ou seja manuseado pelo cliente, a presença do pênis em uma performance de gênero feminina, define uma dinâmica própria da relação entre o cliente e a travesti.

Assim, as conotações apresentadas pelo autor, tal como as interlocuções dispostas por Priscilla, denotam a percepção empregada pelas travestis em relação aos seus clientes. Quando o cliente apresenta-se dentro de arquétipos que compõem os aspectos heteronormativos e isso inclui tanto atributos físicos, quanto as conotações sexuais em atuar como ativo, podem até conseguir programas de graça, mas se for uma maricona, que elas consideram desprovidas de atributos físicos corporais e tão pouco dispõem da masculinidade desejante, são tratados com um certo desdém, visto que não têm poder de negociação, e quem dita as regras são as travestis.

Tal como as demais entrevistadas, Priscilla também foi vítima de violência em suas noites de rua. Dentre as quais, ela relata, com lágrimas nos olhos, o dia em que foi agredida com um taco de *baseball*:

Essa cicatriz aqui no meu nariz, foi um bofe que me agrediu. Eu estava sozinha na esquina e eu estava indignada nesse dia, porque eu estava pensando igual uma cachorra, porque eu ainda não tinha feito o dinheiro diária do hotel que eu morava e já estava quase amanhecendo e o dinheiro que tinha apurado, eu gastei com cocaína. Aí quase de manhã, eu tava trabalhando lá perto da zona, que é o local onde rola prostituição feminina. Aí os bofes passaram várias vezes de carro, o carro era até um corolla prata, eu lembro como se fosse hoje. Eu já estava indignada e bêbeda e toda vida que esses boys passavam, eles ficavam me tirando: olha o viado, era uns playbozinho vei... Aí o que foi que fiz, peguei uma pedra e joguei no vidro do carro. Tinha dois caras no carro, eles seguiram em direção ao Centro da cidade e eu continuei na esquina. Fiz um programa e retornei para esquina e essa rua que eu estava, era escura e nesse dia só estava eu, todo mundo tinha ido embora. Eu morava ao lado da esquina que fazia

programa e por isso eu ficava mais tempo. Eu estava de costas e senti só aquela puxada de cabelo, era os bofes do carro, mas agora eles trouxeram reforço, eram quatro bofe. Eu apanhei que desmaie. Eles quebraram o meu nariz com taco de baseball, eu fiquei internada. Eles ia me matar. Perdi todos os sentidos, acordei no hospital. A minha sorte, é que uma prostituta ia passando e chamou a viatura.

A realidade de Priscilla não escapa a de muitas travestis: atravessadas por contextos de prostituição, violência, envolvimento com drogas. Em suas narrativas, ela enfatiza que nunca trabalhou de carteira assinada, não terminou os estudos e tem o ensino fundamental incompleto. Em relação as suas sociabilização na escola, ela retrata que sofreu preconceitos nesse espaço, mas não foi algo a deixasse traumatizada, além do mais, ela tinha um grupo de amigas que a protegiam das chacotas desferidas pelos demais alunos. A narradora também pontua que foi na escola que teve a sua primeira experiência sexual, a qual ela detalha:

Na escola eu tinha meus paquerinhas, aí para eu ficar com o menino que eu gostava, eu pedia a professora para ir ao banheiro e ele pedia em seguida. A gente ficava escondido no banheiro. Inicialmente era só beijinhos, mas um dia ele abaixou as minhas calças, tampou a minha boca me puxou para o box do banheiro e me penetrou. Um mix de confusão passou na minha cabeça e no um coração. Ao mesmo tempo que eu tinha medo, eu também estava gostando da sensação. Foi a primeira vez que eu gozei. Após encerra o ato ele olhou pra mim e disse: “se você contar para alguém, eu te mato” e em seguida me deu um beijo. Ele gostava de mim, mas não podíamos viver os nossos desejos, eu não podia e até hoje eu ainda não posso sair por ai de mão dados com o meu boy, tu imagina aquela época em uma cidadezinha do interior. O fato de ser afeminada já era escandaloso. Na época da escola eu ainda não me vestia de mulher, eu não me montava, ia vestida de gay, mas eu sempre tive axé pra homem (Priscilla, 2019).

As interlocuções trazidas por Priscilla abrem o debate acerca do desenvolvimento sexual das travestis que escapam os ditames sociais. Os primeiros contatos afetivos e sexuais se dão no limite da transgressão: no matagal, em um beco escuro, no banheiro, sempre aligeirado para não ser flagrado, pois essa relação deve ser silenciada, não podendo se desdobrar de modo tangível, aos “olhos” e ao entendimento de sistema normativo e moralista que impõe o que é certo e o que é errado; o gozo da travestis vai de encontro com “CISstema²⁶” operacional implementado e, por isso, deve ser tolhido, abominado.

²⁶ A palavra sistema é grafada com prefixo Cis em alusão ao padrão cisgênero ao qual somos submetidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão apresenta as tessituras traçadas por um grupo de travestis que, na empreitada para ser, fazer e tornar-se travestis, vão construindo experiências, histórias, vivências, saberes, processos culturais, sociais, ressignificando as suas relações de sociabilidade, de subjetividade e intersubjetividade, a forma de se perceber e de se relacionar com o outro e com o espaços que as cercam.

No que tange às interlocuções presentes neste estudo, é possível perceber que as travestis percorrem caminhos em comum, inicialmente, elas rompem os vínculos familiares e isso configura o passo inicial para que elas se construam enquanto sujeitos travestis. Tal processo começa geralmente na adolescência, antes de completarem 18 anos. O distanciamento do seio familiar decorre da incoerência comportamental que se espera que um garoto apresente.

Consequentemente, os olhares da família se voltam para esses indivíduos com foco em sua sexualidade, dando um caráter erótico ao desejo e à vontade do garoto em apresentar-se na condição feminina. Da mesma forma, as travestis que participaram desse estudo denotam que ainda na pré-adolescência, por volta de treze anos de idade, elas perceberam o desejo por meninos, assim, a sexualidade atua como um ponto fulcral na experiência da travestilidades das sujeitas entrevistadas.

Para mais, a ruptura com os laços familiares possibilita interferências corporais perduráveis, considerando que a família se dispõe como um campo de coação no que cerne às transformações físicas irreparáveis; esses processos iniciam como traquejos corporais que expressam feminilidade e se constituem até que as travestis alcancem o que for de mais tangível e próximo do corpo de uma mulher. Contudo, a corporificação desse feminino encontra nas esquinas, nas ruas, nas praças, nos becos, nas vielas e consequentemente na prática da prostituição uma expectativa.

As colaboradoras desta pesquisa tiveram as suas vidas atravessadas pela ruptura familiar, pela violência, pela exclusão das instituições de ensino formal, pela droga, pela prostituição e pelo cárcere.

Diante das questões apresentadas, tomo como nota que as travestis constituem um itinerário de luta, de resistência, de coragem, de pertinácia, de intrepidez e bravura. Elas precisam ser notadas, ouvidas, acolhidas, ocupar espaços de convivência e sociabilidade. Para tal, faz-se necessário inicialmente pensar em ações orçamentárias que permitam a implementação de políticas públicas a fim de capacitar, por exemplo, os profissionais da educação para que sabiam como lidar com as temáticas relacionadas à comunidade LGBTQIA+

da melhor forma possível, buscando garantir o respeito nos espaços escolares, pois um dos inúmeros melindres que esses sujeitos enfrentam é relacionado à evasão escolar devido à eminentemente violência institucional que sofrem e isso acaba por abrir lacunas em suas vidas, prejudicando o processo de aprendizagem. Muitas vezes, as travestis não conseguem ingressar no mercado de trabalho e recorrem à prática da prostituição como um meio de sobrevivência.

À vista disso, investir em políticas inclusivas para o citado público é basilar, pois são essas ações que possibilitam ampliação dos debates em salas de aula, que geraram políticas de empregabilidade, que garantem políticas de acesso à saúde, por exemplo, a fim de permitir que esses indivíduos façam suas terapias hormonais e as intervenções cirúrgicas que considerarem necessárias de forma digna e segura, que assegurem os cuidados com a saúde mental, pois esses sujeitos têm todos espaços sociais negados: é a escola que nega, é a família que nega, é o mercado de trabalho que nega e isso acarreta um desgaste emocional.

Assim sendo, se faz necessário um trabalho educativo permanente que sensibilize todas as esferas sociais, que corrobore para se pensar e visibilizar pautas que promovam políticas educativas, de educação sexual, que desmitifiquem o conservadorismo que moraliza as sexualidades, que questione o fato das travestis estarem na rua se prostituindo e o porquê de não sobrarem outras oportunidades para elas, questionar o fato das travestis pretas, pobres e periféricas serem postas diante de situações tão vulneráveis a ponto de se prostituírem por um prato de comida?

Logo, é preciso entender e ficar alerta à dinâmica e às armadilhas que configuram o sistema cisheteronormativo, que legisla, controla os corpos, os afetos e a liberdade de escolhas; que oprime e nega o direitos daqueles que invertem a lógica desse sistema. Ficar alerta de como funcionam esses ditames significa combater com coragem e buscar garantir com dignidade o direito à existência.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **O Fascínio do vivido, ou que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno Escola sem homofobia**. Brasília: MEC, 2011.
- BRASIL. Ministério Público Federal. **O Ministério Público e os direitos de LGBT: conceitos e legislação**. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Ministério Público do Estado do Ceará. Brasília: MPF, 2017.
- BRASIL. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. **Cartilha da Diversidade sexual e da cidadania LGBT**. São Paulo: SJDC, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CARDOSO, Jéssica Matos; SOARES, Alex Sales; LIMA, Carlos Henrique Lucas. A Subversão do Gênero e o Gênero da Subversão. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 134-144, out./dez. 2017.
- CEDRO, Marcelo. Pesquisa social e fontes orais: particularidades das entrevistas como procedimento metodológico qualitativo. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, ano 1, n. 1, p. 125-135, 2011.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.
- FERRAROTI, Franco. **História e história de vida**. Tradução de: Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passegi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- FERRAROTI, Franco. **Sociologia**. São Paulo: Editora Teorema, 1985.
- IORE, Maurício. Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”. In: LABATE, Beatriz Cauiby *et al.* (Orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: Edufba, 2008. 141-153 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 27 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: 2011.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Camila de Magalhães. **Têmis Travestis**: as relações gênero, raça e direito para uma narrativa expansiva do humano. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Brasília: Revista e ampliada, 2012.

KULICK, Don. **Travestis prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.

LIBANEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: Teoria e Prática. 5. ed. Goiânia, Alternativa, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: RJ Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade.. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARILAC, Luísa. **Eu Travesti**: Memórias de Luísa Marilac. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MATOS, Camila Saraiva de. **Narrativas biográficas de Dandara Aragão**: práticas educativas informais, prostituição e o uso de droga no bordel do centro da cidade de Fortaleza. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2016.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Revista Gênero**, Niterói, v. 7, n. 2, p. 257-269, 1. sem. 2007.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**: Feminismo Plurais. 1. ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

OLIVEIRA, Cirlandio Rodrigues. **O trabalho do antropólogo**. Brasília, DF: Paralelo 15, 2000.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2009.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 –1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SANTOS, Rafael Franca. **As aparências enganam? A arte de fazer-se travesti**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

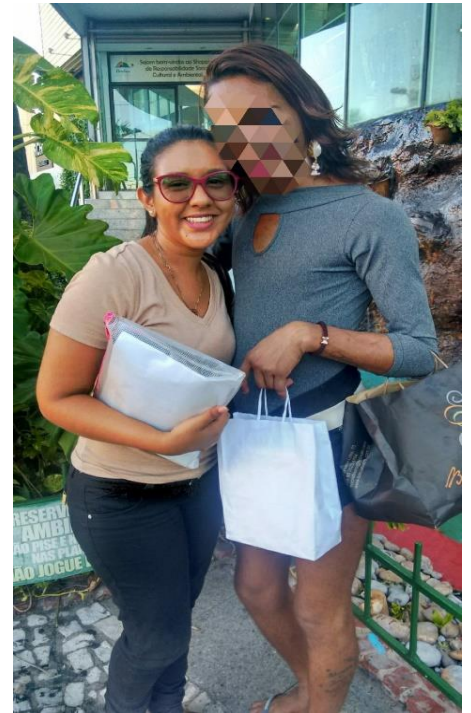
SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de: Waldéa Barcellos. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

ANEXOS

ANEXO 1 – FOTO DAS ENTREVISTADAS



ANEXO 2

GLOSSÁRIO DE TERMOS DO PAJUBÁ QUE FAZEM PARTE DO DIALETO DAS ENTREVISTADAS

Amapô: Mulher

Amapô carne de lata: mulher feia, mal educada

Aque: Dinheiro

Aquendar: Atenção; esconder o pênis

As gay: homossexual afeminado

Atraque: briga; confusão

Babado: Fofoca

Beijo da morte: contaminar, é passar a tia (AIDS).

Boy ou Ocó: homem

Bofe: homem bonito

Cafuçu: homem feio e ignorante

Chucu: pelos, barbas

Carimbo: ter alguma doença sexualmente transmissível

Desanquendar: ir embora, desapegar

Diag: Parar o assunto

Dumdum: homem negro

Edi: ânus

Fazer: transar

Fazer a Chuca: Lavar o ânus

Fazer a Elza: roubar

Fazer a Kátia cega: ignorar algo; fingir que não percebeu

Fuxico, tdb: quando o programa é bom.

Gongar: quando algo não dar errado

Inhaí: cumprimento, mesmo que oi, tudo?

Maricona: termo usado para homens que tem jeito masculino, mas que é na hora do sexo é ativo; gay com mais de 50 anos

Machuda: gay que paga de homem; que força uma masculinidade

Michê: garoto de programa

Mona: travesti

Neca: pênis

Ninfetinha: travestis novas e formas corporais menos exageradas

Se colocar: usar drogas

Tia: ter o vírus HIV

Odara: pênis grande

Ocó: Homem

Oxanan: cigarro

Passar o Xeque: defecar no pênis do parceiro durante o sexo

Pintosa: Homossexual afeminado

Rachada: mulher

Uó: Coisa chata